



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS

PAULO CÉSAR FREIRE SÁ

***“UM COPO D’ÁGUA E UM PALITO...”: PRÁTICAS URBANAS E
SOCIABILIDADES NOS QUIOSQUES E CAFÉS DE FORTALEZA (1886 –
1920).***

FORTALEZA – CEARÁ
2016

PAULO CÉSAR FREIRE SÁ

*“UM COPO D’ÁGUA E UM PALITO...”: PRÁTICAS URBANAS E SOCIABILIDADES
NOS QUIOSQUES E CAFÉS DE FORTALEZA (1886 – 1920).*

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado Acadêmico em História do Centro
de Humanidades da Universidade Estadual
do Ceará, como requisito parcial à obtenção
do título de mestre em História. Área de
concentração: História e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Gleudson Passos
Cardoso.

FORTALEZA – CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Sá, Paulo César Freire.

?Um copo d'água e um palito...?: práticas urbanas e sociabilidades nos quiosques e cafés de Fortaleza (1886 ? 1920). [recurso eletrônico] / Paulo César Freire Sá. - 2016 .

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 111 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Acadêmico em História e Culturas, Fortaleza, 2016 .

Área de concentração: História e Culturas..

Orientação: Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso..

1. Sociabilidade. 2. Práticas. 3. Cafés. I. Título.



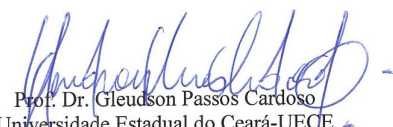
Universidade Estadual do Ceará-UECE
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA
Criado pela resolução N° 520 do CONSU - UECE de 31 de maio de 2005

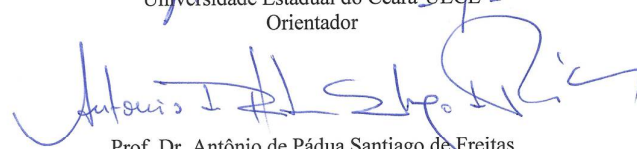


ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO DISCENTE PAULO CÉSAR FREIRE SÁ

Às 14h00min do dia 07 (sete) de novembro de 2016 (dois mil e dezesseis), no Curso de Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará, a Comissão Examinadora da dissertação, para obtenção de grau de Mestre apresentada pelo aluno **Paulo César Freire Sá**, intitulada **“UM COPO D'ÁGUA E UM PALITO...”: PRÁTICAS URBANAS E SOCIABILIDADES NOS QUIOSQUES E CAFÉS DE FORTALEZA (1886 – 1920)**”, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma a nota “9,0” em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores Gleudson Passos Cardoso (Orientador-UECE), Antônio de Pádua Santiago de Freitas (MAHIS/UECE) e Marco Aurélio Ferreira da Silva (MAHIS/UECE). Assinam, também, a presente ata o Coordenador Prof. Dr. Altamar da Costa Muniz e o secretário Adauto Rufino de Lima Neto para os devidos efeitos legais.

Fortaleza, 07 de novembro de 2016


Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso
Universidade Estadual do Ceará-UECE
Orientador


Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas
Universidade Estadual do Ceará-UECE


Prof. Dr. Marco Aurélio Ferreira da Silva
Universidade Estadual do Ceará-UECE


Prof. Dr. Altamar da Costa Muniz
Coordenador


Adauto Rufino de Lima Neto
Secretário

A minha família, meu pai José Martins Sá,
minha mãe Maria Ozanilda Freire Sá e
minha irmã Patrícia Freire Sá, a memória de
meu tio, de quem sinto tanta falta, Arnôr.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar meus agradecimentos pedindo desculpas, ao leitor, caso eu me prolongue, mas acredito ser este um dos momentos mais especiais e importantes de qualquer trabalho e a qualquer um que sinta falta de seu nome nestes agradecimentos, se você considera que de alguma forma fez parte da minha trajetória, esta dissertação traz um pouco de você. Obrigado.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento desta pesquisa.

Agradeço ao Programa de Mestrado Acadêmico em História (MAHIS), pela paciência, ajuda e receptividade. Agradeço a Universidade Estadual do Ceará - UECE.

Agradeço ao GPPUR - Grupo de Pesquisa em Práticas Urbanas, em especial ao eixo Práticas Letradas, organizado pelo Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso, que ofereceu o suporte teórico e metodológico para que esta dissertação pudesse ser realizada.

Agradeço aos professores do Mestrado, Graduação e Ensinos Fundamental e Médio, tendo nestes últimos alguns como colegas de trabalho atualmente. Professores da graduação e mestrado Carlos Jacinto, Gisafran, Fábio, Damasceno, Alexandre Barbalho, Berenice Abreu, Pádua Santiago, Marco Aurélio, Erick Assis, Guilherme, Francelino, Valéria e Samuel, os dois últimos participaram da minha qualificação com contribuições importantes para o prosseguimento desta dissertação. Todos vocês foram fundamentais na minha caminhada. Agradeço ao Prof. Dr. Antônio Luiz (UFC) que se dispôs a contribuir através de suas indicações para esta dissertação.

Agradeço aos professores de ensino fundamental e médio e colegas de trabalho Márcio Lobo, Márcio Loureiro, Rocha Jr., Leuda Ferreira, Sérgio, Iran, Costa e demais professores que fizeram parte do meu ensino fundamental e médio, agradeço as coordenadoras Socorro Vidal e Milena Portela, hoje trabalhamos juntos e espero poder continuar contribuindo. Agradeço a Escola Salomé Bastos. Agradeço aos meus alunos.

Agradeço em especial ao professor e também meu orientador Gleudson Passos Cardoso. Desde a graduação a sua ajuda, palavras e atenção foram os pulmões que deram fôlego a muitos de meus trabalhos, sinto muito pelas falhas e pelos atrasos. Espero de alguma forma ter correspondido à altura.

Agradeço a todos os pesquisadores, historiadores, memorialistas, intelectuais e demais que deram suporte teórico para esta pesquisa, as instituições e pessoas que batalham

todos os dias para a preservação de muitos documentos, obrigado ao sebo *O Geraldo* por ter me ajudado a adquirir boa parte das minhas fontes, agradeço ao Nirez por ajudar a mim e a tantos outros pesquisadores com as suas imagens e demais fontes tão bem cuidadas.

Já que trabalho com a sociabilidade não posso deixar de agradecer aos meus amigos, aos antigos e novos que fiz durante esta caminhada, são alguns deles: Larissa Vilarouca, Gleiciane Nobre, Adriano Azevedo, Sthephanie Oliveira, Priscila Rodrigues, Jéssica Souza, Fernando Costa, Lilian Furtado, Rafael Souza, Rafael Felipe, Felipe Barreira, Rodrigo Cavalcante, Andreyson Silva, Wendell Guedes, Adílson Lopes, Gabriela Bandeira, Patrícia Marciano, Ronald Rodrigues, Reverso Nascimento, Adaiza Gomes, Camila Mota, Monalisa, Luciana, Breno Costa, Hyago Lucas e Emilly Marley Aos demais amigos de graduação, mestrado e da vida.

Aos meus amigos de sociabilidade virtual, que por muitos dias me fizeram sorrir ou simplesmente me deixavam mais cansado e com mais raiva, agradeço ao Edcore. Rich, Kone, Tarala, Moghar, Nakir, Yunas, Gim, Ave, João, Lucas, Dominique e demais amigos. Sim! Vocês estão nos agradecimentos da minha dissertação.

Por fim, mas não menos importante, Cintia Lima, minha companheira, obrigado por ter ficado ao meu lado, pelas tantas transcrições que me ajudou a fazer, você sabe disso, mas faço questão de deixar registrado aqui, sem você eu não teria conseguido.

Sthephanie Oliveira vou agradecer mais uma vez por ter aceitado o "emprego" e me ajudado também com as transcrições, espero que o dinheiro tenha te ajudado, assim como você e o Adriano Azevedo me ajudavam com o dinheiro da passagem ou uma carona, no caso do Adriano, para que eu pudesse assistir às aulas durante a graduação.

Pai, mãe, esta dissertação não vai pagar as nossas contas, infelizmente. Pai, eu juro que tenho tentado, vendi algumas coisas e sempre ajudo da maneira que posso, nós sempre vamos conseguir pagar mais um mês de aluguel. Mãe, obrigado por levantar todos os dias tão cedo e cuidar de todos, jamais vou conseguir trabalhar um terço do que a senhora já fez, mesmo nos meus dias mais cansativos, obrigado a minha avó que sempre viu em mim o que eu nunca consegui enxergar.

Agradeço a todos os amigos que souberam dos meus problemas e se preocuparam e tentaram me ajudar de alguma forma.

Agradeço a todos vocês que passaram pela minha vida e deixaram algum aprendizado, sem vocês eu não estaria aqui.

Obrigado!

Conversa de Botequim

Seu garçom
Faça o favor de me trazer depressa
Uma boa média que não seja requentada
Um pão bem quente com manteiga à beça
Um guardanapo
Um copo d'água bem gelada
Feche a porta da direita com muito cuidado
Que eu não estou disposto a ficar exposto ao Sol
Vá perguntar ao seu freguês do lado
Qual foi o resultado do futebol

Se você ficar limpando a mesa
Não me levanto nem pago a despesa
Vá pedir ao seu patrão
Uma caneta, um tinteiro, um envelope e um cartão
Não se esqueça de me dar palitos
E um cigarro pra espantar mosquitos
Vá dizer ao charuteiro
Que me empreste uma revista, um isqueiro e um cinzeiro

Seu garçom
Faça o favor de me trazer depressa
Uma boa média que não seja requentada
Um pão bem quente com manteiga à beça
Um guardanapo
Um copo d'água bem gelada
Feche a porta da direita com muito cuidado
Que eu não estou disposto a ficar exposto ao Sol
Vá perguntar ao seu freguês do lado
Qual foi o resultado do futebol

(Noel Rosa)

RESUMO

O objetivo principal desta dissertação é analisar as práticas em Quiosques e Cafés de Fortaleza durante os anos de 1886 a 1920, que geraram redes de sociabilidade nestes locais. Busco compreender os espaços dos Cafés, os seus proprietários, os frequentadores destes estabelecimentos, percebendo e analisando as suas práticas nestes mecanismos, voltadas não somente para o consumo, mas para o intelectual e para o afetivo, as canções, as cartas, os poemas, as conversas sobre os mais variados assuntos ou apenas o puxar a cadeira para fugir do sol e descansar um pouco. Essas práticas urbanas redefinem os Cafés, fazendo com que não possam ser observados somente como espaços de comércio, é preciso ter um olhar cuidadoso sob o modo como são praticados por aqueles que ali se inserem, a partir disto são criadas também práticas de distinção, por parte de intelectuais que buscam se destacar naqueles espaços e dar a ele a sua feição. Para isso utilizo livros de memória, crônicas, fotografia, literatura, revistas e jornais de época, buscando cruzar estas fontes para melhor representar as ações exercidas nos espaços e homes que analiso aqui.

Palavras-chave: Sociabilidade. Práticas. Cafés.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to analyze the practices in Kiosks and Cafes from Fortaleza during the years 1886-1920, which generated social networks in these locations. Seek to understand the spaces of cafes, their owners, the patrons of these establishments, perceiving and analyzing their practices in these mechanisms, aimed not only for consumption, but for the intellectual and the emotional, songs, letters, poems, conversations on a variety of subjects or just pull the chair to escape the sun and rest. These urban practices redefine Cafes, causing cannot be seen only as trade spaces, you need to take a careful look in the way they are practiced by those who here fall from it are also created award practices by part of intellectuals who seek to highlight those spaces and give it its present form. To make this possible, i used memory books, essays, photography, literature, magazines and newspapers of the time, trying to cross these sources to better represent the actions carried out in the spaces and homes that I analyze here.

Key-words: Sociability. Practices. Coffee.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Planta de Adolfo Hebster, 1875. Arquivo Nirez.....	31
Figura 2 -	Planta de Adolfo Hebster, 1875. Arquivo Nirez.....	32
Figura 3 -	Uma das alas do Passeio Público em fins do século XIX, Arquivo Nirez.....	35
Figura 4 -	Passeio Público em fins do século XIX, Arquivo Nirez.....	36
Figura 5 -	Parque da Liberdade. Arquivo Nirez. Atenção ao lago citado pelos membros da Padaria no qual vagavam os botes e se observavam os casais e a moça citada no trecho do <i>Pão</i>	41
Figura 6 -	Café Java, Arquivo Nirez.....	50
Figura 7 -	Café/Restaurante Iracema. Arquivo Nirez. Observar a Praça do Ferreira já reformada, com bancos e espaço para mesas e cadeiras próximas ao estabelecimento.....	55
Figura 8 -	Café Elegante. Arquivo Nirez.....	56
Figura 9 -	Café do Comércio. Arquivo Nirez.....	57
Figura 10 -	Café do Comércio. Arquivo Nirez.....	57
Figura 11 -	Cartão Postal dos anos 20, no qual um observador olha da Praça do Ferreira. A direita da imagem podemos observar com alguma movimentação na calçada o Café Riche. Arquivo Nirez.....	102
Figura 12 -	Praça do Ferreira com o coreto ao centro e já sem os quiosques ao final dos anos 20. Arquivo Nirez.....	103

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	POR ENTRE AS RUAS DA CIDADE: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NO CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA (1886).....	23
2.1	ENTRE AREIA E FLORES: O CENTRO DE FORTALEZA NA DÉCADA DE 1880.....	23
2.2	REDUTOS DE BUCOLISMO ROMÂNTICO: OS PRIMEIROS CAFÉS DA CIDADE E A SUA INSERÇÃO COM O ESPAÇO URBANO.....	42
3	SEU GARÇOM FAÇA O FAVOR DE ME TRAZER DEPRESSA UMA BOA MÉDIA QUE NÃO SEJA REQUENTADA: SOCIABILIDADE NO CAFÉ JAVA.....	53
3.1	SEU GARÇOM ME EMPRESTA ALGUM DINHEIRO QUE EU DEIXEI O MEU COM O BICHEIRO: UM TAL MANÉ COCO E A SOCIABILIDADE COM OS PADEIROS.....	53
3.2	UM GUARDANAPO E UM COPO D'ÁGUA BEM GELADA: OS PADEIROS E AS PRÁTICAS NO CAFÉ JAVA.....	66
4	SE VOCÊ FICAR LIMPANDO A MESA, NÃO ME LEVANTO NEM PAGO A DESPESA: OS CAFÉS NA IMPRENSA E OUTROS CAFÉS PELO CENTRO DE FORTALEZA.....	82
4.1	VÁ DIZER AO CHARUTEIRO QUE ME EMPRESTE UMAS REVISTAS: OS CAFÉS NA IMPRENSA.....	83
4.2	FECHE A PORTA DA DIREITA COM MUITO CUIDADO: OS CAFÉS FORA DA PRAÇA DO FERREIRA E A DEMOLIÇÃO DOS PIONEIROS.....	95
5	CONCLUSÃO.....	105
	REFERÊNCIAS.....	107
	ACERVOS CONSULTADOS E FONTES.....	110

1 INTRODUÇÃO - NÃO ESQUEÇA O MEU PEDIDO: TRAJETÓRIA E SOCIABILIDADES.

O trabalho com intelectuais é presente em minha caminhada desde a graduação com a minha monografia *Os cruzados da humanidade: representações e práticas do liberalismo sobre a cidade de fortaleza no jornal maçônico fraternidade* (1873-1875). Apesar de focos diferentes entre a monografia e a dissertação, a pesquisa monográfica me despertou a atenção em novos interesses e em alguns novos aspectos, os intelectuais no decorrer do século XIX e XX escreviam constantemente sobre o espaço ideal da cidade e seus usos, me questionava então como este espaço seria praticado por esses intelectuais.

Somado a isto trago como incentivo mais dois fatores, pessoal e acadêmico, ao pensarmos o intelectual contemporaneamente passamos por um processo de diversificação muito amplo, encontrar um padrão uniforme é praticamente impossível, ele poder ser o acadêmico, mas também aquele que se senta a sombra em algum lugar qualquer do centro da cidade e dialoga sobre os mais diversos assuntos. Os próprios Cafés que existem até hoje espalhados pela cidade, assim como os bares e botequins, vivem repletos aos fins de semana de pessoas que se reúnem ali para conversar, desde futebol a política e religião, namorar, passar o tempo de alguma forma. Mas nem sempre o incentivo maior da ocupação destes espaços é ligado ao consumo. Procura-se o melhor preço da bebida e dos comestíveis, um lugar com boa música ou até sem, para que se possa conversar melhor, temos dos mais simples botecos de esquina aos mais trabalhados Pubs, em cada um encontramos tipos diferentes, mas também aqueles que circulam por ambos.

Essa escolha do melhor local para se aproveitar estes momentos está ligada também aos interesses intelectuais e também afetivos daqueles que usufruem destes espaços, entretanto, estes hábitos não são exclusivos da contemporaneidade. Voltando para o século XIX, temos os constantes relatos sobre as Praças, Parques, Clubes e os Cafés. Não há como estudar os intelectuais do fim do XIX e início do XX sem se deparar em algum momento com a presença destes espaços. A Padaria Espiritual é umas das agremiações que mais nos chama a atenção no que diz respeito à presença nos Cafés, ela teria nascido em um Café e fez especificamente do Café Java a sua casa, assim como o dono do Café, Mané Coco, está sempre presente nos relatos sobre os Padeiros.

Questiono-me então sobre os usos desses Quiosques e Cafês, principalmente pelos intelectuais da época, como era a sua relação com o espaço, com os proprietários, com as demais pessoas que frequentavam o local, o Café enquanto um mecanismo comercial sendo utilizado de uma maneira diferente. O Café está inserido dentro da cidade, refletindo muitas vezes as suas contradições, problemas econômicos, ele faz parte de toda uma ambientação que gira ao seu entorno e interfere diretamente no seu funcionamento.

Por fim observei a lacuna historiográfica que temos no que diz respeito à História local e estes espaços, são várias as citações que falam sobre o nascimento da Padaria Espiritual no Café Java e a constante presença dos Padeiros ali, mas ainda não temos trabalhos que analisem os usos e práticas no próprio Café Java e em tantos outros que foram se espalhando pela cidade. Para isso é necessário entender em que espaço estes Cafês estavam sendo inseridos.

No que diz respeito a nossa ligação com a História Cultural, a segunda metade do século XX trouxe nas transformações pós às duas grandes guerras questionamentos que mantinham um laço estreito com um “novo” modo de se pensar a organização do campo e da cidade a nível global. A produção acadêmica que marcara o fim do século XIX e boa parte do XX tinha como referencial teórico a produção que girava em torno do marxismo e da análise econômica do capitalismo, não que o marxismo se reduza a este tipo de análise, universidades americanas e inglesas mantiveram a sua produção durante muito tempo sobre esta área.

O capitalismo avança e se renova, é dialético e mantém relações com o século XIX, mas se reinventa para continuar sobrevivendo quando já parecia morto. O que Elias (1993) designou como “processo civilizador” passa a agir ainda mais como divisor e distinção entre uma burguesia cada vez mais difícil de ser enxergada e um proletariado que passa a ter acesso a uma parcela de avanços tecnológicos que nunca havia tido contato. A miséria, a morte, a fome, a doença e a loucura ainda são signos das diferenças econômicas entre classes em alguns países, mas em outros essa linha de sangue que divide aqueles que exploram e os que são explorados passa a ser cada vez mais tênue, não fazendo com que a distinção entre classes deixe de existir, mas que se torne para muitos, ainda mais confusa.

O reflexo social, cultural, econômico e urbano do capitalismo da metade do século XX também atingiu as universidades e demais produtores intelectuais, a promessa socialista parecia derrotada ou necessária de mudanças radicais, a Inglaterra e

os frutos da chamada “escola social inglesa” com Eric Hobsbawm, Thompson e Christopher Hill trouxeram algumas das mudanças consideráveis na leitura marxista da História, já na França algumas dessas mudanças pareciam mais drásticas.

O que alguns marxistas denominaram como o campo da superestrutura pareceu ganhar mais destaque nas obras de alguns autores como Foucault, Chartier, Certeau entre outros. Onde por muito tempo a história teve seu foco nas relações econômicas e organização social agora parecia dividir espaço com uma história que já vinha sendo escrita há séculos, mas não possuía nas escolas históricas, a história dos símbolos, do corpo, da morte, da vestimenta, dos talheres, da leitura e dos livros, uma história necessária e que nos faz lembrar que o homem também é totalidade, que é espaço e que é tempo, que junto com as novas organizações estruturais surgem novas relações na estrutura e na superestrutura, uma relação dialética.

Seria como escreve Ciro Flamarion Cardoso: “Abandona-se uma história social da cultura em favor de uma história cultural do social” (CARDOSO: 2000, 11). Conceitos como imaginário, representações e práticas se tornam cada vez mais presentes nos trabalhos históricos e a sua utilização tem dialogado com as apropriações de indivíduos e grupos sobre os espaços principalmente urbanos, mas sem deixar passar despercebido o espaço rural. Convém reter a imbricação lógica, e necessária, existente entre linguagem, símbolo, imaginário e representação. O símbolo é um signo implicado numa relação de representação e a representação é a imagem mental mediada, tornada possível, pelo uso dos signos. A relação simbólica, entre o signo e o que se dá a conhecer, é, portanto, uma relação de representação, em que o signo toma o lugar da coisa representada, o que só pode se efetuar com o recurso do imaginário.

A História Cultural pensada entre as práticas e representações resgata alguns dos diálogos teóricos recorrentes na história, além de novas perguntas e objetos que surgem com o avançar ou retroceder da própria trajetória do homem no tempo e no espaço. Novos objetos, novos conceitos, novos homens, seria uma nova História? Ou uma nova História Cultural? Seriam realmente tantas novidades assim ou apenas ângulos diferentes para se observar um reflexo que já vem sendo visto há séculos e muitas vezes negligenciado pelos historiadores?

Sandra Jatahy Pesavento, Peter Burke e outros intelectuais levantam a discussão sobre a História Cultural e sobre uma Nova História Cultural, seus métodos, objetos, campos e conceitos, para Pesavento:

Este, talvez, seja um dos aspectos que, contemporaneamente, mais dão visibilidade à História Cultural: A renovação das correntes da História e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes. Figurando como recortes inusitados do real, produzidos por questões renovadoras, a descoberta de documentação até então não visualizada como aproveitável pela História, ou então a revisita de velhas fontes iluminadas por novas perguntas. (PESAVENTO, 2005: 69).

A partir da HC (História Cultural), temas que até então pareciam ficar ao lado menos favorecido da História, passam a ter o seu reconhecimento, hábitos, costumes, sociabilidades, sensibilidades, música, imagens, cinema, trazendo uma pluralidade de novos métodos, análises, conceitos e pesquisadores que não tinham até então o seu espaço, isso trouxe um salto para o campo histórico, para alguns um crescimento de qualidade, para outros a história se perde dentro da sua própria expansão, como na crítica feita por Dossie à terceira geração dos Annales, ao tratar da "História em Migalhas". Mas as mudanças que cercavam o campo historiográfico eram também reflexos das mudanças sociais, para Pesavento:

A dinâmica social se tornava mais complexa com a entrada em cena de novos grupos, portadores de novas questões e interesses. Os modelos correntes de análise não davam mais conta, diante da diversidade social, das novas modalidades de fazer política, das renovadas surpresas e estratégias da economia mundial e, sobre tudo, da aparentemente escapada de determinadas instâncias da realidade - como a cultura, ou os meios de comunicação de massa - aos marcos racionais e de logicidade. (PESAVENTO, 2005: 9).

Essa nova dinâmica social, novos grupos, novos interesses, novos modos de praticar o espaço podem ser observados na Fortaleza do século XIX. A segunda metade do XIX marca um período de impulso para a economia do Ceará, principalmente para a sua capital, que se transforma no principal entreposto comercial da província. A pecuária e o algodão são os principais fatores para o crescimento econômico. Fortaleza passa por uma série de mudanças devido as exportações de algodão, as transformações econômicas exigiam um acompanhamento de alterações nos campos da política, infraestrutura, sociedade, hábitos e costumes.

Como ocorreu em outros centros urbanos do país, os agentes remodeladores da capital cearense surgem a partir de setores comerciais em ascensão graças ao crescimento das importações e exportações e também a um número de profissionais liberais vindos das academias de nível superior, como médicos, advogados, bacharéis e engenheiros.

Os exemplos a serem seguidos vinham das capitais na Europa, avançadas social e culturalmente, segundo os membros da elite local em desenvolvimento. Temos a construção da estrada de ferro Fortaleza - Baturité em 1873, a chegada de firmas estrangeiras, a construção de sobrados, grandes casas, bondes a tração animal e a rede de iluminação a gás carbônico.

Entre essas novas construções e o remodelamento urbano da cidade, temos os Cafés e Quiosques que começam a surgir em 1886, espaços fundados por alguns proprietários vindos do interior do Ceará ou da própria capital, os Cafés recebiam o público mais diversificado, passando por homens que vinham tentar a sorte em Fortaleza, expulsos de suas terras pelas secas, caixeiros, tipógrafos, até intelectuais de agremiações reconhecidas.

Temos o objetivo de analisar estes espaços que demarcaram o cotidiano da cidade na virada do século XIX para o XX assim como os diversificados grupos que praticaram estes locais. Os intelectuais que utilizavam estes espaços para encontros e conversas políticas e grupos que também almejavam uma identificação dentro da cidade, como caixeiros, estudantes e tipógrafos.

Temos como recorte temporal e espacial a cidade de Fortaleza, tendo como foco o centro da cidade que foi o espaço de maior concentração dos Quiosques e Cafés na cidade, o ano de 1886 marca, segundo Otacílio de Azevedo, a construção do primeiro Café da cidade de Fortaleza, “foi o primeiro a funcionar, e seu dono era o aracatiense Manuel Pereira dos Santos, o popular Mané Coco, que o ergue por volta de 1886” (AZEVEDO, 1992: 57). O ano de 1920 marca a demolição dos quiosques pela gestão do prefeito Godofredo Maciel, “remodelação da Praça do Ferreira, com a retirada de 4 kiosques de feição colonial que a enfeivavam...”¹ Após o ano de 1920 outros Cafés continuaram existindo pelo centro e também pela cidade, no período em que estiveram na Praça do Ferreira, os 4 quiosques, Java, Comércio, Elegante e Iracema, dividiram espaço com outros Cafés que foram se alojando em torno da Praça do Ferreira e se espalhando pelo centro da cidade, além de outras localidades de Fortaleza, mas tratamos dentro deste recorte o período de surgimento e desenvolvimento dos primeiros Cafés da cidade, os que segundo Mozart Soriano Aderaldo teriam “influenciado o surgimento de

¹ ROCHA, José Moreira da. **Mensagem enviada a Assembléa Legislativa pelo desembargador José Moreira da Rocha, presidente do Estado.** Fortaleza, 19/05/1928. P. 10.

outros cafés pelo centro" e seria após a demolição destes que haveria a "proliferação de mais Cafés pelo centro da cidade".²

Além das fontes que utilizamos para representar o centro de Fortaleza, alguns conceitos nos ajudam a pensar este local, entre eles temos o conceito de sociabilidade e espaço. O objetivo de apresentar o centro da cidade de Fortaleza parte da ideia de que não só os Cafés poderiam ser utilizados como espaços de sociabilidade, mas o que tomamos então como sociabilidade?

Na obra organizada por René Rémond, *Por uma História Política*, podemos encontrar o artigo intitulado como "Os intelectuais" tendo como autor Jean-François Sirinelli, neste artigo além de trabalhar a ascensão do intelectual enquanto sujeito e objeto histórico, Sirinelli também apresenta as "redes" de relações dos intelectuais e um laço "ideológico ou afetivo" que gera uma sociabilidade, a sociabilidade passa então a ser compreendida, para ele, de outra maneira:

Na qual também se interpenetram o afetivo e o ideológico. As "redes" secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo "redes" que estruturam e "microclima" que caracteriza um microsomo intelectual particular. Poderíamos multiplicar os exemplos de tais microcosmos. Assim, o meio dos jovens da Ação Francesa no período entre as duas guerras: o pensamento de Maurras e de Daudet lhe confere uma coesão ideológica, a página cultural de *L'Action Française* modela e depois reflete - quando esses jovens nela colaboram - uma sensibilidade, e a liga e sua organização estudantil lhe fornecem uma estrutura de recepção; mas esse meio pode se definir também por uma vida relacional: Philippe Ariès, por exemplo, escreveu, após ter evocado seus camaradas políticos dos anos 1930, que essa época foi para ele, acima de tudo, o "tempo da amizade" - tema recorrente, e portanto significativo, das lembranças de antigos maurrassianos -, e propunha alás aplicar o termo "sociabilidade" aos laços que uniam o pequeno grupo de maurrassianos ao qual ele pertencia. (SIRINELLI, 2003: 252 - 253).

Esta outra maneira de se observar a sociabilidade pode ser compreendida através da observação do uso particular de um espaço, seja ele físico, como praças, parques, cafés, bibliotecas; ou um espaço escrito, como jornais, revistas, poemas e cartas. O que é apresentado por Sirinelli como uma "outra maneira de se observar a sociabilidade" é a compreensão dos usos em torno do afetivo e do ideológico como também a leitura de que mesmo a sociabilidade tendo um padrão comum para alguns espaços, existem variações de práticas em torno dos espaços de sociabilidade, o modo como se portar em um clube não será o mesmo modo com o qual se porta em uma

² ADERALDO, Mozart Soriano. **A Praça**. Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tipogresso, 1989.

praça, e grupos intelectuais ou não que também utilizam aquele espaço podem o fazer de uma maneira própria e particular, com a intenção de se distinguir dos demais que ali se encontram, e mesmo dentro de um grupo com características comuns entre os seus membros, podem existir aqueles com um modo próprio de se portar em determinado local. Falamos então da constituição de uma sociabilidade que poderia se manifestar pluralmente e em diversas áreas.

O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um "pequeno mundo estreito", onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo "rede" para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de se perceber do que parece. Entre as estruturas mais elementares, duas, de natureza diferente, parecem essenciais. As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão - pelas amizades que a subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem - e de exclusão - pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das idéias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade e pode ser, entre outras abordagens, estudada nessa ampla dimensão. (SIRINELLI, 2003: 248 - 249).

Ao tratarmos de intelectuais, os jornais, revistas e outros meios capazes de transpor e manifestar ideias os tratamos não somente como espaços de representação, mas também como um meio de sociabilidade, neles podemos encontrar letras que unem um pensamento, talvez comum, para membros de um grupo que ali se reúnem pela identificação, pela sociabilidade. As memórias e o tom de apreço por uma praça podem unir pessoas que queiram passar aquelas lembranças adiante, ou um grupo que se une para criticar as ações de um governo, mas para além das letras, o espaço passa a ser utilizado também como encontro da sociabilidade.

As letras se expandem e saltam das páginas dos jornais para ações cotidianas na cidade, a sociabilidade não é só do intelectual, mas com a sua busca de diferenciação dos demais membros da cidade, faz dos jornais e revistas e de espaços aparentemente comuns a todos, um espaço próprio, constrói ali o seu próprio nicho, uma maneira própria de se alimentar, de se vestir, de se comunicar.

A sociabilidade que buscamos aqui, se manifesta então para além da escrita, são ações que se manifestam no espaço, letrado, escrito nas páginas de jornais, mas também no cotidiano da cidade, nas praças e nos parques, nos cafés. Temos então este espaço como meio de manifestar a sociabilidade, entretanto, "O espaço geográfico não é humano porque o homem o habita, mas antes de tudo porque é produto, condição e

meio de toda a atividade humana” (CARLOS, 1997: 13). Para o homem a relação com o espaço vai além da extração e da exploração, ela é também de identidade. Uma via de mão dupla entre o urbano que é reflexo das ações do homem e o homem que é reflexo do urbano.

Essa relação entre homem e espaço parece ser uma herança histórica que vai além do que os textos podem nos mostrar, ela é cotidiana e constante. Ela é reveladora. Analisar a relação do homem, ou melhor, dos homens com o espaço é também ter contato com as contradições, explorações e invenções de um cotidiano passado ou presente permeado de pluralidades que nos ajudam a compreender provavelmente somente a ponta do iceberg que é a urbanidade e o espaço “racional” construído por sujeitos sociais.

Com novas relações surgem novas contradições, o século XIX partindo das transformações na Europa trouxe o desenvolvimento material, com a indústria, meios de comunicação e de transporte. Passaremos a entender uma produção de espaço capitalista no decorrer do século XIX, um *espaço próprio*, que representava os avanços científicos daquele momento, de acordo com a pequena parcela de sujeitos que poderia sentir em suas mãos os frutos de uma árvore fincada em novas estruturas, mas em velhas contradições de exploração, as “novas cidades modernas” eram reflexo do espaço racional determinado pela burguesia em desenvolvimento.

Implantar os novos modos de produção e as novas relações entre os homens e dos homens com o novo espaço parece ter sido um dos grandes desafios que marcou o século XIX a nível mundial. Tanto na Europa que vinha da tradição feudal, como nas Américas que vinham do período colonial, os novos costumes começaram de formas diferentes a se manifestar.

Essas transformações urbanas que geraram novos modos de pensar e praticar as relações entre homem x homem e homem x espaço, se manifestaram também na cidade de Fortaleza. Durante o desenvolvimento urbano da capital cearense e também do país, agremiações intelectuais influenciadas pelas transformações urbanas na Europa e pelas correntes que descreviam o papel do novo (novo Estado, nova educação, nova religião, nova política, nova economia...) começavam a desenhar o que seriam as novas relações entre a sociedade fortalezense e a “nova” Fortaleza, esses grupos intelectuais também questionaram ferozmente as práticas sociais enraizadas na Igreja Católica.

Utilizo para compreender esta “nova” cidade, os conceitos de Michel de Certeau, que nos diz:

A produção de um espaço *próprio*: a organização racional deve, portanto recalcar todas as poluições físicas, mentais ou políticas que a comprometeriam; estabelecer um *não-tempo* ou um sistema sincrônico, para substituir as resistências inapreensíveis e teimosas das tradições: estratégias científicas unívocas, possibilitadas pela redução niveladora de todos os dados, devem substituir as táticas dos usuários que astuciosamente jogam com as “ocasiões” e que, por esses acontecimento-armadilhas, lapsos da visibilidade, reintroduzem por toda a parte as opacidades da história; [...] (CERTEAU, 1994: 173).

Com base no que nos mostra Certeau, podemos perceber um espaço característico a alguém ou a algum grupo, um espaço racional, que deve estabelecer relações, hora de controle, hora de “bem-estar”, que não deixe transparecer as condições de contradição e que faça da cidade um quadro a seu estilo, em traçados e cores.

Entretanto para Certeau o que realmente deixa transparecer o que é o espaço é o modo como ele é utilizado, praticado, como se brinca e se inventa a partir de seus diversos protagonistas, são as práticas urbanas.

Ao invés de permanecer no terreno de um discurso que mantém o seu privilégio invertendo o seu conteúdo (que fala de catástrofe e não mais de progresso), pode-se enveredar por outro caminho: analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento; (CERTEAU, 1994: 174 - 175).

As agremiações intelectuais de Fortaleza inventavam, ou pelo menos buscavam inventar, uma nova relação com o cotidiano, próprio e racional da cidade, falando de uma educação, religião, filosofia, artes e demais ciências que faziam parte de um “novo” que tentava entrar e um “velho” que buscava defender o seu espaço. E o que torna este período ainda mais inquietante são as práticas na busca de reinventar um espaço, mas que ao mesmo tempo o tornavam novamente próprio e racional, mas sob a gestão de um ou outro sujeito(s).

Vemos então a cidade como sinônimo de contradição. E porque não de caótico? Ela deixa transparecer interesses e lutas, a sua gestão envolve interesses e necessidades diversas, “Assim o espaço é produzido através das lutas que ocorrem na cidade” (CARLOS, 1997: 8).

São várias as faces de uma mesma cidade, temos através dos conceitos apresentados até o momento, uma Fortaleza em processo de mudanças urbanas, tendo por trás uma gestão que almejava impor os seus próprios limites pela cidade, grupos que

se erguem acreditando serem os mais aptos à administração da mesma, tais grupos desejavam que Fortaleza acompanhasse as transformações morais e tecnológicas da Europa. Práticas de sujeitos que brincavam com o cotidiano e utilizavam as brechas que apareciam nas muralhas para sobreviver, além dos demais grupos e indivíduos, intelectuais ou não, que sociabilizavam pelos jornais, revistas e espaços da cidade.

Outro fator que nos ajuda a compreender melhor as transformações urbanas, sociais e culturais em Fortaleza durante o nosso recorte, além da contribuição teórica, são as pesquisas realizadas dentro do GPPUR³ (Grupo de Pesquisa Práticas Urbanas), especificamente no eixo "Práticas Letradas"⁴, as transformações que ocorreram em Fortaleza foram observadas e analisadas sob as mais diversas óticas, trabalhos, entre eles monografias, dissertações e artigos, além dos encontros realizados pelo grupo contribuíram para esta dissertação. Tomamos conceitos como os já apresentados "práticas urbanas" e "processo civilizador" dos encontros teóricos que realizados no eixo Práticas Letradas, além do nome deste eixo que se apresenta enquanto um conceito forjado através das práticas apresentadas por Michel de Certeau e o poder simbólico das letras trabalhado por Pierre Bourdieu e Roger Chartier, estas práticas letradas representam muito do que observamos na ligação dos intelectuais com a cidade e os próprios Cafés.

Para analisarmos estas relações com o espaço urbano e com os Cafés, uma série de fontes passa a ser utilizada. Os relatos sobre os Cafés muitas vezes são escassos, um pequeno capítulo, um anúncio, uma fotografia. Passo então a utilizar a maior variedade possível de fontes, para no cruzamento destes mínimos relatos, ir aos

³ "Capitalismo e Civilização nas Cidades do Ceará (1860 - 1930)". MAHIS\ UECE - PPGH\ PUC-RS. Esse projeto pretende analisar a relação entre a expansão capitalista e o papel dos grupos sociais (estrangeiros e grupos sociais locais) na construção das culturas urbanas do Ceará, nas cidades de Fortaleza, Aracati, Quixadá, Sobral e Crato. O recorte temporal que baliza esta pesquisa é o período que se estende de 1860 a 1930. Três conceitos fundamentais serão trabalhados: Capitalismo, Civilização e Tradução Cultural. Objetiva-se ainda a contribuir para a consolidação do MAHIS no contexto dos programas credenciados pela CAPES ao estimular a interação científico-acadêmica, tendo em vista a cooperação duradoura entre os programas de pós graduação em História da Pontifícia Universidade Católica PUC-RS e do Mestrado Acadêmico em História MAHIS-UECE.

⁴ "Práticas Letradas e Urbanidades". As cidades não são mais consideradas apenas como um locus, seja da realização da produção ou da ação social, mas também, e, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão. Não se estuda somente processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas as representações que se constroem na e sobre a cidade. Indo mais além, pode-se dizer que Práticas Urbanas trabalha com o imaginário urbano, o que implica resgatar discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre os espaços, atores, práticas sociais. A cidade é objeto de muitos discursos, a revelar saberes específicos ou modalidades sensíveis de leitura urbana: discursos médicos, políticos, urbanísticos, históricos, literários, poéticos, policiais, jurídicos, todos a empregarem metáforas para qualificar a cidade. As Práticas Urbanas são também objetos de produção de imagens fotográficas, pictóricas, cinematográficas, gráficas a cruzarem ou oporem sentidos sobre o urbano.

poucos representado a cidade e seus Cafés, livros de memória, crônicas, literatura, revistas, jornais e fotografias se fazem presentes aqui.

No que diz respeito à organização dos capítulos, a divisão é feita em três momentos, o primeiro capítulo busca localizar os demais espaços de sociabilidade em Fortaleza que dividiram a cidade com os Cafés durante o momento de seu surgimento, além da inserção dos Cafés no espaço urbano da cidade. No segundo capítulo tratamos daquele que é o primeiro Café da cidade, o Java, e que mais recebeu destaque com a presença da Padaria Espiritual, analiso o seu proprietário, Mané Coco, e as práticas ali inseridas pelos Padeiros. No terceiro e último capítulo dou destaque a muitos dos Cafés que não aparecem em memórias ou aparecem minimamente, fotografias e demais fontes, mas estão presentes nas publicações da imprensa local. Por fim temos alguns Cafés, para além dos que ficavam na Praça do Ferreira, que receberam destaque em algumas fontes pelos seus usos e presença dos intelectuais.

O contato com as fontes nos fez organizar a divisão dos capítulos desta maneira. Pensamos nos demais espaços que eram utilizados como mecanismos de sociabilidade e antecederam os Cafés, passando depois a dividir, em alguns casos, o seu espaço com os Quiosques e Cafés, como a Praça do Ferreira. Também entendemos a relação direta entre estes espaços e os próprios Cafés. O Café Java, o primeiro a ser construído, é um dos que mais apresenta relatos através das fontes analisadas, além da sua importância pelo contato com a Padaria Espiritual e outros intelectuais, passamos então a tentar compreender a relação daquele espaço com os seus praticantes, além da relação com o proprietário do estabelecimento, Mané Coco. Por fim, buscamos dedicar espaço aos Cafés que não possuem tanta documentação a seu respeito, mas que minimamente são citados em algumas páginas de jornais e revistas do período. Passemos então ao nosso primeiro capítulo, por entre as ruas da cidade.

2 POR ENTRE AS RUAS DA CIDADE: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NO CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA (1886).

Neste capítulo temos a intenção observar alguns dos usos do espaço urbano do centro da cidade de Fortaleza, tanto por intelectuais, quanto os demais grupos presentes na documentação manuseada (caixeiros, comerciantes, tipógrafos, bacharéis, profissionais liberais, médicos), até o surgimento do primeiro café na Praça do Ferreira, o café Java. Partindo do surgimento do primeiro café no centro, analisaremos os primeiros usos sobre o mesmo, envolvendo proprietários do espaço, intelectuais e demais frequentadores.

2.1 ENTRE AREIA E FLORES: O CENTRO DE FORTALEZA NA DÉCADA DE 1880.

Surgido em 1886, o primeiro café da cidade de propriedade do aracatiense Manuel Ferreira dos Santos, vulgo Mané Coco, o café Java passa a existir dentro de um contexto sócio cultural e econômico em desenvolvimento na cidade. Na busca de compreendermos o ambiente no qual o café e seus praticantes se inserem, buscaremos analisar alguns dos espaços urbanos de destaque no período em Fortaleza, assim como alguns dos grupos já existentes, sejam eles intelectuais ou não, o comércio, a política e as demais constituintes da cidade de Fortaleza.

Os comerciantes que chegavam a Fortaleza vinham do interior da província do Ceará e outra parte era estrangeira, nos primeiros anos com maioria inglesa e logo após francesa, as modificações urbanas da cidade traziam um anseio de “civilidade”.

O espaço urbano da cidade e do país ganhava novos ares, as modificações ocorriam de forma gradativa e de acordo com o desenvolvimento econômico de cada local.

É em meados do século XIX que Fortaleza começa a ganhar de maneira mais significativa aspectos de cidade. Apesar deste caráter já lhe ser garantido desde 1823, é no decorrer do século XIX que Fortaleza passa a ser o maior entreposto comercial da Província, tanto na importação quanto na exportação, e também na comercialização dos artigos importados que fossem trazidos para cá, o que satisfazia as

camadas urbanas emergentes na busca de se compararem, esteticamente e no gosto, à burguesia europeia.

Comerciantes estrangeiros passam a residir em Fortaleza, trazendo costumes diferenciados para a cidade e também leituras políticas que atravessavam o oceano. Esta nova camada que começa a emergir na cidade é reflexo do crescimento de Fortaleza na província, o que resulta na busca de modos, costumes e hábitos cada vez mais refinados, almejando “progresso”, exemplo disso são as melhorias urbanas na cidade no decorrer do século XIX, como as obras de calçamento iniciadas em 1857, o abastecimento de água sob responsabilidade da firma inglesa Ceará *Water Work Co. Ltd*, em 1865, as obras da Estrada de Ferro de Baturité iniciadas em 1870, as linhas de bonde de tração animal, iniciadas em 1877, o telégrafo em 1881 e o telefone em 1883 (ABREU, 2009: 66).

As obras eram em sua maioria dirigidas ou contavam com a participação de profissionais estrangeiros ou de outras províncias, o que mais uma vez nos leva a entender o contato com pensamentos políticos e sociais diversos, profissionais da própria província que haviam saído para estudar fora também participavam destas obras.

A partir daí se intensificaram as modificações na infraestrutura da cidade, como é o caso da instalação da iluminação a gás e da elaboração da “Planta Tipográfica de Fortaleza e Subúrbios” pelo engenheiro e arquiteto Adolfo Herbster, em 1875, atualizando o traçado urbano em forma de xadrez elaborado pelo português Silva Paulet em 1818. Porém, para que Fortaleza fosse uma cidade moderna e civilizada era preciso, na perspectiva dos intelectuais, também modificar os hábitos de sua população.

As transformações urbanas e o anseio por novos costumes que acompanhassem o novo mundo traziam o reflexo das atividades na Europa. O século XIX trouxe o reflexo de diversas mudanças, como o avanço considerável da industrialização em países como Inglaterra e França, e o crescimento e surgimento das metrópoles como Paris, Londres, Moscou, dentre outras, que ocorreram por quase todo o Ocidente. A atmosfera de entusiasmo em relação ao crescimento econômico e ao desenvolvimento das cidades, de novidades que guiavam o território europeu para uma linha de pensamento e avanço tecnológico até então desconhecidos.

Para Cardoso (2006), o crescimento industrial e populacional de alguns centros urbanos europeus repercutiu em certa escala na cidade de Fortaleza, principalmente durante o surto algodoeiro iniciado nos anos 1860. O “ouro-branco”, como ficou conhecido o algodão, trouxe a capital cearense um novo status de indústria e

civilização, ao fazer com que a capital se torne o principal entreposto de comércio e porto exportador de algodão do Brasil para a Europa. Fortaleza passou por um salto de crescimento industrial, demográfico e urbano.

Assim, o desenvolvimento provocado pela exportação do algodão cearense para a Europa, criou condições para que Fortaleza se tornasse o principal núcleo urbano tanto econômico como político e, por consequência, social do Ceará, possibilitando um maior intercâmbio com outras cidades do Brasil e do exterior e impulsionou a cidade para a pretensão remodeladora.

No ano de surgimento do café Java (1886), temos o relatório do então presidente de Província, Miguel Almeida, relatando a importância do algodão para a economia local:

Relatorio com que o Exm. Sr. Desembargador Miguel Galmon Do Pin Almeida passou a administração da Província do Ceará ao Exm. Sr. Desembargador Joaquim da Costa Barradas no dia 9 de abril de 1886. Fortaleza, Tip. Do Cearense – Rua Formosa nº 86. 1886. P. 43.

No anno findo os produtos de exportação da província attingiram ao seguinte valor oficial:

Algodão..... 1.300:005\$700

Café..... 38:503\$942

Assucar..... 96:027\$220

Comparado com o dos annos anteriores verifica-se ter sido o exercício findo o de menos exportação.

Foi o algodão o que maior subsidio prestou a renda provincial.

Continuando o inverno abundante de chuvas, como tem começado, a colheita do algodão será tão abundante como nos annos de maior prosperidade.

O algodão, mesmo sendo segundo o relatório, um dos anos de menor exportação da província, aparece em número bem superior ao café vindo da serra de Baturité e o açúcar. As secas atrapalharam a produção do algodão, deixando exposta a necessidade de um “inverno abundante de chuvas” para que a produção do mesmo continuasse a abastecer a economia da província.

Ainda segundo Cardoso (2006), sobretudo, a partir da década de 1850, Fortaleza já vivia uma forte mudança urbana, investimentos na busca de intensificar o controle social sobre as camadas mais baixas da sociedade eram feitos, retirantes, mendigos, crianças abandonadas, moradores de subúrbios, doentes infecciosos, o crescimento urbano e a nova mão de obra que contribuíam para o então crescimento de Fortaleza não vinham apenas do fruto da “modernidade”. Asilos, reformatórios e abarracamentos também faziam parte do espaço urbano de Fortaleza.

Para um país que saíra há pouco da situação colonial, impunha-se o desafio de definir a cidadania e de integrar politicamente o país, buscando superar as dramáticas contradições entre o “país legal” e o “país real”, isto é, entre o político e o social. É pertinente mencionar que esse movimento de independência que já se afirmara contra Portugal e vai se afirmar contra a Realeza manifesta-se também em relação à Igreja, num esforço de separar a política da religião, ou seja, de demarcar fronteiras entre o Estado e o Vaticano. O Brasil nacionalista se encontra com o Brasil secular para renovar as instituições. (CORDEIRO, 1997: 32).

Para Cordeiro (1997), a industrialização, o constante crescimento populacional e urbano dividia espaço também com a tradição que marcara o século XIX no Brasil, temos ainda os moldes de uma sociedade escravocrata, das grandes propriedades territoriais e a Monarquia constituindo as bases mais consistentes da sociedade brasileira.

Caio Prado Júnior (PRADO JR, 1995) define os anos de 1870 a 1880 como um dos períodos de maior prosperidade nacional. A partir de 1850, a Inglaterra busca suspender o tráfico internacional de escravos, o que não diminuiu o tráfico interno, caso do próprio Brasil, ainda assim, surge uma nova liberação de capital para investimento nas cidades, a mão de obra “livre” estaria agora disponível para utilização nas fábricas e obras públicas, mesmo que em um sistema de exploração que ainda mantinha muitos reflexos do escravocrata, como a construção de estradas de ferro, portos e outros. O Brasil já vinha fazendo muitos empréstimos a países europeus, principalmente Inglaterra e França, na busca de conter revoltas regionais, este capital aos poucos passa a ser utilizado na tentativa de satisfazer os anseios das elites locais com transações por mercadorias industriais, além de tentar mascarar minimamente as crises econômicas locais, mas o que acaba gerando dívidas externas em longo prazo.

Sérgio Buarque de Holanda (HOLANDA, 1942) também destaca o crescimento econômico que ocorre entre 1870 – 1880, estimulando o surto de crescimento industrial e urbano em boa parte do território nacional a expensas do Estado e do capital estrangeiro que ganhava cada vez mais espaço com a então emergência de uma camada média. O que temos aqui é a diferenciação social, não somente por senhor e escravo, mas novos homens que começam a ganhar destaque no âmbito intelectual, político e social no Brasil e na cidade de Fortaleza.

Tantas transformações levaram a diferentes discursos e representações políticas por todo o país. Desde o período regencial dois eixos políticos se destacavam no campo nacional: O Partido Conservador e o Partido Liberal. “Consistente com a ideia de que os conservadores foram os principais suportes da centralização e do

fortalecimento do Estado [...] [e] com a hipótese de Faoro de que os burocratas se concentravam no Partido Conservador”. (CARVALHO, 1996).

O rompimento com algumas das estruturas econômicas mais tradicionais levou o país a enfrentar uma mudança em seus padrões de manutenção de poder, por mais que as antigas estruturas viessem a assombrar o cotidiano nacional, entendendo que tais mudanças não ocorreram do dia para a noite, mas fizeram parte de todo um processo de modificações a curto, médio e longo prazo, o ambiente não era mais o mesmo. Novos atores vão surgindo em um palco que se transforma cotidianamente, mas seguindo o raciocínio de Carvalho, as localizações ideológicas entre conservadores e liberais não passavam de meras taxações em alguns momentos, segundo o autor com a possibilidade de se alcançar um cargo público, os ideais políticos poderiam muito bem se adaptar aos interesses adversários para que houvesse a possibilidade de garantir o seu status e de seus apoiadores na política local.

Em Fortaleza, podemos observar o trajeto pelo qual tais transformações das estruturas sociais e políticas do país iam adentrando. Em 1870, Fortaleza chegou à marca de 20 mil habitantes (até o início de 1900 ainda não teria alcançado a marca dos 30 mil) além do Liceu havia apenas três colégios para o sexo masculino, o Ateneu Cearense, o Panteon Cearense e o Colégio Cearense, para o sexo feminino eram apenas dois: o Colégio da Imaculada Conceição e o Colégio Cearense, este último era dividido em duas direções, uma masculina e outra feminina. A instituição mais significativa no plano intelectual era a Biblioteca Pública, criada em 1865. Ainda em 1870, Fortaleza dispunha de vinte advogados, oito médicos, seis farmacêuticos e quatro dentistas. (CÂMARA, 1965:52).

A atividade jornalística se expandia e era representada por seis jornais, dentre eles quatro diários, eram eles: Os diários *Pedro II* e *Constituição* (conservadores) e *O Cearense* e *Jornal de Fortaleza* (liberais). Havia, ainda, os periódicos católicos *Tribuna Católica* e o *Imparcial*. O jornal maçom *Fraternidade* terá sua primeira edição em 1873.

A imprensa tem um fator fundamental neste período no que diz respeito à comunicação e divulgação de ideias. É justamente no período imperial, apesar da alta taxa de analfabetismo e de poucos grupos com acesso as ideias escritas pelo mundo, que Carvalho (1996) a considera mais livre (CARVALHO, 1996: 46).

O censo de 1872 fornece alguns dados para a análise da instrução no Brasil imperial: o analfabetismo alcança índices absurdos, sendo de 99,9% entre a população

escrava e 80% na população livre. Aqueles que possuíam formação superior, constituindo uma ilha de letrados, eram estimados em oito mil pessoas (FAUSTO, 1995: 237). Pode-se concluir, apesar das limitações dos dados, que a instrução era mais um elemento, no período que reforçava os privilégios das elites. No Ceará, em 1872, o percentual de analfabetos em relação à população total da província era de 88, 46% (BRASIL, 200). Em 1873, a população escrava do Ceará era de 33.404 e a de Pernambuco 92.855 (MELO, 32- 39).

A partir dos dados apresentados, temos uma noção inicial da restrição do acesso às novas ideias no âmbito político e intelectual de Fortaleza, uma cidade com um número de habitantes pequeno, comparada a outras capitais da época, e com um número menor ainda de escolas e locais públicos que dessem entrada a um novo mundo de pensamentos que não estivessem ligados a Igreja Católica.

Para além do crescimento comercial, é importante destacarmos o papel climático nas modificações ocorridas em Fortaleza durante o século XIX, as secas trouxeram uma devastação para várias famílias, que migraram para locais às vezes distantes, em busca de alimento e moradia, sendo uma cidade em crescimento, Fortaleza foi um dos locais mais procurados, o fluxo populacional cresceu de maneira desordenada, saltando para um número de habitantes que a cidade não tinha a capacidade de suportar, além de um planejamento que não havia sido feito para o grande número de retirantes que passa pela cidade, a gestão da cidade aproveita a mão de obra dos retirantes em boa parte das obras que ocorriam naquele período.

Temos em meio a tantas informações e mudanças sociais e urbanas, grupos que começam a manifestar o seu interesse nas mais diversas áreas sobre a cidade, é aqui que a imprensa cumpre um dos papéis fundamentais quanto à crítica sobre qual o rumo Fortaleza deveria tomar, tanto no que diz respeito às construções e intervenções urbanas, como nos usos do espaço urbano e nas relações cotidianas da população, apesar do alto número de analfabetos, esse entrave se deu de maneira constante, tendo início entre a Igreja Católica e os intelectuais liberais.

Azevedo (1989) identifica a primeira agremiação, propriamente dita, de que se tem notícia na cidade de Fortaleza, a Fênix Estudantal, fundada por R. A. da Rocha Lima, que na época tinha apenas 15 anos de idade, João Lopes e Fausto Domingos, teria surgido em 1870. Anterior a este período, em 1815, surgiam no Ceará vários poetas em torno do governador Manuel Inácio de Sampaio. Esses poetas formavam os chamados Oiteiros, mas estes não eram exatamente um grêmio, mas reuniões literárias, quando

Costa Barros, Pacheco Espinosa, Castro e Silva e outros recitavam poemas em louvor do governo, seguindo, segundo Azevedo, os preceitos da poesia neoclássica. “É com os Oiteiros, realmente, que se inicia a literatura do Ceará. Todavia, o primeiro grande grupo de escritores (embora sem intenção de formar um grêmio) surgirá na década de 70” (AZEVEDO, 1989: 180).

Segundo Azevedo, depois da experiência juvenil da Fênix Estudantal, Rocha Lima seria um dos vultos de maior relevo da chamada Academia Francesa, que existiu de 1873 (Barão de Studart registra 1872⁵) a 1875 aproximadamente, atravessando o período provincial. Para Sânzio:

Essa Academia Francesa, na verdade, não era nem academia, nem francesa: segundo Dolor Barreira⁶, foi Rocha Lima quem, já sabedor da existência da chamada Escola do Recife, onde predominavam as idéias germânicas, chamou, por gracejo, seu grupo de Academia Francesa, pelo fato de lerem Comte, Taine, Littré, Burnouf, Renan, Quinet e outros luminares do pensamento francês, embora também lessem Darwin, Spencer, Stuart Mill, Kant, Schopenhauer, Ratzel, Buckle e outros autores alemães e ingleses. Ele, Rocha Lima, ao lado de Tomás Pompeu e outros, talvez nem pretendesse fazer um grêmio, pois esse grupo, que chegaria a ser um dos de maior peso na história cultural de nossa Província, pelo valor da maioria de seus componentes, não tinha presidente, nem atas, nem estatutos, nem mesmo sede, pois conta-se que pelo menos a princípio se reuniam ora na casa de Rocha Lima, ora a de Tomás Pompeu...(AZEVEDO, 1989: 181).

Além dos já citados Rocha Lima e Tomás Pompeu, respectivamente, uma das mais completas vocações de crítico que já tivemos e “o pai espiritual de toda essa geração de pensadores”, como dele disse Farias Brito e nos apresenta Azevedo, também compunham o grupo Capistrano de Abreu⁷, crítico e, mais tarde, um dos grandes historiadores do Brasil, Araripe Júnior, que seria vulto exponencial da crítica literária brasileira, no tempo do Realismo, e mais João Lopes, Xilderico de Faria, França Leite, Antônio José de Melo, Felino Barroso e Amaro Cavalcante. Também é importante destacarmos que Rocha Lima e Araripe Júnior estudaram Direito em Pernambuco, de 1870 a 1872, Capistrano de Abreu não foi aprovado para a faculdade de Direito, mas fez em Recife os exames preparatórios.

Teremos para além destes, intelectuais que fizeram parte da Padaria Espiritual, Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, Academia Cearense de Letras –

⁵ STUDART, Guilherme Barão de. **Para a História do Jornalismo Cearense (1824 – 1924)**. Fortaleza: Typographia do Instituto do Ceará, 1925.

⁶ BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense**. Fortaleza: Instituto do ceará, 1948.

⁷ Para melhor conhecimento sobre a vida e obra de Capistrano, ler AMED, Fernando. **As Cartas de Capistrano de Abreu**: Sociabilidade e vida literária na *belle époque* carioca. São Paulo: Alameda, 2006.

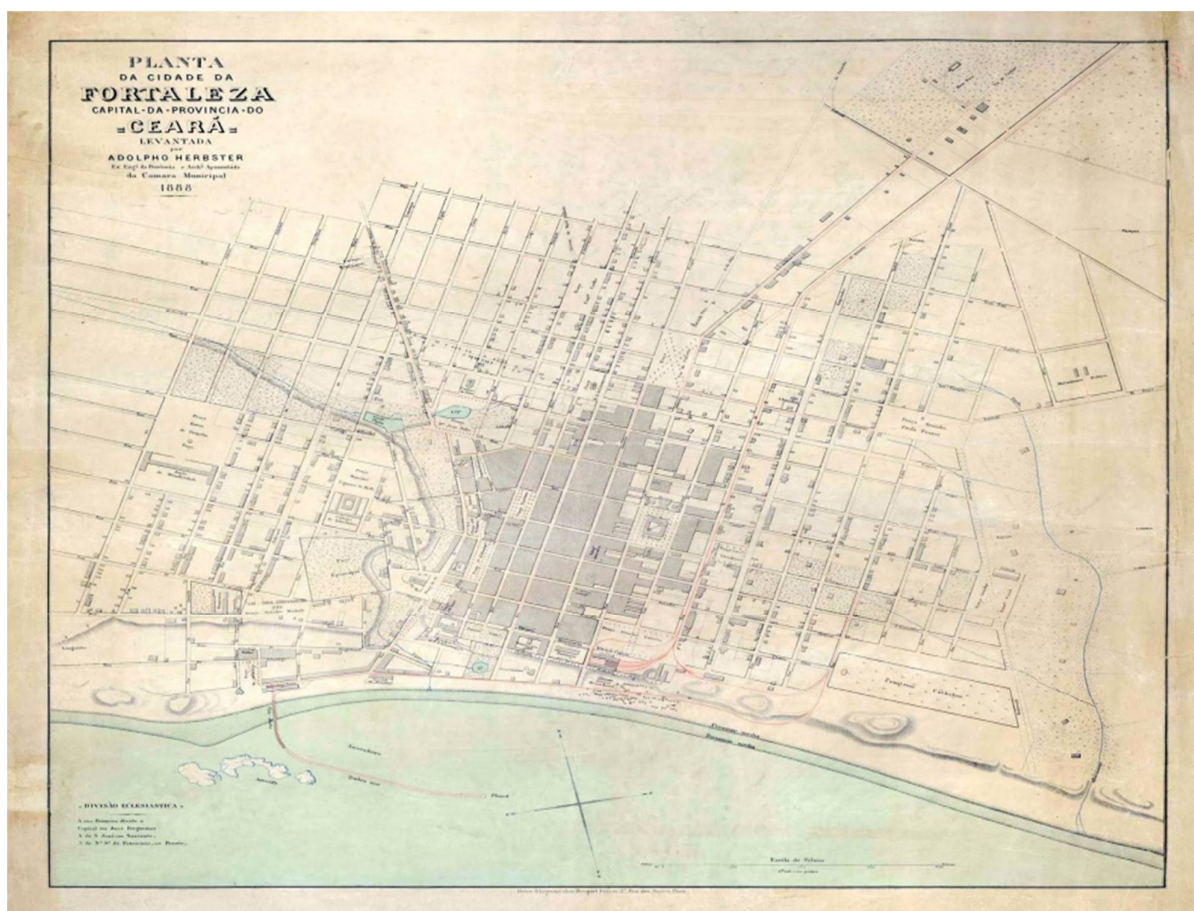
ACL, Academia Rebarbativa, os professores Raimundo Arruda, Jorge de Sousa e Joaquim Nogueira (Liceu do Ceará), os médicos José Frota e César Cals, o folclorista Leonardo Mota, o genealogista Soares Bulcão, o jornalista Júlio de Matos Ibiapina e o desembargador Ábner de Vasconcelos, dentre outros.

Estes grupos, agremiações, integrantes de instituições, componentes do comércio, caixeiros, tipógrafos, viajantes, imigrantes, retirantes se misturavam com a população da cidade em locais como as ruas, praças, parques e cafés, na busca de inserção, de espaço, almejando sobreviver em meio à gestão da cidade.

Além da disputa por espaço com a própria administração da cidade, veremos o conflito por espaço em locais específicos, como os cafés, as praças e parques, entre grupos que buscavam se firmar, através de suas práticas letradas (escrita em jornais, poemas, cartas, maneira de se vestir, se portar e posicionamento político) caso de intelectuais e agremiações e outras camadas e indivíduos que passam a almejar fazer parte destes espaços. Podemos trazer a hipótese da disputa por cargos e espaços já ocupados, como o Passeio Público de Fortaleza e cargos administrativos da cidade, através da sociabilidade criada em torno de novos campos, como os cafés na Praça do Ferreira, periódicos, livros e demais escritos; A utilização destes espaços gerava a formação de novos grupos, trazendo consigo o caráter de questionamento aos que já se encontravam ocupando os locais de poder da cidade, tanto em espaço urbano quanto em cargos, além de gerar uma nova disputa entre camadas na cidade, as agremiações e intelectuais que passam a se reunir na Praça do Ferreira e em seus cafés para vender as suas ideias impressas e divulgar seus ideais passam a ser alvo de inserção de outras camadas urbanas, a sociabilidade ali inserida seria também fator de distinção.

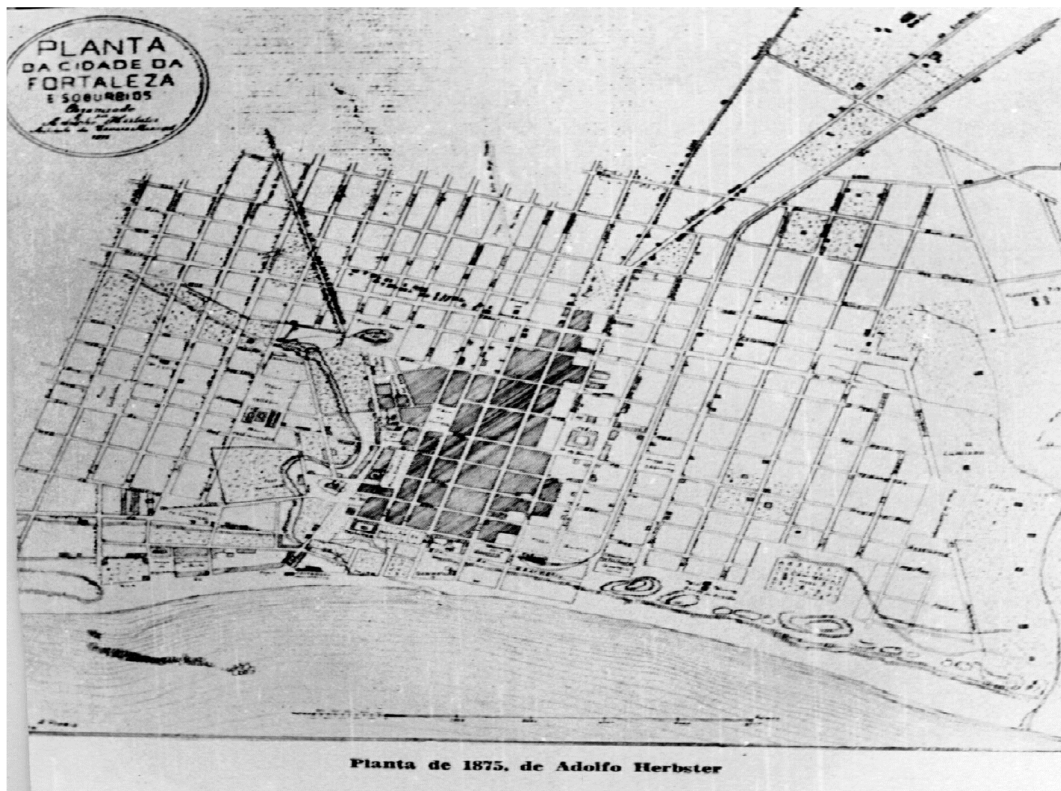
Como exemplos de controle social e urbano da época, podemos observar a já citada Planta Topográfica da cidade de Fortaleza e subúrbios, feita por Adolfo Hebster, em 1875. Tida em termos de modificação urbana como um dos marcos de modernização da cidade, o traçado xadrez inspirado nas ruas de Paris, era uma das estratégias de controle social pensadas pela gestão da cidade, era a tentativa de disciplinar o movimento de cada "peça dentro de um tabuleiro de damas" e distribuir a cidade de acordo com a vontade da gestão.

Figura 1 - Planta de Adolfo Hebster, 1875.



Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 2 - Planta de Adolfo Hebster, 1875.



Fonte: Arquivo Nirez.

No ano de 1877 Fortaleza passou a receber os flagelados da chamada "Grande Seca" que durou de 1877 a 1879, o número de fugitivos da seca fez com que Fortaleza recebesse uma população quatro vezes maior do que a sua, essa parcela da população que lutava por sua sobrevivência não podia frequentar o centro urbano em desenvolvimento, sendo excluída e aos poucos alocada para as extremidades daquela planta topográfica, a mão de obra dos retirantes foi utilizada como força de trabalho para as construções daquela Fortaleza "moderna".

A medicina teve papel importante na "limpeza social" pretendida dentro de um processo civilizatório na cidade. Entre as mudanças para o espaço urbano trazidas pela medicina temos o surgimento do primeiro Hospital da cidade, a Santa Casa de Misericórdia, em 1861, leis de higiene pública e privada e a construção de Lazaretos como o de Redenção e para os loucos e mendigos a criação do Asilo de Alienados na Parangaba, estes locais visavam afastar do centro urbano aqueles que eram incompatíveis com a racionalidade estabelecida pelos grupos administrativos, a partir

de 1870 também teremos o afastamento do matadouro e cemitério para longe do perímetro urbano.

Com o advento da República nos primeiros anos do século XX, o conjunto de reformas aumentou na capital, era, ainda, mais forte a necessidade de alinhar Fortaleza aos demais centros urbanos do país e da Europa, eliminando os resquícios provincianos e revigorando o espaço urbano da cidade.

Locais como praças e parques passam por reformas, o Mercado de Ferro, 1897, impulsiona muitas dessas mudanças, as principais praças passam por reformas entre 1902 e 1903, temos também a construção do Teatro José de Alencar em 1910.

O Plano Urbanístico de 1875 e o processo de reforma dos logradouros públicos marcam a dualidade do processo de remodelação urbana da cidade: a busca do controle social e dos hábitos e costumes dos agentes que circulavam no local e a beleza dos espaços públicos, somadas as ações daqueles que utilizavam os espaços com belos trajes e charutos, causando a falsa impressão de uma *Belle Époque*. Era necessário embelezar o espaço urbano e suprimir os sujeitos que não se adequassem aos padrões de civilização moderna. Mais uma vez a medicina e os agentes de higienização contribuem para o afastamento desses sujeitos indesejados, temos a construção do serviço de abastecimento de água, finalizado em 1924, a iluminação da cidade, a vacinação obrigatória, além de inspeções sanitárias obrigatórias.

A busca de controle sobre a movimentação dos indivíduos na cidade (peças no tabuleiro) através da planta de Adolfo Heister e a especificação de obras em locais que deveriam abrigar os sujeitos indesejados e afastá-los do centro de Fortaleza nos faz remeter ao conceito de Michel de Certeau ao pensar o espaço próprio:

A produção de um espaço *próprio*: a organização racional deve, portanto recalcar todas as poluições físicas, mentais ou políticas que a comprometeriam; estabelecer um *não-tempo* ou um sistema sincrônico, para substituir as resistências inapreensíveis e teimosas das tradições: estratégias científicas unívocas, possibilitadas pela redução niveladora de todos os dados, devem substituir as táticas dos usuários que astuciosamente jogam com as “ocasiões” e que, por esses acontecimento-armadilhas, lapsos da visibilidade, reintroduzem por toda a parte as opacidades da história; [...] (CERTEAU, 1994: 173).

Tomamos aqui como a “organização racional” a então gestão da cidade, na busca de afastar qualquer poluição física, mental e política que a compromettesse, podemos observar então dentro deste conceito, a planta da cidade, o asilo, o hospital e os lazaretos, que delimitavam a circulação urbana através do preestabelecimento destes

longe do centro da cidade, que aglomerava os locais símbolos de uma Fortaleza supostamente moderna.

Algumas reformas urbanas mais simples como a aposição de placas nas ruas e praças da cidade demorariam de 1817 a 1870, acentuando-se a partir de 1865, a iluminação haveria passado por três fases: a do azeite de peixe, a do gás carbônico e a da eletricidade com fios. O transporte até 1913 era feito pelos bondes puxados a burro, a "Companhia Ferro Carril do Ceará" cuidava desses transportes, a Companhia era de propriedade do cel. Tomé A. da Mota, depois vendida aos ingleses da "The Ceará Tramway Light and Power Co. Ltd", que instalaram os bondes elétricos. Enquanto puxados por burros, todos os bondes partiam da Praça do Ferreira.

Na década de 1910 foram inaugurados os primeiros cinemas, que dividiram espaço com os teatros que sofriam com a falta de companhias que se apresentassem constantemente pela cidade, os cinemas foram o Polytheama e o Majestic.

Na imagem a seguir vemos um trecho do Passeio Público, um dos espaços utilizados como forma de lazer e sociabilidade pelas camadas abastadas locais, com o impulso comercial que reforçou os poderes socioeconômicos, alguns setores produziram hábitos "elegantes", construindo áreas destinadas a práticas de identificação e distinção em relação às camadas sociais mais pobres, nessas áreas de distinção temos a presença de um consumo exacerbado de produtos europeus, seguidos de condutas e espetáculos luxuosos. Mas, também era constante o cortejo de camadas mais pobres que se multiplicavam cada vez mais rápido pelas ruas e eram constantemente alvo de técnicas de controle social.

Figura 3 - Uma das alas do Passeio Público em fins do século XIX,



Fonte: Arquivo Nirez.

Em uma das descrições de Mozart Soriano Aderaldo, temos o Passeio Público, que:

[...] naquela época, o centro de convergência da sociedade fortalezense, dando-nos disso notícia o historiador Gustavo Barroso: - "Ventilado, agradável sobretudo pela manhã, à tarde e à noite, era o Passeio Público nos bons tempos passados o ponto de reunião preferido pela população fortalezense. Do porto se avistava a linha multicolor de sua iluminação festiva. Num coreto chinês, as bandas militares tocavam às quintas e domingos. A gente fina enchia a avenida Caio Prado" (alameda que, no sentido leste-oeste, se debruça sobre o segundo plano do Passeio), "cujas batalhas de confetti no Carnaval se tornavam famosas. A gente de menos tom frequentava a Carapinima" (alameda do centro do passeio, naquele mesmo sentido, ligando o prédio da 10ª Região Militar à porta principal da Santa Casa da Misericórdia). "O povo miúdo ficava na Mororó" (alameda paralela à rua João Moreira). "Separação de camadas sociais natural e espontaneamente feita. Nas tardes comuns, diante do mar, onde floriavam os lenços brancos das jangadas voltando da pescaria, à sombra das castanholeiras, havia o Banco dos Velhos, reunião de homens de prol para um bate-papo erudito, e o Banco dos Moços, no qual se juntavam estudantes de direito e jovens jornalistas. O Banco dos Velhos transferiu-se mais tarde para a Praça do Ferreira, onde se tornou famoso sob esta singela rubrica - O BANCO". (À Margem da História do Ceará", Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962, os. 279 e 280, com parênteses do autor destas relembrações). Para Antônio Bezerra de Menezes, o Passeio Público era "a mais notável de todas" as praças da cidade na penúltima década do século passado. (Descrição da Cidade de Fortaleza"

In Revista do Instituto do Ceará, 1885, p. 148). (ADERALDO, 1989: 114 - 115).

Nos trechos citados por Mozart Soriano Aderaldo, encontramos algumas das características da sociabilidade da qual retratamos, o uso do espaço se dá não somente pelo o que ele estaria fornecendo, mas também pela relação ideológica e afetiva que é mantida ali através dos seus praticantes, estas maneiras de se reinventar o espaço, se dão a partir de uma ação comum que une em uma rede, ou microclima, uma agremiação ou sujeitos com interesses comuns, a partir desses laços que são formados temos uma *sociabilidade*. A formação desta rede não se dá obrigatoriamente pelo interesse positivo em algo, também encontramos nela sujeitos que se reúnem para tratar de algo que não lhes parece de bom grado, tanto a crítica negativa quanto a positiva podem trazer uma sociabilidade.

Figura 4 - Passeio Público em fins do século XIX,



Fonte: Arquivo Nirez.

Partindo da descrição feita sobre o Passeio Público, também é possível identificar o caráter de diferenciação entre grupos que utilizam o espaço, as práticas que

constroem a sociabilidade aproximam e identificam sujeitos comuns àquela ação, mas também afastam aqueles que não estariam "aptos" a também dividir aquelas práticas.

Falamos de uma distinção feita a partir do local social e do campo intelectual, sujeitos de camadas sociais diferentes frequentavam ruas diferentes em torno do Passeio Público, além de praticar aquele espaço de maneiras diferentes, mas possivelmente com pontos de interseção dentro desses diferentes grupos, mesmo parecendo um simples ponto em comum, o diálogo também contribui para a formação de um microclima de sociabilidade, os grupos que ali transitavam poderiam discutir temas totalmente diferentes uns dos outros, mas a ação acabava sendo comum a todos eles. Mesmo assim, temos essa distinção de maneira mais elevada através da vestimenta, dos bens de consumo e nos locais frequentados.

Através das imagens acima e da descrição feita do Passeio Público é preciso atentar para duas vertentes, a primeira delas aponta para a necessidade de uma pós-escrita sobre o período que moldasse a ideia de uma total segregação social que fosse seguida à risca de forma pacífica e geral pela população, a segunda vertente nos é inserida a partir do conceito de práticas urbanas:

Ao invés de permanecer no terreno de um discurso que mantém o seu privilégio invertendo o seu conteúdo (que fala de catástrofe e não mais de progresso), pode-se enveredar por outro caminho: analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento; (CERTEAU, 1994: 174 - 175).

Mesmo trazendo um conceito que trabalha com a ideia de controle da administração, Certeau aponta a possibilidade de utilização de brechas, de jogar e inventar o cotidiano, são as práticas urbanas, maneiras de se inserir no espaço, pensando este conceito, não podemos anular a possibilidade de contato entre as camadas que frequentavam o Passeio Público, nas fotos podemos perceber os trajes de passeio, que marcavam a influência da cultura francesa na cidade e se espalhavam também pelo comércio. Somente as roupas não trariam essa divisão de maneira tão nítida, dado o crescente número de lojas que passaram a vender os trajes franceses na cidade e que poderiam ser adquiridos em compras parceladas.

A revista "A Quinzena" do Club Literário "CLUB LITERARIO 56 – RUA MAJOR FACUNDO – 56 abre-se diariamente das 10 horas da manhã às 10 da noite. Acham-se à disposição dos Srs sócios jornaes e revista nacionais e estrangeiros", redatoriada por João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José Barcelos da Silva

Sobrinho e José Olímpio trouxe alguns dos anúncios de lojas que aderiram à venda de artigos franceses, a revista passou a ser publicada em 1887.

Notre-Dame de Paris LOJA DE MODAS E NOVIDADES RUA DA BOA VISTA N. 41 Este estabelecimento se acha montado com elegância e luxo, recebe diretamente de Paris, Hamburgo, Manchester e outras praças da Europa, todos os artigos de que se compõe o seu sortimento, podendo assim oferecer vantagens nos preços a todos os seus freguezes. Especialidade em calçados de luxo, chapéus e tecidos, novidades. Enxovaes para casamentos e batizados. Nabor A. Chagas & C.^a Ceará.
ALFAIATARIA DE OLEGARIO A. DOS SANTOS Praça do Ferreira n.32. Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.
A Quinzena, 1887, p. 88.

Os dois anúncios trazem alguns dos reflexos da cultura europeia e principalmente francesa em Fortaleza, tais anúncios eram comuns nas páginas dos periódicos locais, retratando mais uma vez a presença de sapatos, roupas e acessórios influenciados pela França, local que servia para muitos como exemplo de hábitos, costumes, intelectualidade e espaço urbano.

Não podemos deixar de destacar o caráter civilizatório que estava em xeque na cidade de Fortaleza, para isso, Norbert Elias nos ajuda a compreender melhor esta etapa através do que ele considera um *processo civilizador* (ELIAS, 1993), onde hábitos, costumes e relações culturais, econômicas e sociais passam a tentar ser moldadas de acordo com uma padronização imposta por grupos com maior capital financeiro e/ou intelectual. São exemplos disso a tentativa de estabelecer uma postura à mesa, o andar na rua, a fala; Novos modos de se comportar mediante as transformações impostas pelo Capitalismo.

As práticas disseminadas pela cidade e nos espaços como praças e parques também demonstravam um caráter de civilização que era almejado por uma pequena parcela da sociedade, estes espaços também foram descritos nas páginas de jornais, vejamos alguns.

Fortaleza contava em 1890, com 40.902 habitantes, foi divulgado no dia 31 de dezembro de 1890, o resultado do recenseamento feito em todo o Ceará, resultando entre centenas de revelações, que a população do Estado é composta de 44,5 brancos, 29,7 mestiços, 17,2 caboclos e 8,6 pretos. Fortaleza tinha 6.845 prédios, dos quais 7 são federais, 11 estaduais e 44 municipais, sem contar 3 mil choupanas e palhoças (AZEVEDO, 2001).

É também em 1890 que é fundado o Parque da Liberdade, local que também passou por diversas reformas e discussões nas páginas dos jornais de Fortaleza.

Parque da Liberdade

Amanhã as 9 horas do dia, pelo engenheiro do estado e pelo director das obras de socorro desta comarca. Dr. Romualdo de Barros, será entregue ao governo o Parque da Liberdade, excelente obra executada sob a intelligente e zelosa administração d'aquelle distincto profissional, em que foram efficazmente aproveitados os serviços dos indigentes manditos pelos socorros publicos.

O Parque da Liberdade que fica sendo um magnifico logar de diversão e recreio, passa ao dominio do poder municipal.

Amanhã tocará no Parque uma banda de música das 5 às 7 horas da tarde.

Uma outra banda de musica tocará às 9 horas do dia por ocasião da inauguração.

Jornal Libertador, 12 de maio de 1890.

O anúncio da inauguração do Parque no jornal *Libertador* parecia anunciar um local de "diversão e recreio" para a população da cidade, com uma banda que tocaria na inauguração.

Entretanto, com o surgimento da Padaria Espiritual, em 1892, dois anos após a inauguração do Parque, a agremiação dos "padeiros" já anunciava o abandono do Parque e da cidade, em um de seus estatutos, temos: "47) Pugar-se-á pelo aformoseamento do Parque da Liberdade, e pela boa conservação da cidade, em geral".

Na Padaria Espiritual tivemos as seguintes críticas:

Ha por ahi alguém que não traga no recondito do coração a sagrada recordação deste recanto bucolico, proprio para criaturas que se amam, se bejucarem? Não. Pois bem. O Pão, o jornal que ha de ser o iniciador de todas as grandes idéas e o defensor de todos os principios sãos, vai expor, por alguns segundos o estado em que está este formoso Parque, o mais delicioso retiro para os namorados felizes.

Após a inauguração, o povo, tomado de justo entusiasmo, affluia para ali em ondas, a espairecer á beira do lago, onde vagavam botes cheios de moças, aos sons dulçorosos de uma musica bem executada. Nós mesmos que escrevemos estas linhas ainda temos a imaginação povoada da imagem da creaturinha por quem morriamos de amores e ainda sentimos as sensações amollentadoras daquellas carnes brancas e perfumadas, de rijeza marmorea, que tantas vezes fizeram-nos perder a cabeça.

Hoje, abandonado e triste, tem o aspecto tetrico de um cemiterio de aldeia e ao passarmos por ali sentimos o coração contorcer-se dolorosamente.

Já não apparece mais ninguem por aquellas paragens onde reina a paz silenciosa dos sitios mal-assombrados.

Não sabemos a razão porque o abandonaram, porém cremos que o governo, para bem servir aos seus governados, devia dar vida ao Parque, mandando aos domingos a musica tocar das 5 ás 7, como fazia-se em tempos que não vão muito longe. (JUREMA, Moacyr/ Antônio Sales. "Parque da Liberdade". IN: *O Pão... da Padaria Espiritual*. Anno I; Nº 2; Fortaleza, 17/07/1892. P. 04).

Quando trabalhamos aqui com a *sociabilidade* e as *práticas urbanas* nos referimos a ações que rompem com a ordem racional imposta pela gestão de um espaço e que podem, a partir destas ações, gerar uma rede de sociabilidade, tal como podemos observar no trecho acima, analisando a utilização do parque para os rapazes observarem as moças que ali transitavam, vagavam nos botes que ficavam no lago do Parque, os casais que ali se encontravam, uma identidade gerada com o espaço através destas práticas, que fogem do intuito para os quais o mesmo foi criado, estas práticas levam a uma rede de sociabilidade afetiva com o Parque da Liberdade, que pode ser percebida nas linhas seguintes ao pedirem a reestruturação do espaço, trazendo de volta a banda e a vida que lhe foi tirada com o seu abandono, como descreve o próprio Antônio Sales na citação: "Lhe deixando com o aspecto de um cemitério e de um sítio mal-assombrado". Seguem as críticas:

Abandonado, completamente abandonado o Parque. Nunca uma palavra traduziu melhor um facto. Si duvidam, venham ver. Enfiem o palitot e cheguem até a praça onde ele jaz. Campus ubi Troia fuil.

Uma camisa suja ou uma bota rota não se deixa á margem com tanto desamor, como se fez aquelle jardim publico, depois de gastas com elle dezenas de contos, depois de todo construido, cortado de avenidas regado d'agua e quando elle ia ja abrindo a freseura de suas rosas no coração da cidade.

A sensação que se tem indo ao Parque não é lá muito aperitiva e refrigerante, não. Seria o mesmo que sentiríamos si atravessasemos um pedaço de floresta devastado por um incendio. Vivem alli apenas os capins entouceirados, uma ou outra arvore de decoração, as boas noutes solitarias, as parasitas e hervas maninhas de todos os generos.

Apenas a ilhota do lago viceja fresca e virente de plantas vivas.

As aves aquaticas tem pios de lamento, grasnam de pura fome.

Tudo está alli marcado com o sello da aridez e da tristeza.

Nas plantas nem uma gotta de orvalho. Tudo estiola sobre a reflexão erua e implacavel da luz que dardeja do azul.

Os pavilhões, na athmosphera agitada e viva, tem recortes de tendas arabes em planície deserta.

A agua do lado é esverdinhada e opaca, sem arrepios, sem reflexos.

A hematose, nos seres vivos, ás horas altas do dia, torna-se alli impossivel.

Muitas das críticas feitas apontam não somente para a revitalização do parque, mas podemos pensar também na crítica feita à própria administração da cidade, que gastou com ele “dezenas de contos”, um espaço em local privilegiado, próximo a várias avenidas, regado d’agua e estava, segundo os redatores do *Pão*, abandonado e em mau uso por conta da gestão da cidade.

É mais uma grelha, do que um jardim aquillo.

Si houvesse, no emtanto, um zelador intelligente e activo, encarregado de cultivar as plantas, ragal-as, moudal-as, de cimentar e ensombrar as avenidas, de rasgar repuchos, abrir cascatas, bucolisar enfim tudo aquillo, que

bonitinho e idílico não seria o Parque, construído como está n'uma praça tão rica de perspectiva: uma egrejinha branca de agulha esguia flechando o azul; fachadas distantes de casas, agasalhadas n'uma meia penumbra de palmeiras finas; vegetações remotas de quintal engrinaldan do pedaços de muros; recantos verdes de natureza; nesgas de céu entre arvóres; trechos de serra aguarellados e esvahidos; com esta perspectiva esplendida que bonitinho e idílico não seria o Parque, si houvesse um zelador inteligente e activo.....

E ia-me esquecendo.

O Parque tem um zelador.

Um dia d'estes fomos até lá.

Almas vivas encontramos uns patos e um velho.

-Meu velho, diga-nos uma cousa. Você sabe si ha alguém empregado aqui no Parque?

-Ha, sim senhor. O snr. João Pedro que é o zelador.

-E o snr. João Pedro ganha alguma cousa?

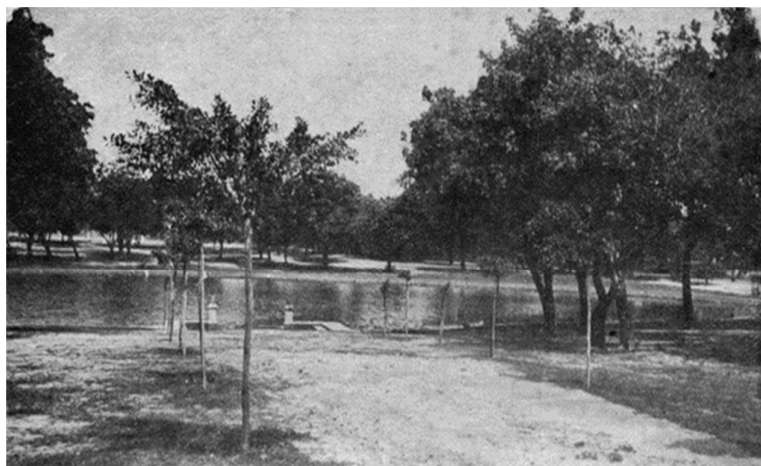
-Ganha, que este é o emprego d'elle.

-Então o snr. João Pedro!!!

Snr. João Pedro a Padaria tem a honra de cumprimental-o. (JAGUAR, Lucio/Tibúrcio de Freitas. "Parque da Liberdade". IN: *O Pão... da Padaria Espiritual*. Anno I; Nº 2; Fortaleza, 17/07/1892. P. 02 – 03).

O artigo de Tibúrcio de Freitas destaca o espaço geográfico do Parque da Liberdade, também no que diz respeito à fauna e flora, também denunciando o seu suposto abandono e a necessidade de um novo zelador que cumpra as atividades descritas. Para além do espaço temos o exemplo da sociabilidade através das páginas de um periódico, nele temos uma sociabilidade que se manifesta em meio às críticas ao uso do Parque, reunindo em torno de uma ideia que poderia ou não ser comum a todos os membros da agremiação, uma rede de interesses.

Figura 5 - Parque da Liberdade. Atenção ao lago citado pelos membros da Padaria no qual vagavam os botes e se observavam os casais e a moça citada no trecho do *Pão*.



PARQUE DA LIBERDADE
CEARÁ - FORTALEZA

Fonte: Arquivo Nirez.

A partir de 1886 temos a inserção dos Cafés na cidade, partiremos agora do processo de análise da sua inserção no espaço urbano, dividindo este espaço com alguns dos mecanismos aqui apresentados, a presença dos intelectuais permeava os Cafés, mas também as praças, parques, cinemas e outros espaços que passavam a ser praticados de uma nova maneira.

2.2 REDUTOS DE BUCOLISMO ROMÂNTICO: OS PRIMEIROS CAFÉS DA CIDADE E A SUA INSERÇÃO COM O ESPAÇO URBANO.

Apresentados dois dos pontos de importância da cidade na década de 1880, passaremos a analisar o surgimento do primeiro Café da cidade, juntamente com o crescimento da praça que o abrigava, a Praça do Ferreira, outros clubes e locais que traçamos como espaços de sociabilidade terão destaque neste trabalho, enquanto locais que dividiram espaço com os Cafés. Mais uma vez é necessário chamar a atenção para o comércio da cidade, tendo em vista que a documentação aponta o período de surgimento dos Cafés de Fortaleza como um recorte temporal de crise econômica da Província. Também buscaremos entender a possível relação dos Cafés da Europa com os Cafés locais.

Para além dos tradicionais pontos de encontro de uma parcela da sociedade e dos intelectuais, Mozart Soriano Aderaldo alerta para outros pontos de sociabilidade ao ar livre:

Não se pense que a sociedade e a intelectualidade conterrâneas se reuniam somente em Cafés, restaurantes, confeitarias e demais casas do gênero, assim como nas livrarias da terra. As esquinas e os bancos da Praça do Ferreira eram, também, pontos de reunião de pessoas representativas dos setores social e econômico, político e intelectual de Fortaleza. (ADERALDO, 1989: 114).

O hábito de utilizar não só as instalações em torno da Praça, mas também o próprio espaço que o local fornecia parecia ter sido herdado do Passeio Público, já que antes das reformas feitas a partir da administração de Guilherme Rocha, a Praça do Ferreira era frequentada de dia pelos feirantes que vinham de Messejana, Parangaba e Caucaia venderem produtos agrícolas. Temos assim a indicação de que não somente os Cafés eram praticados enquanto espaços de sociabilidade, mas eram utilizados também

locais de extensão dos próprios Cafês, como as ruas e praças na quais os mesmos se encontravam e outros locais como clubes, cinemas e parques.

O palco central dos quiosques até a primeira década de 1900 era a Praça do Ferreira, “que até 1902 não passava de um vasto areal cercado de mongubeiras e outras árvores, onde se realizavam feiras, não se revestia, sequer, de calçamento tosco” (GIRÃO, 1979: 129). “Apresentava em sua extensão, manchas irregulares de capinzal, sua crescente importância decorreu do indisfarçado interesse que lhe devotava o boticário Ferreira e, a partir de 1880, da instalação em seu derredor, dos pontos de estacionamento dos bondes à tração animal” (MENEZES, 1938: 16 - 28). Era em torno deste ambiente que nos meados de 1886⁸ ou “pouco depois da Abolição e próximo à proclamação da República”⁹ que se ergueu o Café Java, o pioneiro dos quiosques da Praça do Ferreira, que teve como primeiro proprietário Manuel Ferreira dos Santos, vulgo Mané Coco, aracatiense que veio para a capital cearense.

Observemos que as décadas de surgimento dos quiosques e cafês¹⁰ na Praça do Ferreira, 1880 – 1890 são englobadas dentro do período de descrição em que a Praça não possuía muitos atrativos, “um vasto areal, onde se realizavam feiras”, mas o crescimento do seu espaço parece ter ocorrido principalmente no decorrer da década de 1880, com a iniciativa do boticário Ferreira da instalação, em seu redor, dos pontos de estacionamento dos bondes à tração animal.

Outro fator a ser observado é a queda do comércio no mesmo período de instauração do café Java e demais quiosques em torno da Praça do Ferreira:

Alfandega da Província do Ceará

Fortaleza, 18 de março de 1887

Inspector da Alfandega: José B. Osório

Renda

As secas, que tem assolado esta Província são a causa principal da diminuição da renda pública.

⁸ OLIVEIRA, João Perdigão de. In: **A Jangada**, nº 25. Fortaleza: Dezembro de 1912.

⁹ MONTENEGRO, Abelardo. **A Praça do Ferreira**. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1959, p. 50.

¹⁰ Os termos "Quiosque e Café" aparecem com frequência nesta dissertação, assim como em documentos e escritos que abordam o tema em nosso recorte, geralmente são retratados juntos, Ex. "Os Quiosques e Cafês da Praça do Ferreira", a junção dos termos pode confundir o leitor, achando que ambos obrigatoriamente têm o mesmo significado. Na busca de tentarmos delimitar melhor os termos, trazemos as seguintes definições, Quiosque diz respeito a uma estrutura de madeira, geralmente em locais públicos que fornece venda de artigos a escolha de seu proprietário, como jornais, frutas, roupas etc. O Café diz respeito ao estabelecimento para venda de bebidas, como a que o próprio nome sugere, chás, bebidas alcoólicas e alimentos para rápido consumo, como bolos, doces etc. Logo temos a tipologia de estabelecimento comercial "Café" dentro da estrutura física de um Quiosque. Vale ressaltar a influência dos Cafês europeus nos aqui presentes em Fortaleza, no que diz respeito a uma estrutura que oferece mais do que o espaço de comércio, mas o próprio espaço de convivência. Trataremos melhor esta influência no decorrer da dissertação.

O comércio está muito decadente e sente-se vacilante com face destas calamidades. O espirito empreendedor, que o deu características, está abatido e com tendências a desaparecer, anunciando-se verdadeira crise.

O aparecimento de chuvas regulares para desenvolvimento da produção é o termômetro comercial, e estás até a presente época já bem adiantada da estação chuvosa, ainda não dão fundadas esperanças de melhor estado pela certeza da colheita.

No corrente exercício, até hoje, é esta a renda arrecadada: R\$ (Réis) 925:129, 807. Repartidos pelos respectivos mezes na seguinte proporção:

Julho 1885	161: 317, 546
Agosto	108: 853, 357
Setembro	112: 331, 339
Outubro	123: 168, 281
Novembro	112: 480, 264
Dezembro	109: 054, 268
Janeiro 1886	87: 559, 379
Fevereiro	45: 573, 323
Março (até 17)	64: 792, 050
	925: 129, 807

No quinquennio foi esta a renda, e assim distribuída:

1880 – 1881	1: 386. 047, 822
1881 – 1882	1: 713. 391, 409
1882 – 1883	1: 846. 885, 544
1883 – 1884	1: 763. 499, 872
1884 – 1885	1: 315. 143, 401
	8: 024. 968, 084

Citado anteriormente, o algodão, ainda, se mostrava com vantagens numéricas a principal fonte de renda da Província, fazendo necessária a presença de chuvas periódicas para a sua produção, fator que não ocorreu devido ao assolamento de secas pela região, o café e o açúcar não cobriam a renda que o algodão preenchia.

A partir dos números apresentados é notória a diminuição de renda do ano de 1886, sendo às vezes em até 50% menor comparada a meses de 1885. A chuva aparecia então como fator determinante para o desenvolvimento do comércio de uma região propriamente agrícola.

Outro documento que aponta para a mesma direção é o relatório de Província de 1886:

Relatorio com que o Exm. Sr. Desembargador Miguel Galmon Do Pin Almeida passou a administração da Provincia do Ceará ao Exm. Sr. Desembargador Joaquim da Costa Barradas no dia 9 de abril de 1886. Fortaleza, Tip. Do Cearense – Rua Formosa nº 86. 1886. P. 42.

Annos	Receita	Despeza	Deficit
1880	723:691\$455	868:115\$287	144:423\$832

1881	777:856\$746	999:157\$192	221:300\$416
1882	816:860\$224	916:884\$092	100:023\$868
1883	705:481\$779	834:651\$597	129:169\$818
1884	915:845\$724	895:713\$606	

Tem a província vivido do regime dos déficits e dos empréstimos, e estes em alguns anos não tem sido suficientes para satisfazer suas excessivas despesas. Por outro lado demonstra este quadro que, apesar da escassez das chuvas, a província tem constantemente aumentado sua renda.

De 1880 a 1883 a Província passa por um alto número de gastos, principalmente nos dois primeiros anos da década, fazendo assim necessária a petição de empréstimos, que acabavam por vir principalmente da França e mais tarde dos Estados Unidos, apenas em 1884 temos um número de receita maior do que o número de despesas, mas é preciso observar que a diferença entre os números é pequena, sendo a receita maior em 20:132\$118. Seguindo o mesmo traçado da documentação da alfândega, a falta de chuvas e o crescente número de secas aparecem como principal fator da decadência econômica da Província. Existe a tentativa de apontar um crescimento comercial mesmo com a falta de chuvas, o que não se confirma dados os números apresentados, mais uma vez com exceção de 1884. Além dos gastos comerciais, são descritos os investimentos com a saúde, obras militares, porto, estradas de ferro e estabelecimentos de caridade. É em meio a tantas mudanças econômicas e políticas que começam a se instalar os Cafés em Fortaleza, em relação às agremiações intelectuais que frequentam estes espaços, temos notícias de movimentações anteriores a 1892, com a fundação da *Padaria Espiritual*.

No ano de 1890, um periódico chamado *O Bond* ao retratar a figura de Ulisses Bezerra, dizia ele “É sócio do grêmio do Café Java”, poderia ser esse grêmio um prelúdio da Padaria Espiritual, que surgiria dois anos depois, em 30 de maio de 1892, nas mesas do próprio café Java. Era comum o nascimento de agremiações intelectuais na cidade, pensando na já existência da Academia Francesa (1872) e o Centro Literário, a Padaria Espiritual tem como alguns de seus componentes Antônio Sales (Fundador), Rodolfo Teófilo, Adolfo Caminha, Lopes Filho, Álvaro Martins e Henrique Jorge, dentre outros nomes, somando aproximadamente 20 membros, cada um adotou um pseudônimo, como veremos nas citações abaixo, trazendo nomes da cultura regional. Estes se denominavam como padeiros, na busca de produzir o “pão de espírito” para a população, se organizavam em um Padeiro-mor (Presidente), dois forneiros (secretários), um gaveta (tesoureiro), um guarda livros (Bibliotecário) e um investigador das coisas e das gentes (olho de providência), os cargos foram ocupados por padeiros

diferentes durante a existência da Padaria até 1898, tendo somadas 36 publicações do seu periódico.

A primeira reunião preparatória ocorreu nas mesas do Café Java, ao ar livre, as reuniões eram feitas no “forno” localizado na Rua Formosa Nº 105, nas casas dos padeiros ou no Café. As reuniões eram diárias com exceção das quintas-feiras. Dividida em duas fases, de 1892 – 1894 e de 1894 – 1898, foram feitas publicações sobre o café Java, espaços da cidade e a sua utilização.

Alguns locais foram descritos e criticados pelos padeiros, temos algumas das atividades que eles realizavam pela cidade:

[...] A Capital do Ceará, encantadora como uma perola do Oriente, bella como a conheceis, é, entretanto, uma cidadesinha soffrivelmente atrasada com laivos de civilisação. Si temos duas livrarias, em compensação não lemos livros que prestem. Para matar o tédio que nos mina e consome a existencia, somos obrigados a ir, ás quinta-feiras e aos domingos, alli ao Passeio Publico exhibir a melhor de nossas fatiotas e o mais hypocrita e imbecil de nossos sorrisos. [...]. (GUANABARINO. Felix/ Adolfo Caminha. *O Pão... Da Padaria Espiritual*. Anno I. Número 2. 17 de Julho de 1892. P. 2).

A falta de locais para uma sociabilidade intelectual era alvo das críticas na Padaria Espiritual. Já quando chegavam algumas dessas modificações, pareciam desordenadas, sem nenhum planejamento ou gestão, segundo os padeiros:

O serviço da Ferro Carril, leitores, pode ser tudo: confusão, anarchia, desordem, chãos e outras tantas cousas semelhantes, nunca, porem, direcção.

Para prova de tão lastimavel verdade, não é preciso que recorramos aos incidentes que reproduzem cada dia e em cada linha da Ferro Carril ; basta que voltemos as vistas para o movimento da P. do Ferreira para o Prado, todos os domingos.

Aquilo é simplesmente um horror. Cada familia, ou para melhor dizermos, cada simples mortal que se dispor a ir ao Prado deve fazer seu testamento, ou a revelação de sua ultima vontade, e tomar todos os sacramento da ultima hora, por que, sem o menor exagero, vai correr em semelhante trajecto o maior perigo da vida.

Jesus Christo, no caminho do calvário, não foi capaz de suportar via tão dolorosa.

Por volta das II do dia chega-se á P. do Ferreira, e ali se encontra de um lado e outro da linha cerca de 2000 pessoas, disputando cada uma por sua vez um logarsinho em cinco ou seis carros que a illustre companhia digna-se a offerecer á concorrência publica. (TUPINIQUEIM, Wenceslau/ Jovino Guedes. *O Pão... Da Padaria Espiritual*. Anno I. Número 4. 13 de Novembro de 1892. P. 1 – 2).

O que poderia ser visto como um símbolo de modernização da cidade, através da implementação do serviço de bondes a tração animal, passa a ser considerado

como fator de desordem pelos padeiros, levando tanto a crítica dos serviços da empresa quando da organização do espaço urbano. Outro local de indagação dos membros da Padaria Espiritual foi a Biblioteca Pública, o horário de funcionamento não permitia a presença de trabalhadores do comércio:

Bibliottecha Publica

Concitamos o cidadão Governador do Estado a dar execução á petição que lhe dirigimos a respeito do horario da Bibliottecha Publica.

Este estabelecimento abre-se ás 10 horas da manhã e fecha-se ás 3 da tarde, como qualquer outra repartição.

Quem transpôs o humbral da Bibliottecha, apesar do grande desejo e necessidade que tem de fazel-o, porque está aferrado ás suas obrigações justaente ao tempo em que está ella aberta ao publico.

Vamos, cidadão Governador, seja rasoavel, faça isto: mande abrir a Bibliottecha das 7 ás 9 da manhã e das 6 ás 9 da noute, e garantimos que ella será frequentada por muita gente que, á falta de occupação melhor, vai jogar bilhar na Maison e dominó no **Java**.

Faça o nosso pedido; sim? (JUREMA. Moacyr/ Antônio Sales. *O Pão...* Da Padaria Espiritual. Anno I. Número 1. 10 de Julho de 1892. P. 4).

O trecho da Padaria Espiritual nos leva a questionar alguns fatores sobre a gestão da cidade e sobre o uso de espaços, observando: 1. Somado ao fato da alta taxa de analfabestimo, o fato da Biblioteca Pública não funcionar em horários de mais fácil acesso a população, até mesmo aos profissionais liberais e detentores de alguma forma de capital intelectual, acabaria limitando o acesso ao conhecimento contido nas obras ali estabelecidas. 2. A Biblioteca Pública enquanto um espaço de debate intelectual, a construção de um espaço de sociabilidade, pela citação, uma localização com maior identidade para os anseios de civilização e crescimento intelectual, mas o fator horário de funcionamento, não lhes permitia tal feito, lhes sobravam os jogos de bilhar no Maison e dominó no Java.

A partir disto nos surge a seguinte questão: o contato com o Café Java seria um espaço selecionado, fazendo dele um local de sociabilidade pelo fator intelectual e mais tarde gerando uma sociabilidade afetiva (até mesmo podendo ter ocorrido o inverso destas ordens) ou teríamos o Java enquanto o espaço que lhes sobrava mediante a falta de um local almejado? Uma resposta difícil de encontrarmos, mas é preciso lembrar que os Cafés na Europa já seguiam a formação de espaços para além do intuito comercial, refletiam os avanços das sociedades as quais faziam parte, além de passarem pelo status de centros das altas classes locais, sobre este fator nos cafés europeus, podemos analisar o poema abaixo, de Charles Baudelaire, do ano de 1869, nos permitindo observar um pouco do espaço dos Cafés na Europa:

Os olhos dos pobres, De Le Spleen de Paris (Les Petits Poèmes em prose), 1869. Charles Baudelaire.

Quer saber por que a odeio hoje? Sem dúvida lhe será menos fácil compreendê-lo do que a mim explicá-lo; pois acho que você é o mais belo exemplo da impermeabilidade feminina que se possa encontrar.

Tínhamos passado juntos um longo dia, que a mim me pareceu curto. Tínhamos nos prometido que todos os nossos pensamentos seriam comuns, que nossas almas, daqui por diante, seriam uma só; sonho que nada tem de original, no fim das contas, salvo o fato de que, se os homens o sonharam, nenhum o realizou.

De noite, um pouco cansada, você quis se sentar num café novo na esquina de um bulevar novo, todo sujo ainda de entulho e já mostrando gloriosamente seus esplendores inacabados. O café resplandecia. O próprio gás disseminava ali todo o ardor de uma estréia e iluminava com todas as suas forças as paredes ofuscantes de brancura, as superfícies faiscantes dos espelhos, os ouros das madeiras e cornijas, os pajens de caras rechonchudas puxados por coleiras de cães, as damas rindo para o falcão em suas mãos, as ninfas e deusas portando frutos na cabeça, os patês e a caça, as Hebes e os Ganimedes estendendo a pequena ânfora de bavarezas, o obelisco bicolor dos sorvetes matizados; toda a história e toda a mitologia a serviço da comilança.

Texto disponível em: http://www.lainsignia.org/2004/noviembre/cul_004.htm

Até aqui observamos no poema de Baudelaire a descrição daqueles que frequentavam o Café e um olhar rápido sobre o próprio espaço, local e pessoas de excessos, buscando demonstrar o potencial econômico através de hábitos nada comuns a população mais pobre. Ainda que um espaço novo, ainda sujo de entulho, já buscava mostrar para qual público havia sido erguido, qual a sua função; O brilho, o dourado, as luzes, o palco para aqueles que buscavam simplesmente exhibir o seu potencial capital em forma de animais, roupas e ações próprias de um grupo distinto.

Plantado diante de nós, na calçada, um bravo homem dos seus quarenta anos, de rosto cansado, barba grisalha, trazia pela mão um menino e no outro braço um pequeno ser ainda muito frágil para andar. Ele desempenhava o ofício de empregada e levava as crianças para tomarem o ar da tarde. Todos em farrapos. Estes três rostos eram extraordinariamente sérios e os seis olhos contemplavam fixamente o novo café com idêntica admiração, mas diversamente nuançada pela idade.

Os olhos do pai diziam: "Como é bonito! Como é bonito! Parece que todo o ouro do pobre mundo veio parar nessas paredes." Os olhos do menino: "Como é bonito, como é bonito, mas é uma casa onde só entra gente que não é como nós." Quanto aos olhos do menor, estavam fascinados demais para exprimir outra coisa que não uma alegria estúpida e profunda.

Dizem os cancionistas que o prazer torna a alma boa e amolece o coração. Não somente essa família de olhos me enternecia, mas ainda me sentia um tanto envergonhado de nossas garrafas e copos, maiores que nossa sede. Voltei os olhos para os seus, querido amor, para ler neles meu pensamento; mergulhava em seus olhos tão belos e tão estranhamente doces, nos seus olhos verdes habitados pelo Capricho e inspirados pela Lua, quando você me disse: "Essa gente é insuportável, com seus olhos abertos como portas de cocheira! Não poderia pedir ao maître para os tirar daqui?"

Como é difícil nos entendermos, querido anjo, e o quanto o pensamento é incomunicável, mesmo entre pessoas que se amam!

Texto disponível em: http://www.lainsignia.org/2004/noviembre/cul_004.htm

O Café aparece enquanto local de distinção, de separação entre camadas sociais, local que remete ao luxo, aos banquetes e a iluminação do moderno, agindo como espaço de tradução das camadas abastadas no espaço em modernização e como linha de separação entre o que identifica as novas elites locais. Partindo deste exemplo, e dos cafés da cidade, vejamos como estes mecanismos urbanos foram tomando espaço pela cidade de Fortaleza, juntamente com novos locais que surgem, levando em conta o desenvolvimento comercial dos próprios cafés e da cidade, assim como os mais diversos grupos que os frequentavam.

Já nos quatro cantos da Praça do Ferreira foram construídos, no último quartel do Século XIX, quiosques de madeira que receberam os nomes de Café Java (esquina nordeste), Café do Comércio (esquina noroeste), Café Iracema (esquina sudoeste) e Café Elegante (esquina sudeste). O Java e o Iracema tinham um só pavimento, enquanto o do Comércio e o Elegante eram assobradados. Além desses havia uma guarita que servia de posto fiscal da Ceará Light, situada entre o Java e o do Comércio.

Como já foi observado anteriormente, um desses cafés ganhou destaque por “ver nascer” e abrigar a Padaria Espiritual, no trecho citado acima também é interessante observarmos que o Café Java e o Iracema não eram os maiores fisicamente entre os quatro, entretanto, o Java ganhou destaque mediante a presença dos “padeiros” e o Iracema abrigou os sócios da Academia Rebarbativa, composta de intelectuais boêmios da cidade, entre eles, José Gil Amora, Genuíno de Castro, Carlos Severo e Otacílio de Azevedo.

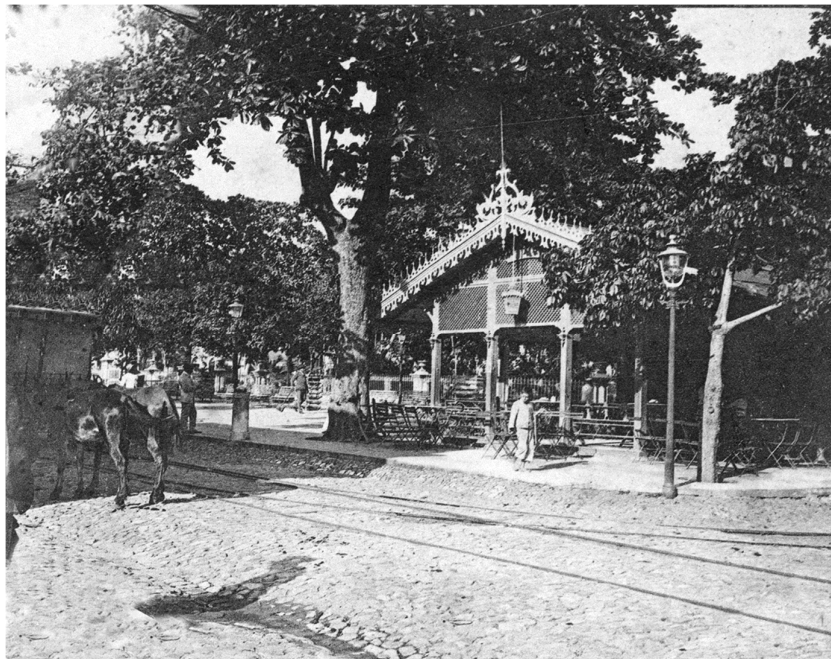
E havia ainda o Café Iracema, que pertenceu a Antônio Teles de Oliveira, posteriormente ficou aos cuidados de Pereira & Silva, depois passou para Ludgero Garcia que teve a iniciativa de transformar o café em uma hospedaria para os fregueses do interior de forma gratuita, conquanto fizessem suas refeições no Iracema (GIRÃO, 1938: 129). Ludgero Garcia também utilizava versos, encomendados a amigos poetas, para a propaganda de seus produtos, temos como exemplo: “Quero dizer o que sinto, pois o que digo é verdade: do Garcia o pega-pinto é o melhor da cidade”.¹¹

É necessário destacar algo que não aparece de forma tão evidente ao tratarmos dos cafés, estes para além de espaços de sociabilidade, são espaços comerciais e precisam sobreviver em meio à crise econômica por conta das secas, a presença de

¹¹ O trecho citado não possuía dados sobre o autor.

intelectuais nestes espaços não garantia a sua sobrevivência, algumas práticas passam a ser utilizadas na busca de garantir o lucro dos locais, como a citada acima no Iracema, vemos então mais uma vez o que tratamos como sociabilidade na cidade: jogos no Java, reuniões da agremiação, venda do periódico, usos e práticas que envolvem o caráter ideológico e afetivo com o local e não somente o valor comercial.

Figura 6 - Café Java



Fonte: Arquivo Nirez.

A foto acima permite observar algumas das descrições feitas até aqui, os bondes a tração animal, as cadeiras espalhadas à frente do quiosque e a Praça do Ferreira já arborizada e em processo de remodelação. Esses quiosques foram preservados pelo então Prefeito Cel. Guilherme Rocha, quando no início do Século XX, mais precisamente em 1902, embelezou a Praça do Ferreira, convertendo-a “num jardim de encantos: a parte mais central do quadro cercado de gradis e, no interior, floridos e belos canteiros rodeados de bancos. Ao redor do vasto piso de cimento róseo, nos quatro lados, uma série de frades de pedra de lio. Os cafês tiveram daí para frente, mais vida e puderam estender suas mesas e cadeiras mais cômoda e convidativamente” (GIRÃO, 1938: 129).

O movimento dos quiosques cresceria ainda mais com a inauguração do Cine Polytheama (1910), dos bondes elétricos (1913/14) e do Cine Majestic (1917).

Porém, em 1920, mês de outubro (NOGUEIRA, 1942: 18), o Prefeito Godofredo Maciel, em sua primeira administração (ele voltaria a este cargo no ano de 1925), pôs abaixo os “mimosos quiosques” (BEZERRA, 1895: 148).

Além dos cafês instalados nos quiosques situados nos quatro cantos da Praça do Ferreira (Java, do Comércio, Iracema e Elegante), outros se abrigaram em prédios que circundavam o movimentado logradouro, antes e principalmente depois da demolição daquelas construções de madeira (ADERALDO, 1989: 66).

O primeiro destes cafês foi o Maison Art Nouveau que funcionou de 1907 a 1930, situava-se entre as ruas Major Facundo e Guilherme Rocha, em 1913 surgiu o Café Riche que teve suas portas abertas até o ano de 1926. Mesmo com a demolição, em 1920, dos quatro quiosques da Praça do Ferreira, três dos cafês neles estabelecidos passaram a funcionar em prédios da Prefeitura, foram eles: o Java, o do Comércio e o Iracema, mas segundo Girão (1979), sem o mesmo brilho de antes, com exceção do Comércio em sua terceira fase, pertencendo a Manuel Uchoa e situado na rua Major Facundo nº 418.

Além dos já citados, temos também o Café Avenida, ponto de encontro de intelectuais, como os professores Raimundo Arruda, Jorge de Sousa e Joaquim Nogueira (Liceu do Ceará), os médicos José Frota e César Cals, o folclorista Leonardo Mota, o genealogista Soares Bulcão, o jornalista Júlio de Matos Ibiapina e o desembargador Ábner de Vasconcelos, dentre outros. Em 1928 temos a Confeitaria Glória, registra-se que este era o local preferido pela jovem escritora Rachel de Queiroz que em 1930 lançaria o seu primeiro romance, “O Quinze”. Na mesma Confeitaria apareceram os jovens da “Escola Moça de Cultura”, como Antônio Girão Barroso, Fran Martins, Yaco Fernandes, Marcos e Paulo Botelho, Moreira Campos, Manoel Albano Amora, Germano Holanda, Walter e Ari de Sá Cavalcante, Murilo Mota, Haroldo Torres e outros.

O espaço físico dos Cafês variava um pouco dependendo da sua localidade, mas geralmente eram espaços sem muita amplitude, mas com certa dignidade, todos tinham muitas portas, meia parede azulejada, muitos espelhos, um balcão-fiteiro, mesas e cadeiras e, a um canto, a tabacaria. No balcão ficavam expostos os bolos “Luiz Felipe” e “Sousa Leão”, o “grude”, doces caseiros, de goiaba, em calda; bananas “baba-de-boi”, inteiras, mergulhadas em uma calda rosada; doce de leite “encaroçado”, fatias de queijo de coalho, entre outros. Na geladeira, refrescos de maracujá, cajá ou murici, conforme a estação do ano. E o que não poderia faltar, um copo de leite simples ou duplo, “leite

pingado” que era o café com leite e, o cafezinho, que não era assim chamado, mas, simplesmente café (LOPES, 1988: 70).

Os Cafés, assim como o restante da cidade, também parecem ter recebido em menor ou maior escala influência dos costumes europeus, talvez pela influência dos cafés na Europa que refletiram a necessidade de civilização, ou pelos intelectuais que se espelhavam nos costumes do velho continente e trouxeram para os espaços que frequentavam. Em 1886 é publicado no jornal *O Cearense*:

Jornal O Cearense

Fortaleza, Domingo - 15 de agosto 1886./ ANNOXL/ Número 182

“NOTICIARIO [...]

O Café Baner e o jornalismo universal. – Talvez não haja no mundo estabelecimento que se compare com o *Café Baner*, de Berlim, no tocante a relações com a imprensa. Recebe 55 diários alemães de 2 a 7 exemplares ao todo 709, procedentes de 25 nações e redigidos nas linguas, franceza, inglesa, dinamarquesa, hollandeza, hespanhola, portuguesa, grega, rumaica, russa, sueca, servia, turca, tchéque, polaca, húngara e japoneza.[...]”

O artigo relata a relação de um café com a imprensa local e internacional, um café "intelectual". Os cafés assim como algumas praças, parque e clubes começam a ser utilizados como local de distinção social e intelectual, em 1887. Apontando, assim, mais uma possível influência em relação aos Cafés europeus.

Otacílio de Azevedo em suas memórias destaca o importante papel dos cafés na Europa, citando o orgulho de Paris por seus cafés literários, o café de La Paix e o café de La Regence. Na Inglaterra os cafés eram chamados “universidades de vintém”. Ainda segundo Otacílio, “A fama de muitos oradores começou em cafés que foram aqui e alhures centros de incubação e fermentação de ideias”. Lisboa também teria a tradição dos seus cafés, como o café Martinho e o café Nicola. No Brasil, o Rio de Janeiro com a Confeitaria Colombo (que existe até hoje na capital carioca) ganhou destaque com a presença de Olavo Bilac e seus companheiros de boêmia e debate, mas ainda assim, como quase todo o resto das capitais brasileiras, perdeu seus cafés famosos com adoção do café expresso e das lanchonetes.

Como vimos até aqui uma trajetória temporal e física dos primeiros Cafés da cidade, tendo como foco o Café Java, passaremos a analisar de maneira mais próxima dois fatores que aproximam ainda mais a ideia de sociabilidade, com foco ainda no Java, a relação com o Mané Coco, proprietário do Café, e a utilização do espaço pelos padeiros.

3 SEU GARÇOM FAÇA O FAVOR DE ME TRAZER DEPRESSA UMA BOA MÉDIA QUE NÃO SEJA REQUENTADA: SOCIABILIDADE NO CAFÉ JAVA.

O primeiro Café a ocupar uma das esquinas da Praça do Ferreira (esquina nordeste), foi também o que mais apareceu entre os registros sobre intelectuais no decorrer do século XIX e início do XX, mediante a constante presença dos membros da Padaria Espiritual, com registros que apontamos no capítulo anterior, o Café Java já passava a receber membros intelectuais desde 1890, alguns anos antes do surgimento da Padaria, mas foi este espaço em específico que ficou marcado como o primeiro Café da Praça e também o mais citado entre obras que retratam a intelectualidade local em nosso recorte. A partir daqui gostaríamos de analisar dois pontos importantes para esta dissertação, o proprietário do espaço, Mané Coco, e a sua relação com os padeiros, assim como a relação dos mesmos com o Café Java.

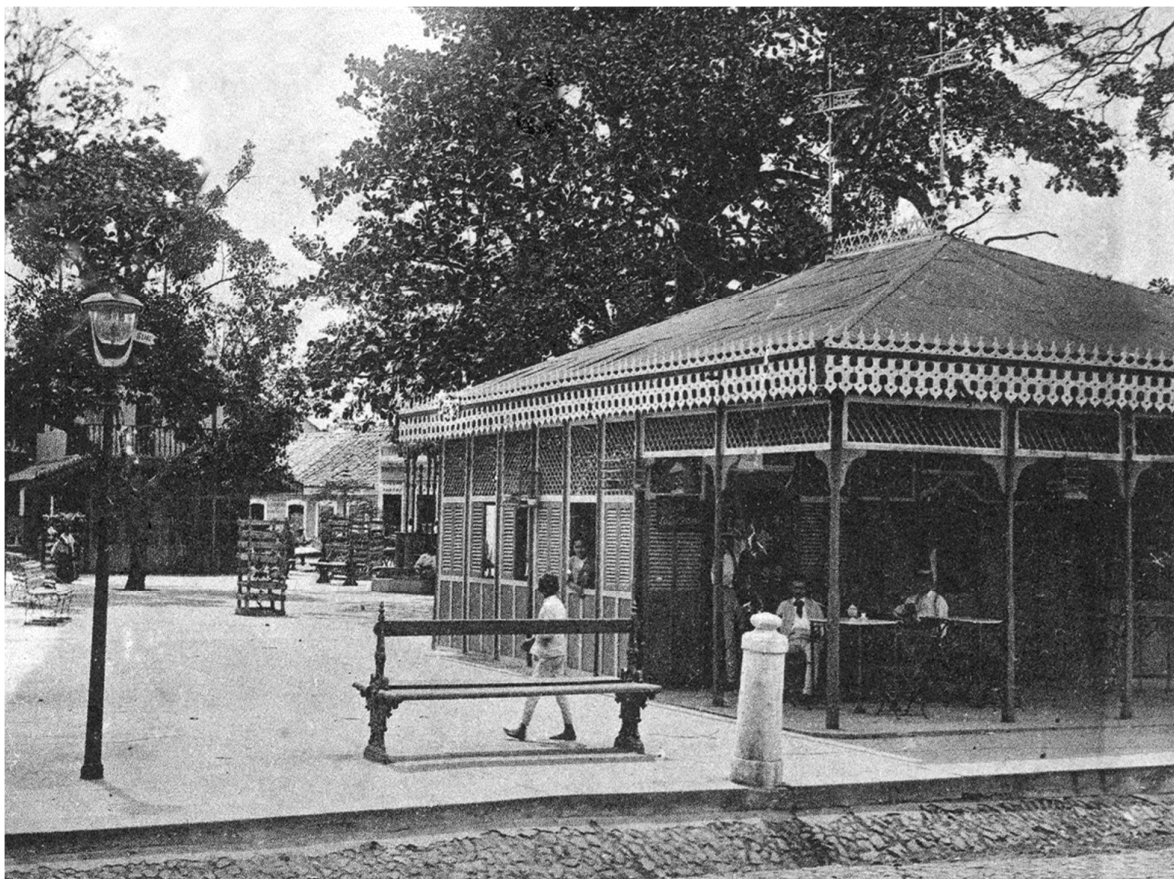
3.1 SEU GARÇOM ME EMPRESTA ALGUM DINHEIRO QUE EU DEIXEI O MEU COM O BICHEIRO: UM TAL MANÉ COCO E A SOCIABILIDADE COM OS PADEIROS.

O pioneiro dos quatro Cafés que foram erguidos nas esquinas da Praça do Ferreira, o Café Java, teve como seu fundador o aracatiense Manuel Ferreira dos Santos, ou como ficou conhecido, o Mané Coco. Era reconhecido, para aqueles tempos como o "tipo mais singular de Fortaleza, alvo de imensa popularidade" (GIRÃO, 1979: 127). Além de proprietário do Café, Mané Coco foi marcado pela sua relação com o espaço não só do Java, mas também da cidade, tendo outras ocupações, como a de "bombeiro", ele também foi registrado por alguns intelectuais em suas memórias e páginas de jornal, pelo trabalho que exercia, assim como a sua relação com os padeiros.

Fundado em 1886, o Java passou a dividir o espaço da Praça com mais três Cafés alguns anos depois, os dois primeiros a ocuparem os quiosques da Praça pós-inauguração do Java teriam sido o do Comércio e o Elegante, ambos erguidos pelo negociante Pedro Ribeiro Filho, que subsidiou as obras sob as condições de usufruir por si ou por terceiros, dos espaços por dez anos, sem a isenção de impostos e terminando o prazo, entregando ao patrimônio público (GIRÃO, 1979). Já Gustavo Barroso (1940) aponta que o Elegante teria sido o último dos quatro.

Dois eram assobradados, o Elegante e o Comércio. O Café Iracema, como apresentamos no capítulo anterior, era segundo Raimundo Girão (1979), "o mais procurado como casa de pasto", também segundo Girão, um dos proprietários do estabelecimento, Ludgero Garcia, possuía o dom de botequineiro, fazendo de seu Café uma hospedaria aos fregueses do interior, contanto que fizessem todas as suas refeições ali mesmo. O termo "casa de pasto" diz respeito a um espaço de almoço e/ou jantar, este tipo de refeição não faria parte do cardápio de um Café comum, mas tínhamos uma tática de sobrevivência para os Cafés, em meio a uma Província em crise econômica e os intelectuais que frequentavam estes espaços não pareciam lhes dar um retorno financeiro, eram necessárias maneiras para tentar manter o mecanismo funcionando, mais uma vez reforçando que os Cafés são estabelecimentos comerciais, mesmo que voltados para uma sociabilidade, necessitam de lucro para sobreviver. Algumas propagandas eram feitas em jornais e revistas de agremiações, em troca dos serviços prestados pelos proprietários dos Cafés. Dos quatro Cafés nos quiosques da Praça do Ferreira, todos acabaram por funcionar como "casa de pasto", mas com maior movimentação no Iracema.

Figura 7 -Café/Restaurante Iracema.. Observar a Praça do Ferreira já reformada, com bancos e espaço para mesas e cadeiras próximas ao estabelecimento.



Fonte: Arquivo Nirez

Mesmo afirmando a importância dos Cafés e o local onde estavam fixados para a intelectualidade local, é preciso lembrar que ainda neste período, principalmente durante a década de 1880, a Praça do Ferreira não tem o status de importância para a cidade que lhe é garantido na entrada do século XX, o Passeio Público, que foi apresentado no capítulo anterior, possui o tom de importância dos encontros locais. A Praça do Ferreira passa por uma série de mudanças que dá maior movimentação a praça e conseqüentemente aos Cafés.

O que por muito foi apenas um terreno de areia onde se realizavam feiras de produtos agrícolas, passa no início do século XX por várias reformas, trazendo para a praça grades, canteiros, bancos, fazendo com que os Cafés passassem a ter um tom mais convidativo, o jardim 7 de setembro era uma boa atração para quem passava por ali, segundo Girão (1979), era possível, a partir desta reforma, que os proprietários

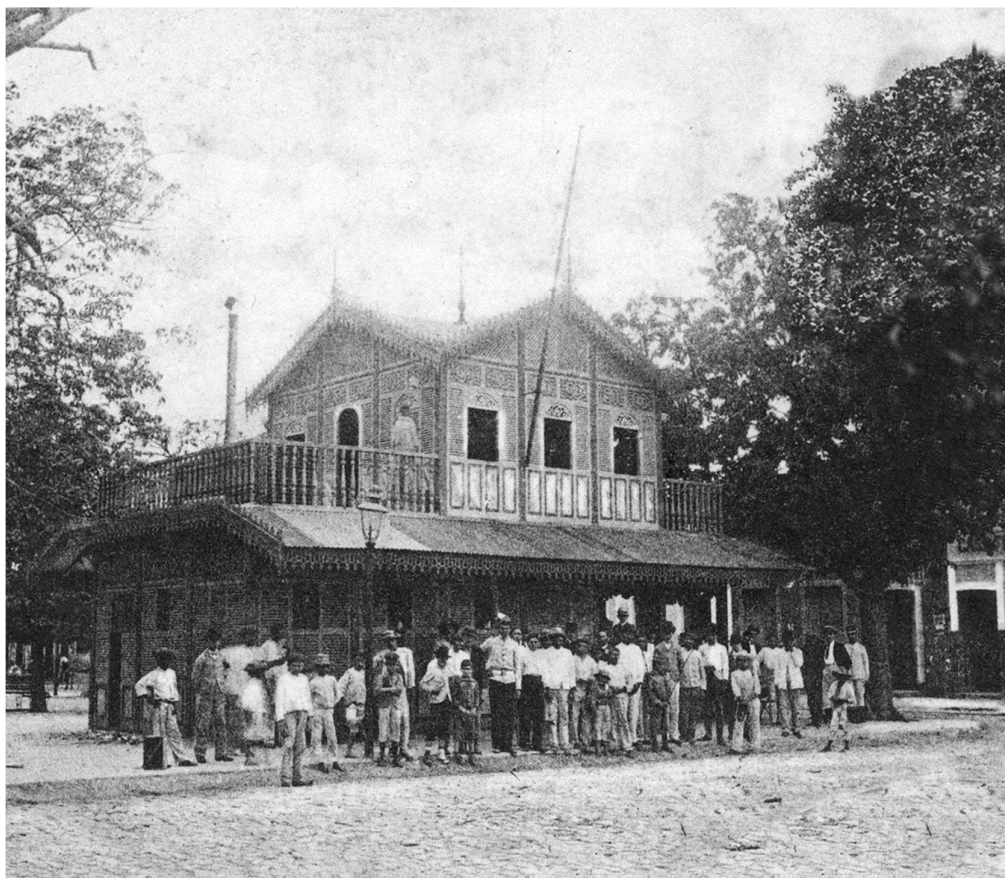
estendessem mesas e cadeiras. Também foi erguido um chafariz entre os Cafés Iracema e Elegante, além de:

Vinte e oito lampeões a gás clareavam o jardim interno, enquanto fora deste mais vinte combustores auxiliavam na iluminação de todo o quadrilátero. Os quiosques concorriam para a melhor claridade do ambiente e, conseqüentemente, uma maior circulação dos pedestres. Esse movimento cresceria, sem dúvida, com a inauguração do Cine Polytheama (1910), dos bondes elétricos (1913/14) e do Cine Majestic (1917). (ADERALDO, 1989: 63).

Temos então a compreensão de que não só o espaço delimitado aos quiosques constituía uma importância para o Café, mas todo o ambiente no qual ele estava inserido, as mudanças feitas no ano de 1902 na Praça do Ferreira e em suas proximidades, afetavam diretamente as ações nos Cafés.

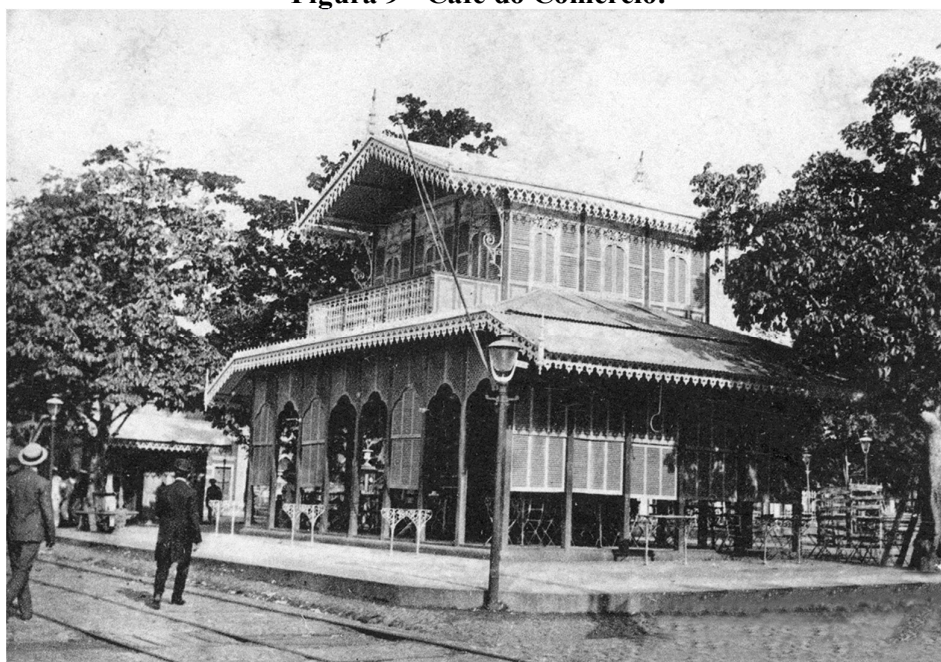
O Café Java não era então o maior Café da praça em termos físicos, tampouco o mais movimentado enquanto casa de pasto, o que então fez Mané Coco e sua propriedade ganhar destaque mediante os demais espaços da cidade? Desde 1890 frequentado por intelectuais, o Java e seu proprietário passam a ganhar destaque em revistas e jornais de época e posteriormente. Quanto às diferenças de estrutura, podemos observar nas imagens a seguir os Cafés assobradados:

Figura 8 - Café Elegante



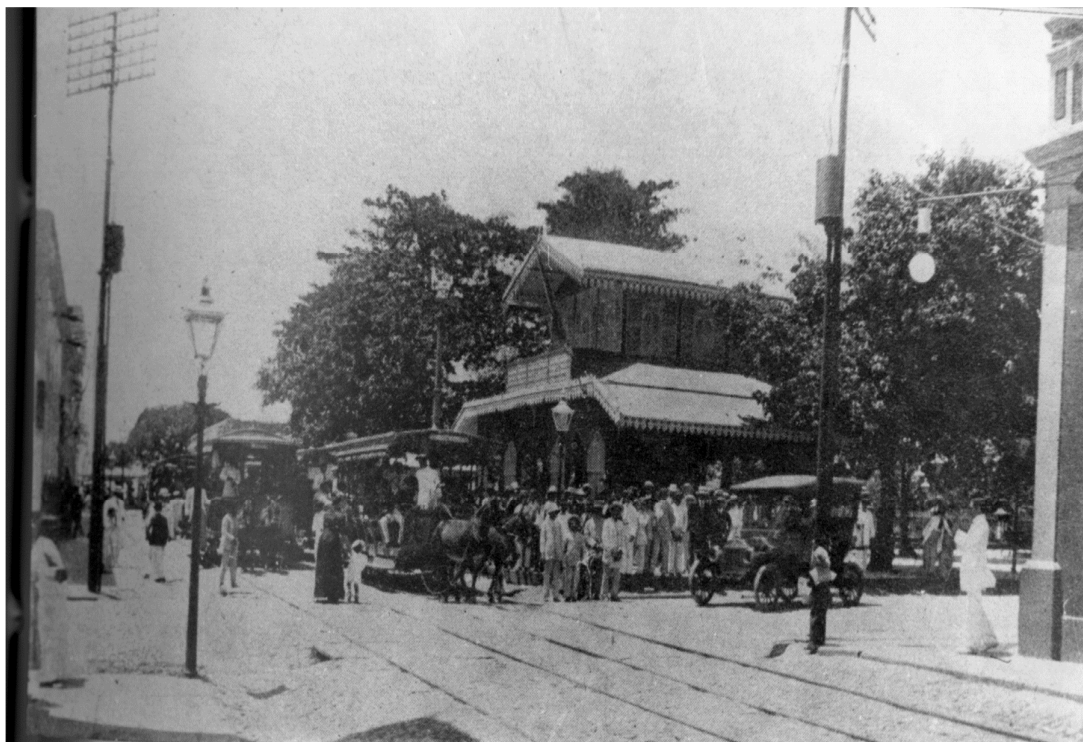
Fonte: . Arquivo Nirez.

Figura 9 - Café do Comércio.



Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 10 - Café do Comércio.



Fonte: Arquivo Nirez.

As estruturas se comparadas ao Café Java (imagem na página 28), são bem diferentes, o Comércio e o Elegante possuíam um tamanho maior em relação ao Java e ao Iracema, é possível mais uma vez observarmos a Praça do Ferreira com muitas árvores, os bondes a tração animal e as vestimentas da população que frequentava os Cafés.

Um fator é imprescindível ao analisarmos o Java e Mané Coco, a presença dos intelectuais é um fator de distinção mediante os outros estabelecimentos, principalmente ao se tratar da Padaria Espiritual, não entrando nos méritos ou deslizes cometidos pela agremiação mediante o seu tempo de existência, é conhecido o seu destaque na atuação intelectual pela cidade, a sua presença nas mesas do Café Java acabou por gerar uma ligação íntima entre os padeiros, o mecanismo de sociabilidade e o seu proprietário.

Nos estatutos da agremiação podemos observar algumas das ligações com o Café e com o Mané Coco, vejamos:

16) Aquele que durante uma sessão não disser uma pilhéria de espírito, pelo menos, fica obrigado a pagar no sábado café para todos os colegas. Quem

disser uma pilhéria superiormente fina, pode ser dispensado da multa da semana seguinte.

17) O Padeiro que for pegado em flagrante delito de plagio, falado ou escrito, pagará café e charutos para todos os colegas.

45) Empregar-se-ão todos os meios de compelir Mané Coco a terminar o serviço da "Avenida Ferreira". Estatutos da Padaria Espiritual. 30/05/1892. <http://www.jornaldepoesia.jor.br/espi.html>. Acesso em: 29 mar. 2014, 18:30 min.

Os dois primeiros estatutos citados (16 e 17) levavam em consideração o pagamento de café e charutos para todos os membros, no próprio Java. As punições seriam feitas mediante o não cumprimento de traços que marcavam os intuitos da padaria Espiritual, principalmente em sua primeira fase, como o humor, por exemplo. Já o estatuto 45 marcava uma das características de Mané Coco, um homem instruído na arte de trabalhar em diversas áreas, cuidando do Café, marmorista, "bombeiro", pintor... Um dos aspectos defendidos pela Padaria era a reforma de alguns espaços considerados importantes por eles, em um desses seriam utilizadas as aptidões de Mané Coco.

Gostaria também de destacar outros estatutos que nos chamam atenção em relação à construção da agremiação:

24) Trabalhar-se-á por organizar uma biblioteca, empregando-se para isso todos os meios lícitos e ilícitos.

25) Dirigir-se-á um apelo a todos os jornais do mundo, solicitando a remessa dos mesmos à biblioteca da "Padaria".

27) Será registrado o fato de aparecer algum Padeiro com colarinho de nitidez e alvura contestáveis.

30) A "Avenida Caio Prado" é considerada a mais útil e a mais civilizada das instituições que felizmente nos regem, e, por isso, ficará sob o patrocínio da Padaria.

32) A "Padaria" representará ao Governo do Estado contra o atual horário da Biblioteca Pública e indicará um outro mais consoante às necessidades dos famintos de idéias.

39) As mulheres, como entes frágeis que são, merecerão todo o nosso apoio excetuadas: as fumistas, as freiras e as professoras ignorantes. Estatutos da Padaria Espiritual. 30/05/1892. <http://www.jornaldepoesia.jor.br/espi.html>. Acesso em: 29/03/2014, 18:30 min.

Os estatutos 24, 25 e 32 dizem respeito à formação de uma biblioteca, chamando a atenção para o emprego de meios lícitos e ilícitos para que a mesma venha a obter obras, o termo 32 foi tratado em nosso primeiro capítulo, no que diz respeito às críticas ao horário de funcionamento da Biblioteca Pública. Os estatutos 30 e 32 trazem

informações, respectivamente, a preservação de um espaço considerado pelos padeiros como importante no que diz respeito à ideia de "civilização" defendida pelos mesmos, logo deveria ficar sob os seus cuidados e a participação das mulheres no meio intelectual, dando destaque às categorias das fumistas, freiras e "professoras ignorantes". A Padaria manifestava em seus escritos a preocupação com alguns espaços da cidade, como vimos o Parque da Liberdade no primeiro capítulo, local onde praticavam uma sociabilidade baseada na paquera e no namoro naquele parque, também se mostravam preocupados com algumas ruas da cidade.

Para remetermos à figura popular de Mané Coco e a sua relação com os padeiros, algumas fontes acabam ganhando destaque, os relatos específicos sobre o mesmo, feito por Raimundo de Menezes (2006) e Gustavo Barroso (2000), além das páginas de revistas e jornais da época que faziam referências à figura de Mané e ao Café Java. Tomando por início os registros de Menezes:

O Mané Coco do Café Java: A mocidade elegante e intelectual que fez época em Fortaleza, pelas alturas do ano de 1892, tinha o seu ponto obrigatório no Café Java, um quiosque modesto armado no canto da Praça do Ferreira, em frente ao edifício da Rôtisserie Sportman, hoje ali localizada. Era naquele local que reinava a boêmia literária, que fez furor e caiu no gosto do público, e de que nasceu a famigerada Padaria Espiritual, marcando uma das épocas mais curiosas da história do Ceará. O Café Java tinha na figura do seu proprietário, que se chamava Manoel Pereira dos Santos, e atendia pela alcunha Mané Coco, um dos tipos mais bizarros da Fortaleza daqueles tempos. O Mané Coco segundo a descrição feliz de Antônio Sales “era um excelente homem, muito inteligente, embora destituído de cultura, sempre corretamente vestido de um terno de fraque de cor cinza, sempre com uma grande rosa à lapela, e com a originalidade de nunca usar gravata, e a exclusão da gravata o excluía de todas as festas e solenidades” (MENEZES, 2006: 156).

As primeiras descrições do porte físico de Mané Coco apontam para dois lados que nos chamam a atenção, o primeiro é o reconhecimento dado a Mané Coco, enquanto um homem de caráter, inteligente, mediante os seus vários afazeres, mas ainda assim, destituído de cultura. Era um homem que vinha do interior, aracatiense, não possuía o mesmo caráter intelectual dos membros da Padaria, por mais que arriscasse declamar alguns versos. O segundo ponto diz respeito ao seu "tipo", um homem com roupas extravagantes, que recusava gravata, essa recusa lhe causava a exclusão de festas e solenidades, segundo Menezes. É preciso lembrar-se de alguns fatores que passaram a ser utilizados como fator de distinção pelos intelectuais, o seu paletó, o falar, gestos, a escrita, a fala. Existia uma sociabilidade em torno da afetividade, tanto com o Java como com o seu proprietário, mas Mané Coco mesmo cercado por membros da Padaria

e convivendo cotidianamente com os mesmos, não era um deles. Seguindo com as descrições de Menezes acerca de Mané:

Espírito alegre e folgazão tinha, todavia, uma alma generosa e era de verse aos sábados, à sua porta, uma chusma de mendigos, a quem distribuía esmolas, com a frase habitual: Vá trabalhar, meu amigo, pois quem não trabalha não tem direito à vida! Pilhérico, para tudo tinha a sua piada predileta. Leitor apaixonado de Guerra Junqueiro, sabia de cor e salteado o Dom João e, diznos Antônio Sales, a propósito de tudo e sem propósito algum recitava trechos do imortal poema. E é ainda o auto do Aves de Arribação quem narra: “Se ele via passar em frente ao Java alguma decaída decadente, lá vinha uma citação de Dom João: Nós somos, D. João, as pálidas amantes Que tu assassinastes a rir e a cantar. Se passava um enterro de criança. dizia: Deixai, deixai voar as andorinhas Em busca das paragens luminosas. E se era uma moça bonita, ele exclamava: Oh, maravilha Da eterna formosura! (MENEZES, 2006: 156 - 157).

No âmbito das transformações sociais vivida por Fortaleza, os mendigos citados acima podem ser retirantes de secas, pessoas vindas do interior em busca de emprego ou tipos comuns da cidade que não viviam aquela ânsia e euforia pelo espelho europeu de cidade defendida por muitos intelectuais. O trabalho se fazia um escudo sempre presente nas falas da gestão em defesa da dignidade e do reconhecimento justo, Mané Coco parecia ser um homem muito atarefado, com várias funções, provavelmente viria daí a defesa do trabalho dando direito à vida. Um homem que aparentava ler e gostar de poemas, ainda assim um dono de Café e não um intelectual entre os padeiros.

Nas horas vagas das labutas do Café, que dirigia com uma notável proficiência, davase à mecânica, consertando toda espécie de relógios e de máquinas de costura, dos quais, não raro, contavam as más línguas, sobravam peças, que eram honestamente, desenvolvidas, num embrulho, ao seu legítimo proprietário. Devido à sua popularidade, um dia, aos primeiros tempos da República, se lembraram os amigos de fazê-lo subdelegado de polícia, cargo que exerceu até que, sem um motivo plausível, com um simples telefonema, foi demitido. Eis como, indignado, comentava o acontecido. Isto é lá terra! Pois se chama um homem de bem ao telefone, em sua casa, para dizer: Estou demitido! Mané Coco, quando havia qualquer incêndio na cidade, era chamado, com urgência, para apagá-lo, sozinho, armado unicamente com dois baldes de madeira e uma machadinha, e desse modo, acumulava ele as funções de corpo de bombeiros, naquelas priscas eras... (MENEZES, 2006: 157).

Eis algumas das várias funções de Mané Coco demonstradas acima, um tipo popular, com dedicação a ajudar onde precisasse de seus serviços, o cargo de subdelegado parece ter sido apenas uma maneira de tentar dar-lhe uma importância maior, parece não ter passado de uma ideia falha.

Mas a sua inclinação acentuada era, porém, pela classe dos literatos e dos poetas, que, no Java tinham uma acolhida caridosa e franca. Assim é que, sob o teto do seu popular quiosque de madeira, nasceu, com a sua ajuda material, a célebre Padaria, ideada por Lopes Filho, Ulisses Bezerra, Sabino Batista, Álvaro Martins, Temístocles Machado, Tibúrcio de Freitas e Antônio Sales. As primeiras reuniões preparatórias, em maio daquele ano, fizeram-se no Java, num recanto que o Mané Coco preparara com requintes especiais, para a rapaziada intelectual. E quando a padaria andava em franca prosperidade, Mané Coco jamais esqueceu de festejar o aniversário de um padeiro. conforme o depoimento de Antônio Sales, embandeirava em arco o Café Java, iluminava à noite, fazia uma enorme jarra de aluá, para dar de graça aos fregueses e elaborava um balão monstro, de dez metros de comprimento, com o letreiro Padaria Espiritual, para, dizia ele, levar o Padre Eterno a notícia dos nossos feitos. E assim o nome Manoel Pereira dos Santos, o popular Mané Coco, está ligado à história da maior sociedade literária de então, a qual, até hoje, é lembrada com saudades pelos fortalezenses, que assistiram ao glorioso apogeu da Padaria Espiritual. Quando se escreve a história do Ceará literário, o nome do Mané Coco não poderá se olvidado, como Mecenas daquele pugilo de moços que teve a sua época, dentro da pasmaceira sonolenta da Fortaleza daqueles tempos... (MENEZES, 2006: 158 - 159).

Os relatos de Menezes sobre Mané Coco levam ao desenho de um homem simples, sortido de afazeres, mas que parece a sua maneira tentar se encontrar entre membros de uma agremiação que acabava por meio daquele espaço criando o seu nicho e estabelecendo barreiras que determinavam quem poderia ou não compartilhar daquele meio. Mané Coco aparece enquanto um homem que buscava se vestir bem, à sua maneira. Gostava de poesia, declamava e tratava os membros da Padaria com o que constatamos enquanto uma *sociabilidade afetiva*, práticas citadas acima, o cuidado em um recanto especial dentro do Java para as reuniões dos padeiros, as primeiras reuniões todas em seu estabelecimento e claro, as festas de aniversário, a jarra de aluá, o balão, o arco, práticas afetivas que geram a sociabilidade que tratamos entre Mané Coco e os padeiros.

Outro intelectual que deu destaque ao proprietário do Café Java em suas memórias foi Gustavo Barroso (2000):

Ao lado desses amigos fixo, um amigo volante, Manuel Pereira, vulgo Mané-Coco, marmorista e fundador do Café Java, à praça do Ferreira, o mais antigo café do Ceará. Passa pelo meu quateirão e pára uma vez por outra à porta deste ou daquele para dar dois dedos de prosa. Sempre de branco. Sempre de chapéu de palhinha. Sempre com uma rosa ao peito. Abordoo um dia, já familiarizado de tanto o ver por ali, e peço-lhe um pedaço de mármore. Para quê? indaga com um sorriso. Para fazer o túmulo da gata Cotozinha e de seus dois filhinhos que o caboclo Tomás matou, lá no fundo do quintal, explico. Acha muita graça e promete: Quando passar por aqui doutra vez, trarei. Os meninos acreditam em todas as promessas. Espero confiante. Cumpra. Traz-me uma lápide de meio palmo quadrado, muito branca. Graças e ele, as vítimas do caboclo têm seu monumento funerário, com uma cruz gravada a ponta de prego, os nomes e a data do crime. (BARROSO, 2000: 193-194).

Barroso descreve também o que vimos anteriormente quanto às vestimentas de Mané Coco, dando destaque a rosa em seu peito. O pedaço de mármore que pediu ao proprietário do Java destaca mais uma vez as outras atividades exercidas por Mané, além de trazer mais um pouco do tipo humilde ao qual lhe era atribuído.

Mané-Coco tem a mania de ser o bombeiro voluntário de Fortaleza. Sentiu cheiro de incêndio, bate lá. Carrega água para apagar o fogo. Isola, metendo o machado nos telhados, os prédios vizinhos. Salva as vidas ameaçadas. Passa com denodo por cima das cumeeiras esbraseadas sobre as fornalhas que surge cá, em baixo. E não ganha nada com isso. (BARROSO, 2000: 193-194).

Outra atividade que volta a ser retrada é a de bombeiro, não muito divergente das demais descrições que ressaltavam esta ação por parte de Mané Coco, mas vale observar mais uma vez que o serviço era feito, segundo os relatos, de maneira bem amadora, utilizando apenas o seu machado e alguns baldes para carregar água, na citação de Barroso também observamos que Mané Coco fazia esta atividade por puro e simples gosto, sem receber algum reconhecimento financeiro, aparentemente.

Na vida comum, sem incêndios o homem mais medroso deste mundo, salvandose das entaladelas com espírito. É a tábua de bater roupa, o armazém de pancadas da cidade. Quem se exercita a brigar experimentase no Mané-Coco. Uma feita, os terríveis cadetes da Escola Militar o ameaça com uma boa tunda, se lhes não der, gratuitamente, no Café Java, um jantar de substância. Prometelhe de pedra e cal um jantar de galinha. No dia aprazado, o bando abancase na mesa já preparada e florida. Ele ordena ao criado: Seu Chicó, sirva o jantar de galinha a esses meninos. O Chico põe cerimonialmente diante de cada convidado forçado um prato cheio de grãos de milho. Os cadetes entreolhamse, surpresos. Um reclama. E ele, com a mais fingida ingenuidade: Estou cumprindo a promessa. Jantar de galinha não é milho? Aham muita graça e deixamno em paz Mané-Coco morreu. Foi no caixão com a sua eterna flor na lapela. Sua alma deve vaguear pela eternidade, toda de branco, sempre com a rosa ao peito. (BARROSO, 2000: 193-194).

Ao final de seus escritos sobre Mané Coco, Barroso fala de um homem acovardado ao ser desafiado fisicamente, mas ao mesmo tempo pilhérico, sem perder o bom humor, podemos notar nesta citação a possível presença de um empregado no Java, "Seu Chicó". A morte de Mané Coco não é datada, mas ao citá-la lembresse de mais uma vez o que era umas de suas marcas, a flor ao peito.

Antônio Sales (2010), membro da Padaria Espiritual, não deixou de relembrar em seus *Retratos e Lembranças* a própria Padaria, o Café Java e Mané Coco,

alguns dos escritos de Sales já foram incorporados na obra de Menezes (2006), mas alguns pontos não tratados anteriormente nos chamam a atenção:

Esta noite, ao sair do cinema, parei defronte dos destroços fúnebres do Café Java, sacrificado à estética da Praça do Ferreira, que é o centro vital de nossa urbs. E nessa contemplação veio-me uma grande tristeza e uma grande saudade. Ali reinou Mané Coco, o fundador dessa instituição popular que era o café hoje desaparecido. Mané Coco, de seu verdadeiro nome, Manoel Pereira dos Santos, era um homem excelente, muito inteligente, embora destituído de cultivo. A sua única erudição consistia no conhecimento do Dom João de Guerra Junqueiro, que ele sabia de cor de ponta a ponta e do qual recitava trechos a propósito de tudo ou mesmo sem propósito algum. Sempre corretamente vestido de um terno de fraque cor de cinza, sempre com uma grande rosa à lapela, ele tinha a originalidade de nunca usar gravata, e a exclusão da gravata o excluía de todas as festas e solenidades. Com muita habilidade para mecânica, consertava toda a espécie de máquinas, especialmente as de costura e relógios. Quanto a estes, contase que ele devolvia ao proprietário um embrulhinho com algumas peças que haviam sobrado. (SALES, 2010: 15).

As memórias de Antônio Sales neste momento retratam provavelmente o período da administração de Godofredo Maciel, que em outubro de 1920 mandou derrubar os quatro quiosques da Praça do Ferreira, juntamente com uma série de mudanças feitas na capital naquele momento, na busca de modernizar a cidade, segundo o prefeito, os quiosques tinham um ar colonial, o que não condizia com o modelo estético pretendido por ele para a cidade. O quiosque que alojava o Café Java foi destruído neste processo. Sales retrata então o momento em que estaria diante dos destroços do Café que tanto havia frequentado, segundo o seu relato, o fator que levou a demolição do estabelecimento foi realmente à estética da Praça e da cidade, neste momento já temos a Praça do Ferreira mais consolidada no cenário local, segundo Sales, "o centro vital de nossa *urbs*". Além de alguns fatos já trabalhados anteriormente, Sales fala da saudade que sente de Mané Coco e do Café ao observar os destroços.

Mané Coco foi, a princípio, um nômade aventureiro: andou pelo norte e pelo sul, correu Seca e Meca, e afina achou no Café Java um ponto de apoio e uma fonte segura de receita. Fixouse ali e prosperou. Alegre e generoso, distribuía pilhérias e versos de Dom João com os fregueses e mil réis com os pobres. Mas a estes dizia sempre: Vá trabalhar, meu amigo, pois quem não trabalha não tem direito à vida! Numa revista de ano do ano de 1892, creio escrita por A. Peixoto e por mim e representada com sucesso no antigo Teatro S. Luiz, aparecia em cena o Café Java com o Mané Coco, que era maravilhosamente imitado por um rapaz da Escola Militar, de nome Pinheiro. Se ele via passar em frente ao Java alguma decaída decadente, lá vinha uma citação de Dom João: Nós somos, Dom João, as pálidas amantes Que tu assassinastes a rir e a cantar. E se era uma moça bonita, ele exclamava: Oh, maravilha da eterna formosura! E se passava um enterro de criança: Deixai, deixai voar as andorinhas Em busca das paragens luminosas. Nos primeiros

tempos de República, Mané Coco foi nomeado subdelegado da Capital e um dia, não sei por que, demitido. Indignado, ele comentava assim o caso: Isto é lá terra! Pois chamavase um homem de bem ao telefone, em sua casa, para dizer: estou demitido! (O tratamento vós tinha comentado a ser posto em voga e dava lugar, como ainda hoje, a flexões errôneas.) Mané Coco, que antes do Java já possuía um Estaminet, tinha o gênio do cabaretier: em Paris ele estaria à frente de um dos famosos cafês excêntricos de Montmartre. (SALES, 2010: 15-16).

Antônio Sales descreve aqui alguns pontos até então não descritos sobre Mané Coco, o proprietário do Java é dito como um tipo aventureiro, nômade, que fez viagens, à procura de alguma estabilidade financeira, talvez. Os detalhes descritos levam a compreensão de que o Café Java havia sido uma renda estável para Mané Coco, fazendo com que o aracatiense se fixasse ali. Mesmo com a presença dos intelectuais que não aparecem como grandes consumidores nos relatos sobre o Café, as atividades do Java pareciam então gerar algum lucro a Mané Coco, podemos ressaltar as atividades enquanto casa de pasto e também a presença de outros populares no estabelecimento.

Com mais detalhes do que nas memórias de Menezes (2006), o trecho também ressalta o tratamento dado a dois tipos distintos, versos aos fregueses e 1000 réis dados aos pobres. Sales cita uma peça escrita por ele próprio na qual houve uma encenação do Café Java e de Mané Coco, que foi interpretado por um rapaz da Escola Militar chamado Pinheiro, esta peça foi descrita na ACL (Academia Cearense de Letras), sob o título de Antônio Sales e sua época, falaremos dela no próximo tópico. Sales afirma ao fim que Mané Coco já possuía antes do Java um *Estaminet* (outro Café?), Mané teria o gênio do *cabaretier* (Comediante?) e que em Paris dirigiria um dos Cafês de Montmartre (Bairro parisiense). O reconhecimento de Sales quanto à figura de Mané Coco nos leva mais uma vez ao desenho dual de um homem que ficava entre a linha do intelectual e do sujeito comum socialmente.

Essa sua aptidão se manifestava pela sua simpatia aos intelectuais: João Lopes, Justiniano de Serpa, Oliveira Paixa, Antônio Martins e todos os jornalistas e escritores do seu tempo o estimaram e recebiam dele todas as provas de consideração. E foi no Java que, com a colaboração material de Mané Coco, nasceu a Padaria Espiritual. Éramos um pequeno grupo de rapazes Lopes Filho, Ulisses Bezerra, Sabino Bastista, Álvaro Martins, Temístocles Machado, Tibúrcio de Freitas e eu, que ali nos juntávamos a uma mesa para conversarmos de letras (...)

Terminava assim a época em que o Mané Coco, festejando o natalício de um Padeiro, embandeirava em arco o Café Java, iluminava à noite a giorno, fazia uma enorme jarra de aluá para dar gratuitamente aos fregueses e elaborava um balão monstro, de dez metros de comprimento, com o letrero PADARIA ESPIRITUAL, para, dizia ele, levar ao Padre Eterno a notícia de nossos feitos. (SALES, 2010: 18 - 20).

Ao fim dos trechos escritos por Sales sobre Mané Coco, é ressaltada a simpatia do proprietário do Java aos intelectuais. Antônio Sales, ao menos em suas memórias, passa um ideal de importância e afetividade tanto a Mané Coco e ao Café Java, colocando ambos em um patamar de destaque quanto às referências a Padaria Espiritual. Em seu livro também destaca as práticas de Mané quanto ao "natalício de um Padeiro", enfeitava o Café e fazia questão de destacar que ali estavam os membros da Padaria, pela afetividade e por que não pela propaganda? O balão de dez metros seria então para chamar a atenção do "Padre Eterno" quanto aos feitos dos Padeiros.

Mané Coco também ganhou algumas linhas em jornais, no *Pão*, da Padaria Espiritual teve a seguinte publicação:

Fumaça

Branquinho como a fumaça de um bom charuto, esbelto e elegante como uma... vespa.

É uma reputação feita. Pôde deitar-se na *cama* porque já criou a fama bastante para immortalizar-se.

Consta que o Arthur já falou com o Mané Coco para executar em marmore o busto do Fumaça, afim de collocar-o sobre a prateleira da pharmacia. JUREMA. Moacyr/ Antônio Sales. *O Pão...* Da Padaria Espiritual. Anno I. Número 2/2. 30 de Outubro de 1892. P. 4.

Não sabe-se ao certo quem seria a figura do *Fumaça*, mas seriam invocadas as habilidades de marmorista de Mané Coco para construir em mármore o busto do tal. Em outra publicação do *Pão*: "No Java - Leve este café... está detestavel ! Depois que o Mané Coco deu para marmorista, parece que vocês fazem café com pó de... marmore" Jornal: *O Pão...* Da Padaria Espiritual. Anno I. Número 3. 6 de Novembro de 1892. P. 4. Autor: Não mencionado. No próprio jornal da agremiação que frequentava o Café Java e tinha tanto afeto a Mané Coco, uma crítica ao seu café, que devido às várias ocupações de Mané Coco, parecia agora não agradar a algum cliente.

A figura do proprietário do Café Java, o primeiro da cidade, para nós é um dos fatores que leva a sociabilidade dos membros da Padaria, em específico, a este local. Um tipo dúbio, homem de muitos fazeres, do interior, que tinha uma ligação de afeto muito próxima aos membros da agremiação, mas tinha lá os seus traços de distinção, quase como um intelectual, mas que não conseguia as vias, ser identificado como um. Com a análise da relação de Mané Coco com alguns dos intelectuais e já de alguma forma mostrando a relação destes com o espaço físico do Java, passaremos agora a identificar algumas das práticas e descrições sobre o mesmo.

3.2 UM GUARDANAPO E UM COPO D'ÁGUA BEM GELADA: OS PADEIROS E AS PRÁTICAS NO CAFÉ JAVA.

O título que demos a esta dissertação, "*Um copo d'água e um palito...*", faz alusão as práticas não ligadas diretamente ao comércio e transação capital dentro dos Cafés. A venda é o ponto máximo e direto de um mecanismo que visa o lucro, mas no caso dos Cafés vemos as práticas que geram uma sociabilidade naqueles espaços, desde os Cafés europeus, aos usos dos intelectuais nos Cafés locais, temos agentes que frequentam estes espaços, não ligados diretamente ao uso comercial, mas *intelectual* e *afetivo*. O Café Java passa por uma mescla destes usos, as táticas de comércio e também aqueles que usavam o espaço do local para atividades de reunião, debate. Passaremos a analisar estas atividades no Java, além das descrições do espaço do mesmo.

Como vimos anteriormente, antes mesmo da criação oficial da Padaria Espiritual, em 30 de maio de 1892, as mesas do Java já eram preenchidas por reuniões de intelectuais, como afirmou o *Bond*, seriam estas realizadas desde 1890, provavelmente estes intelectuais seriam os próprios que mais tarde iriam fundar a agremiação dos Padeiros. Sobre estes jovens, Antônio Sales também deixou espaço para eles e a sua agremiação em suas memórias:

Eu era o único que tinha um livro de versos publicado Versos Diversos, que recebera acolhimento lisonjeiro do público e da crítica. Ulisses e Sabino insistiram para que formássemos um grêmio literário para despertar o gosto das letras, então em estado de letargia; mas eu me opunha. Uma sociedade literária, como já se haviam fundado tantas, com um caráter formal de academiamirim, burguesa, retórica e quase burocrática, era cousa para qual eu sentia uma negação absoluta. Só se fosse uma cousa nova, original e mesmo um tanto escandalosa, que sacudisse o nosso meio e tivesse uma repercussão lá fora. Pois seja assim, diziam os outros. Nessa noite foi aceita em princípio a ideia de fundarse a sociedade, e eu encarregado de lhe dar um nome. No dia seguinte, depois de ter dormido sobre o caso, eu apresentava o nome Padaria Espiritual, que foi recebido com bravos! O título da sociedade foi o ponto de partida para se achar todos os elementos que constituíram o seu sucesso de originalidade. Tomei o compromisso de escrever, não os estatutos, mas o programa com que a sociedade devia apresentar-se ao público, programa que escrevi dentro de poucos dias e, quando publicado, se tornou conhecido do país inteiro pelas numerosas transcrições que teve na imprensa: o Jornal do Comércio o reproduziu na íntegra. (SALES, 2010: 18 - 20).

Segundo Sales a ideia da fundação de uma nova agremiação, mediante outras que já circulavam pela cidade, necessitava de um caráter inovador e que fugisse

as normas já encontradas nas demais, parece ter ocorrido de maneira feliz esta decisão, tendo o destaque que a Padaria recebeu em seu tempo e posteriormente, o tom humorístico da primeira geração chamava a atenção.

Faltava uma casa: esta foi um armazém pertencente ao comerciante José Bruno Menescal, à rua Formosa hoje Barão do Rio Branco), onde está a agência do Sr. Antônio Fiúza. Não só de letras se preocupava a “Padaria”, mas também de artes, e assim incorporamos os violinistas Henrique Jorge e Carlos Victor e o desenhista Francisco Sá, que decorou artisticamente as paredes do armazém com o nome de cada Padeiro, cercado de vinhetas e alegorias traçadas a giz de cor. Faltava mobília: como obtê-la? Imaginou-se uma subscrição para um fim caridoso, e à tarde tínhamos dinheiro suficiente para comprar uma grande mesa, um armário e uma dúzia de cadeiras. Convidamos algumas figuras estranhas ao nosso núcleo primitivo, que de pronto se reuniram a nós. E, afinal, na noite de 30 de maio de 1892, realizou-se a primeira fornada da Padaria Espiritual, presidida internamente por mim, que não quis ser o Padeiromor, indicando para esse posto o meu amigo Jovino Guedes. Os padeiros usaram todos um nome de guerra, e a ata da primeira sessão está firmada por Moacir Jurema (Antônio Sales), Frivolino Catavento (Ulisses Bezerra), Alcino Bandolim (Carlos Victor), Anatólio Gerval (Lopes Filho), Paulo Kandalaskaia (Joaquim Victoriano), Túlio Guanabara (Temístocles Machado), Lucas Bizarro (Lívio Barreto), Corregio del Sarto (Francisco Sá), Lúcio Jaguar (Tibúrcio de Freitas), Policarpo Estouro (Álvaro Martins), Silvino Batalha (J. de Moura Cavalcanti), José Marbri (José Maria Brígido), e Felix Guanabarino (Adolfo Camilha). À margem estão escritos a lápis os nomes de Sátiro Alegrete (Sabino Batista), Sarazate Mirim (Henrique Jorge) e Aurélio Sanhaçu (Antônio de Castro), que estavam presentes, mas esqueceram de assinar a ata). (SALES, 2010: 19 - 21).

Mesmo com algumas reuniões e atividades sendo realizadas no Java, havia a necessidade de um espaço próprio para a Padaria, o mesmo depois de obtido precisava ser mobiliado, é importante observar que a mesa, cadeiras e armário que foram obtidos não vieram por meio de aquisição financeira própria dos Padeiros, mas por doações, o status de intelectual não era garantia de um bom desenvolvimento financeiro. A Padaria contava então com membros de vários meios, escritores, poetas, músicos, pintores, era diversificada e segundo Sales, ganhava destaque no cenário local:

Nossa associação caíra no gosto do público: toda gente achava graça nessa nossa boêmia intelectual, que saía dos moldes já conhecidos e não ofendia em cousa alguma aos bons costumes. As famílias faziam sereno à porta do Forno para assistir às nossas sessões, e quando festejávamos o natalício de um Padeiro, nos mandavam doces e flores e nos emprestavam louça e talheres. Nos dias em que não nos reuníamos no Forno, íamos para o Java, não para o pavilhão comum, mas para um pitoresco quiosque que o Mané Coco preparara ao lado para nosso gozo exclusivo. Depois de alguns meses de funcionamento no armazém do José Bruno, que um dia nolo reclamou para uso de seu comércio (parece que os pagamentos dos aluguéis não estavam muito em dia), o Forno transportouse para outro prédio do mesmo quarteirão da rua Formosa, prédio de cuja fachada um dos nossos, com uma barba postiça, fez uma conferência para o auditório que se aglomerava na rua,

tendo por tema as palavras de Hamleto a Ofélia: “Entra para um convento!” Fizemos diversos picnics, e às vezes saíamos à noite em serenata pela cidade ao som da flauta, violino e violão. (SALES, 2010: 20 - 21).

Além da decoração especial feita por Mané Coco no Java durante o aniversário de algum Padeiro, Sales afirma que alguns populares também faziam questão de ajudar na celebração de algum "natalício", mandando doces, flores e emprestando louça e talheres. Mais uma vez está presente a afirmativa de que o Java era o local frequentando para algumas reuniões da Padaria e também quando não estavam no armazém, nota-se, entretanto, que há agora um local de distinção, os Padeiros não se reúnem no pavilhão comum do Café, mas segundo Sales, Mané Coco havia construído um "pitoresco quiosque" ao lado para uso exclusivo da Padaria Espiritual, mais uma vez também pode ser observada a falta de aquisição financeira de alguns intelectuais dado o fato de que a Padaria acaba transferindo a sua sede por falta de pagamento do aluguel do antigo armazém. Mais tarde, alguns membros acabaram por sair da Padaria e participaram da fundação de uma nova agremiação:

No Forno, recebemos a visita de Pardal Mallet, quando passou desterrado para Cucuí, e de Raimunod Correia, quando aqui esteve a passeio. O belo poeta Lívio Barreto teve uma aventura sensacional: em viagem de Camocim para cá, naufragou, e, ensopado e tremente, escreveu na praia a poesia: “Naúfrago!” que leu no Forno, ainda transtornado pelo desastre e metido numas vastas roupas que lhe haviam emprestado. Certa ocasião houve uma crise na Padaria: Álvaro Martins e Temístocles Machado nos abandonaram e com outros elementos fundaram o Centro Literário, que assumiu a atitude de rival da “Padaria”. Mais tarde o Forno deixou de existir, e as reuniões se faziam uma vez por semana em casa dos Padeiros... que tinham casa. Já aí a “Padaria” tinha tomado uma feição menos boêmia, e em casa de José Carlos Júnior, na de Rodolfo Teófilo, na de Lopes Filho ou na minha, com a presença de senhoras e de cavalheiros que metiam empenhos para assistir às nossas sessões, liamse versos e prosa, contavamse anedotas, faziase música e tudo acabava em torno de uma mesa de chá e bolos. A direção da Padaria passara de Jovino Guedes a José Carlos Júnior, um grande e culto espírito que se extinguiu sem ter tido tempo de revelar plenamente seus tesouros de saber e de talento. Afina Rodolfo Teófilo, que, ao contrário das corujas, não saía de casa à noite, tendo sido eleito Padeiromor, deu à nossa associação uma feição séria. (SALES, 2010: 20 - 21).

Álvaro Martins e Temístocles Machado foram os dois membros que saíram da Padaria e participaram da fundação do Centro Literário, agremiação que ficou identificada como um tipo de rival dos Padeiros. O forno, local oficial das reuniões deixou de existir, mais uma vez destacando o lado econômico dos intelectuais, as reuniões passam a ser feitas nas casas dos Padeiros, pelo menos aqueles que possuíam uma. Também podemos observar o momento da passagem de geração da Padaria Espiritual, onde em sua segunda geração passa a adotar uma postura mais séria. Com a

passagem para este tom mais sério, Sales afirma que as idas e reuniões no Café Java, assim como a presença de Mané Coco já não se faziam tão presentes, Rodolfo Teófilo assumiu o cargo de padeiro-mor, não costumava sair à noite. A casa de Teófilo passou a ser o centro oficial das reuniões, mesmo com as mudanças, Sales ressalta que a Padaria havia marco época com o seu reconhecimento:

O êxito da Padaria Espiritual começara por surpreender a nós mesmos: sua popularidade se afirmou cada dia de uma maneira estrondosa: a vasta correspondência a meu cargo, na qualidade de 1º forneiro (1º secretário), era uma tarefa bem pesada, e entre as cartas recebidas havia as de muitos pontos do país e até do estrangeiro. Afonso Celo nos dedicara seu romance *Um Invejado*; os mais notáveis homens de letras do Rio nos votavam grande simpatia e Raimundo Correia, que aqui esteve conosco, escrevianos cartas frementes de entusiasmos. Quando transferi minha residência para o Rio, ao ser apresentado a alguém, vinha invariavelmente a pergunta: “É da Padaria”? E o mesmo se deu em São Paulo, em Minas e no Rio Grande do Sul. A importância que tomara nossa associação nos fez compenetrarmos de nossa responsabilidade, e nos ditou o dever de correspondermos à expectativa pública. Sob a direção de Rodolfo Teófilo, a casa deste tornou-se o forno oficial e único da Padaria: reuníamos ali sob a égide da santa esposa do nosso patriarca, que assumia as funções de nossa padroeira intelectual e doméstica. D. Raimundinha era uma espécie de mãe espiritual de nós todos e com uma dedicação e solicitude infatigáveis nos acolhia em sua casa uma vez por semana e preparava uma bela e copiosa mesa de doces, que era a parte final de nossas sessões. Mas nem por isso nossas reuniões se tornaram menos alegres: entremeando as leituras, vinham as anedotas, os comentários espirituosos, as pilhérias felizes e as impagáveis histórias de Antônio Bezerra, que ele narrava com todo chiste de um consumado diseur. E a um canto erguiase o pavilhão da “Padaria”, encarnado, com uma pena e uma espiga de trigo entrelaçadas, tendo no alto a nossa divisa: AMOR E TRABALHO. (SALES, 2010: 21 - 22).

Com a mudança para a casa de Rodolfo Teófilo, Sales fala de D. Raimundinha, esposa de Teófilo, que recepcionava e alimentava ali os Padeiros, cumprindo, assim, o que ele considera uma espécie de papel como "padroeira espiritual e doméstica". Mesmo adotando um tom mais sério em suas publicações, Sales afirma que as reuniões mantinham um tom bem humorado, ainda eram cercadas por pessoas que assistiam os Padeiros declamarem seus poemas e escritos, alguns desses tipos talvez almejando fazer parte daquele espaço. Eram diversas as publicações e os temas debatidos nas reuniões:

E começamos a publicar livros: minhas *Trovas do Norte*, *Contos do Ceará* de Eduardo Sabóia, *Contos Sertanejos* de José Carvalho, *Brilhantes* e *Maria Ritta* de Rodolfo Teófilo, *Flocos* e *Vagas* de Sabino Batista, *Phantos* de Lopes ilho, *Crosmos* de Xavier de Castro, *Marinhas* de Antônio de Castro e *afinal Dolentes* de Lívio Barreto. A “Padaria” se interessava por tudo o que dizia respeito às letras e às artes; promovia festivais, acolhia artistas e escritores que por aqui passavam, e foi ela que primeiro tomou a iniciativa

duma homenagem pública a Juvenal Galeno, no dia do seu 59º natalício. A essa festa se incorporou o atual Presidente do Estado, como representante da Academia Cearense, e fez então um de seus mais belos discursos literários. Eis como a essa oração se refere Moacir Jurema, na crônica do Pão: “Falou em seguida o Serpa. Não sabemos se ele já teve alguns momentos infelizes em sua vida de orador; mas estamos convencidos de que poucos momentos felizes terá tido como esse em que saudou Juvenal. A sua alocução foi uma verdadeira torrente de frases de uma profunda emoção poética, lampejantes de imagens felicíssimas, repleta de criteriosos conceitos sobre a individualidade do poeta das Lendas e Canções Populares”. A “Padaria” já não era somente uma força mental em nosso meio: era também uma força social pela simpatia que a cercava, conquistando todas as boas vontades e abrindolhes todos os corações e todas as portas. (SALES, 2010: 22 - 23).

Mesmo com as publicações, eventos e reuniões mantidas com muito esforço, foi chegando ao fim à agremiação dos Padeiros. Sales descreveu que aos poucos a morte foi tomando para si os membros da Padaria e alguns outros tomaram o rumo do sul e sudeste do país:

Mas dentro em pouco a morte e o exílio começaram a dizimar suas fileiras. Sucessivamente faleciam Xavier de Castro, José Carlos Júnior, Lívio Barreto, Lopes Filho, Sabino Batista e Artur Teófilo. Uns partiram para o Norte, e para o Sul emigrávamos Adolfo Caminha, Tibúrcio de Freitas, Moura Ferreira, Roberto de Alencar e eu. A “Padaria” ainda viveu penosamente até o fim de 1898; a derradeira ata escrita por Waldemiro Cavalcanti (Ivan d’Azoff) é de 20 de dezembro desse ano, e tem apenas as assinaturas de Rodolfo Teófilo, dele Waldemiro, de Ulisses Bezerra, de Sabino Batista e de Lopes Filho, dos quais existe apenas o primeiro. E então terminou a bela e curiosa aventura que foi a Padaria Espiritual, não sem deixar uma tradição de inteligência e de graça em nossas letras e uma funda e indelével saudade no coração de seus membros sobreviventes. Ceará, 1920. (SALES, 2010: 23).

As idas ao Java já pareciam ter diminuído com a passagem para a segunda geração da Padaria, com o fim a agremiação em 1898, o Café já não recebia mais as visitas e reuniões daqueles intelectuais que estiveram ali por muito tempo. Mas, voltando à primeira geração, vale ressaltar e analisar os eventos que já foram apresentados aqui, como os aniversários e reuniões, além de outros apresentados em nossas fontes.

A primeira destas práticas de sociabilidade foram às reuniões que levaram a fundação da Padaria, mais tarde, ali mesmo no Café Java. A construção de uma estrutura a parte feita por Mané Coco para as reuniões dos Padeiros, além das festas comemorativas de aniversário dos membros, ressaltam práticas que levam ao tom afetivo e intelectual das reuniões que eram realizadas ali.

Na literatura e nos jornais, tanto o espaço do Café Java quanto a sua utilização foram retratados, já citamos ao falar das críticas ao horário de funcionamento

da Biblioteca Pública¹² a utilização do Java para jogos de dominó. Adolfo Caminha, um dos membros da Padaria Espiritual, lançou em 1893 a sua obra *A Normalista*, aracatiense e trazendo em seu livro os traços defendidos na Padaria Espiritual, Caminha busca representar muitos dos traços urbanos e sociais da Fortaleza do século XIX. *A Normalista* conta a história de uma jovem, Maria do Carmo, de família do interior, a mãe morre e o pai, fugindo dos males da seca, não possui condições de cuidar da filha, assim, resolve deixar Maria sobre os cuidados de seu padrinho, João da Mata.

Caminha utiliza alguns termos locais, fala de uma Fortaleza simples, sem muito luxo, mas cercada de pessoas com boas e más intenções. Aos poucos na trama percebe-se essas condutas representadas através dos personagens. Sob os cuidados de seu padrinho, a moça passa a estudar em uma escola religiosa e posteriormente na Escola Normal, a história começa a girar em torno do interesse físico de João da Mata por sua afilhada, a moça se apaixona por Zuza, um estudante de direito e filho de membros da elite local, o namoro entre Zuza e Maria do Carmo não agrada João da Mata e passa a ser mal comentado pela cidade, desagradando o coronel, pai de Zuza. João da Mata põe fim ao seu casamento com Dona Terezinha e acaba por engravidar Maria, a moça foge e acaba perdendo o bebê durante o parto, depois de todo o mal sofrido ela volta a Fortaleza e se torna noiva do alferes Coutinho.

A obra busca detalhar o cenário local, através da linguagem e utilização de espaços e atitudes conhecidas do período, a Escola Normal, famosa durante o século XIX, Zuza segue o caminho que muitos intelectuais seguiram no decorrer do século XIX, cursar a faculdade de Direito em Recife, além das condutas trabalhadas por Caminha como a traição, o desejo sexual e o modo como vai desenhando a cidade a partir da vida da normalista, a aula na escola, o Passeio Público, uma reunião familiar, a sala de jogos. É durante esses traços da vida de Maria do Carmo que ele acaba por trabalhar em alguns momentos o Café Java, temos em um primeiro momento de trabalho com o espaço:

A ausência de Maria do Carmo não passou despercebida às rodas de calçadas e aos frequentadores do Café Java, cujo tema quotidiano a política não lhe satisfazia o prurido de entrar pela vida alheia a esmiuçar escândalos como quem procura agulha em palheiro. Nas portas de botica, nos cafês, nas repartições públicas, no mercado, em toda parte comentavase o desaparecimento da normalista, em tom misterioso e com risadinhas sublinhadas a princípio, depois abertamente, sem rebuscos, com uma ponta de perfídia traindo a susseizade convencional da burguesia aristocrata. Que tinha

¹² Ver citação da página 25.

ido tomar ares a Maracanaú, afirmavam uns acentuando a ironia; outros que andava adoentada de uma pneumonia “proveniente de arranjos na madre”; outros que estava proibida de sair à rua e de chegar à janela por desconfianças do amanuense. Alguns, porém, como o José Pereira, comunicavam secretamente, pedindo toda a cautela, que a rapariga tinha sido raptada por um paraense e que se achava depositada no Cocó, em casa de uma tal Joaquina Xenxem, por sinal o Manuel Pombinha, tipógrafo, “os vira passar uma noite embuçados numa capa preta” caminho do Outeiro. Na Escola Normal rebentavam suspeitas à flor das discussões que preenchiam o intervalo das aulas. Quem, a Maria do Carmo? Aquela mesma não era mais moça, não, meu bem... Ela sempre fora muito metida a aristocrata, por isto mesmo caíra nas mãos de um Zuza. Era bem feito! Uma grandíssima orgulhosa com carinha de santa. Aí estava a santidade... (CAMINHA, 1893: ?).

Aqui temos o momento em que Maria do Carmo foge, o tratamento da conduta moral por parcela social, julgavam mal Maria, pois diziam que aquela era metida a aristocrata, com cara de santa, mas já não era mais moça. Traços que definiam o papel da mulher socialmente naquele momento, delimitando o que era ou não aceito, já no Java, temos o espaço que era o de debate político, mas que este assunto, segundo representa Caminha, não era o suficiente para aqueles que ali passavam o tempo, olhar a rua e ser comentarista da vida alheia também fazia parte do cotidiano de quem estava nos Cafês. Há aqui outro tipo de sociabilidade que não havíamos percebido até então em outras documentações, na literatura de Adolfo Caminha vemos o espaço dos Cafês também sendo utilizado enquanto mecanismo de observação social, da circulação social. Ainda na *Normalista*:

Ainda não tinha dado meio-dia no pêndulo. Maria foi ao quarto, abriu baús, mais consolada, escolheu o melhor dos seus vestidos cretone, um azul de riscados brancos, em pouco saiu ao lado do padrinho, traçando o fichu, sem dar palavra a D. Terezinha.

Ninguém na rua do trilho, deserta àquela hora como uma rua de aldeia.

Seguiram para a Praça do Ferreira a tomar o bonde de Pelotas. Pouca gente na praça ensombrada por suas enormes mungubeiras. Dois sujeitos, sentados um defronte do outro, jogavam silenciosamente o dominó no *Cafê Java*. Às portas da *Maison Moderne* famílias esperavam os bondes, em pé, silenciosas, com ar de infinito aborrecimento. Dentro jogava-se bilhar. Muitas pessoas rodeavam uma das mesas para ver jogar o presidente, que, em colete, escanchado num ângulo da mesa, calculava o efeito das bolas. Maria teve um estremecimento ao vê-lo. Certo o Zuza também andava por ali... Instintivamente procurou-o com o olhar, mas ninguém que se parecesse com o estudante. O José Pereira tomava cerveja a um canto mais o Castrinho. Os bondes iam chegando uns atrás dos outros, enfileirados.

Antes de subir para o de Pelotas, Maria lançou um último olhar à sala dos bilhetes. O José Pereira sem o Zuza! Era realmente assombroso.

Mais daí a pouco o bonde rodava outra vez caminho do Benfica, e invadiu-lhe o coração uma melancolia sem causa, uma tristeza vaga que lhe deu vontade de estar só, de volta à casa. (CAMINHA, 1893: ?).

Nesta outra representação de Caminha temos dois exemplos que pudemos observar também nas páginas do periódico *O Pão*, as mesas do Java sendo ocupadas para alguns poucos jogarem dominó e no *Maison Moderne*, provavelmente o *Maison Art Nouveau*, jogavam bilhar. Até então eram essas as práticas no Java, o debate político, as conversas sobre o cotidiano e os jogos de dominó. Na última aparição do Java em *A Normalista*, temos:

Encontravase diariamente na Escola que o Zuza frequentava agora com a pontualidade irrepreensível de um inglês. E, como não podiam conversar à vontade sem escandalizar os créditos do estabelecimento já um tanto abalados, trocavam cartinhas no intervalo das aulas. Era voz geral na cidade que o estudante estava disposto a casar com a normalista mesmo contra a vontade de seus pais e a despeito da burguesia aristocrata que lamentava por sua vez tamanho “desastre”. Um rapaz fino, com um futuro invejável diante de si, estimado, amigo do presidente, casarse com uma simples normalista sem eira nem beira! E em toda a parte, desde o Café Java até o Palácio da Presidência comentavase, discutiase ruidosamente o assombroso acontecimento. Uns asseguravam que o Zuza estava desfrutando a rapariga para depois - *fuisset!* pôr-se ao fresco e nunca mais pisar o solo cearense. Outros, porém, eram de parecer que o acadêmico tinha boas intenções e até fazia bem levantar da miséria uma criatura como a Maria, que estava se perdendo em companhia do amanuense. Havia outro grupo que acreditava no casamento do Zuza com a normalista, porque, na sua opinião, a menina “já estava pronta”, isto é, o estudante já lhe tinha “plantado no bucho um Zuzinha”. E, assim, multiplicavam-se as opiniões, enquanto o Zuza, fazendo ouvidos de mercador, não se dava ao trabalho de desfazer boatos. - Que se fomentassem todos. Não tinha que dar satisfações a ninguém por seus atos. (CAMINHA, 1893: ?).

Mais uma vez, além do tratamento a figura feminina, podemos observar o Java enquanto local de conversa sobre os acontecidos na cidade. A literatura de Caminha traz representações da Fortaleza do XIX, assim como dos seus habitantes, estes desenhos da cidade trazem o Café que temos analisado até então, conhecido não por seus produtos ou atendimento, mas pelo espaço do debate político, da conversa e do jogo. Da literatura para os periódicos, temos algumas informações sobre o espaço físico do Java e as suas práticas. *O Libertador* trazia um anúncio do Java com a seguinte descrição:

Libertador - Kermesse

1887

-Edição 00001[1] p.4

Jornal Libertador-Kermesse

Edição Única

Fortaleza, 14 e 15 de agosto de 1887 – “A MEMORIA DO GENERAL TIBURCIO”

“CAFÉ JAVA

O ponto de reunião predilecto da fina flor da sociedade.

Na historica e pittoresca Praça do Ferreira, em frente ao Palacio Municipal.

SEMPRE E INVARIAMENTE

Café como nunca se fez em parte alguma do mundo.

Chocolate de que só o Java possui o segredo de fabricar a capicho.

Cerveja fria, petiscos deliciosos.

AO CAFÉ JAVA.”

A publicação de 1887, anterior a fundação da Padaria e um ano após a inauguração do Café, exalta o espaço falando que ali se encontrava a "fina flor da sociedade", não sabemos se este anúncio era um daqueles feitos gratuitamente por membros de agremiações intelectuais que tinham alguma afetividade pelo Java ou por Mané Coco ou havia sido encomendado e pago por Mané. Também observamos pela primeira vez algumas descrições do que era vendido no estabelecimento, o café, chocolate, cerveja fria e petiscos. A revista *A Quinzena*, que apresentamos anteriormente no capítulo I¹³ trouxe consigo a sua primeira propaganda do Java na data de 4 de setembro de 1887, publicação de número 16:

CAFÉ JAVA NO ELEGANTE KIOSQUE. DA Praça do Ferreira Em frente ao paço municipal. Café fabricado a capricho. Chocolate unico, como só aqui se fabrica. Cerveja fria. Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para o CAFÉ JAVA Manoel Pereira dos Santos.

Aqui temos o acréscimo da venda de charutos e também cigarros. O mesmo *Club Litterario* lançou um artigo em sua revista falando de alguns hábitos da época, como a presença de palcos e salões na Fortaleza do século XIX, na edição de número XIX em 18 de novembro de 1887, temos:

Palco e Salões

(...) Hoje todo mundo vae ao theatro, assim como todo mundo se calça e põe a gravata, usa anquinhas e pós de arroz, mette o espartilho e corta o cabello na testa. Era preciso também um genero facil: eis ahi a opereta. O que não impede que esse todo mundo. ou por imitação, ou mesmo por sentimento proprio. acompanhe a fina flor das pessoas de gosto aos generosos de espectaculos esmeradamente e genuinamente artisticos.

Logo no começo da citação temos a vestimenta padrão do que vimos até agora sendo tratada como a "fina flor da sociedade fortalezense", a gravata, que excluía

¹³ Ver página 15.

Mané Coco de alguns eventos, o pó de arroz, o espartilho e o corte de cabelo na testa. Parecia comum o hábito de ir ao teatro assistir a alguma atração, este hábito foi tratado por Hobsbawm (1998) como uma das novas modalidades da burguesia europeia de se fixar e se diferenciar socialmente de outras classes. *A Quinzena* fala desta ida ao teatro feita às vezes como simples gesto de imitação do que era considerado um hábito comum à parcela fina e com bom gosto na cidade.

O jornal *A Evolução* trouxe um depoimento falando do encontro de alguns intelectuais a porta do Java:

A Evolução

1888

-Edição 00007[1] p.3

Jornal A Evolução

Fortaleza, 30 de agosto de 1888./ ANNO I/ Número 7

“A’ vol de colibri

Cem vezes olhei para o meu relógio que nunca medira o tempo com tanta lentidão. Combinára às 6 horas encontrar-me com um amigo no *Café Java*, e préso-me de ser pontual á inglesa.

Tratava-se da ida a um baile popular no jardim público, mas sem especificações daqueles que ali se encontravam. O jornal *A Jandaia* foi outro a citar o Café Java"

A Jandaia

1895

- Edição 00002[1] p.6

Jornal A Jandaia

Fortaleza, setembro de 1895./ ANNO I/ Número 2

“ << – E’ como lhe disse a Jandaia é um jornalzinho *catita*, que não é mal escripto e é bem impresso; só o que n’elle não me agradou foi o trabalho xylographico...>>

<< - Ah! Eu notei logo na xylographia que a Jandaia estava maior do que a carnahuba onde pouzava...>>

Ouvimos esta palestra de dois bohemios, no café Java, e para satisfazer-lhes vamos encommendar, para Portugal, uma nova xylographia, caprichosamente preparada pelo punho do Pastor. Devemos porem, acrescentar que isto não é *reclame* á Jandaia...”

Segundo os autores havia acontecido no Café Java uma palestra de dois boêmios que reclamavam ali da xilografia de seu jornal. Que era pequeno, mas não mal

escrito, a solução seria encomendar uma nova xilografia vinda diretamente de Portugal. Não se tem notícias dos autores ou se estes dois boêmios seriam membros da Padaria Espiritual. Mas falando dos padeiros, uma atividade realizada por eles no Java era a venda de seu *Pão* como escreveu Jovino Guedes:

[...] Apenas os relógios da Sé e da Intendencia, como a vigilância que lhes é proverbial, e n'uma cadencia de verso mal medido ou de soldado mal disciplinado, annunciavam aos povos que eram com precisão khronometrica 8 horas do dia, a Padaria Espiritual sahia encorporada do respectivo forno, sobraçando 2,496 exemplares do 2 n. d' O Pão.

Após um curto itinerario feito em torno da praça do Ferreira, installou-se no Café Java.

Fazendo poncto de reducto d'aquelle popularissimo estabelecimento, os padeiros, cada um por sua vez e todos a um tempo, investiam n'uma avidez de faminto a todo simples mortal que passava n'aquellas dependencias, e pediam-lhe que, por quem era, comprasse-lhes O Pão.

E foi des'arte que duas horas depois., duas horas!.. achava-se completamente esgotada a edição de 2, 496 exemplares do 2 n. d' O Pão.

E foi ainda d'esta arte que todas as pessoas a quem offerecemos O Pão o compraram da melhor vontade e com a maior gentileza, a excepção de dois burguezes que tiveram o inaudito desplante de o recusar; um pela imperiosissima circumstancia de não saber ler, outro por se achar muito azoinado de umas malditas hemorroidas. [...].TUPINIQUIM, Wenceslau/Jovino Guedes. *O Pão...* Da Padaria Espiritual. Anno I. Número 3. 6 de Novembro de 1892. P. 1.

Aqui, Wenceslau Tupiniquim, pseudônimo de Jovino Guedes, fala da venda de mais de dois mil exemplares do *Pão* sendo comercializados em plena Praça do Ferreira, tendo como ponto de venda o Java, segundo o autor somente dois burgueses haviam se recusado a comprar o jornal, um que não saberia ler e o outro por conta de suas hemorroidas, vale relembrar o tom pilhérico da Padaria em seu surgimento.

Outro membro da Padaria que escreveu mais uma vez sobre o Java foi Antônio Sales, ao fim do tópico anterior e início deste¹⁴, falamos de uma peça escrita por Sales onde houve a representação do Java e até mesmo de Mané Coco. A mesma foi publicada na revista da Academia Cearense de Letras sob o título de *Antônio Sales e sua época, XVI, A política é a mesma, 111 - 114*, vejamos:

A POLÍTICA É A MESMA

Estávamos em pleno governo do General Clarindo de Queirós quando Antônio Sales lançou sua peça teatral *A Política É a Mesma*, uma sátira a esse governante, uma crônica dos últimos acontecimentos políticos, em colaboração com o Tenente Alfredo Peixoto, oficial da Marinha e música dos

¹⁴ Página 43.

maestros Antônio Rayol, Capitão Francisco Benévolo e Cadete carioca e flautista Oscar Feita I. Impressa na Tipografia do Libertador e composta de 3 atos e de 23 quadros, a representação ficou a cargo do Grêmio Dramático Militar com Franklin do Amaral Thebergue, Boaventura Abreu, Pedro Soares, Hermenegildo Seixas, Isabel Santos, Tenente Abílio, Cadete José de Maria Farias e Sousa e outros. Na Orquestra figuravam Dr. Santos, L. Gondim, Carvalho, Berredo, Capitão Benévolo, Cadete Oscar Feital e na batuta o maestro, tenor, compositor e violinista maranhense Antônio Rayol. Os atores Franklin Thebergue e Isabel Santos, nos papéis do Coronel Anastácio e de Luminária, respectivamente, fizeram as honras do espetáculo. Infelizmente quatro apenas as representações, duas no mês de julho e nos dias 14 e 18 e outras duas últimas no mês de agosto, dias 1 e 30.

A peça escrita por Sales era uma sátira a o atual governo de General Clarindo de Queirós, com o título de *A Política é a mesma* e contando com a interpretação e presença de membros militares, contando também com orquestra e impressa na Tipografia do Libertador, onde haviam sido impressos alguns jornais da cidade, contando com três apresentações, duas em julho e duas em agosto.

A estréia se deu na terça-feira de 14 de julho de 1891, no Teatro São Luís, na época localizado na rua Formosa (hoje Barão do Rio Branco), frente à esquina da Santa Casa. E um jornal assim noticiava o acontecimento social: "O teatro iluminado extraordinariamente, artisticamente decorado e regurgitado de espectadores, como estava, apresentava um aspecto galhardo que se coadunava com a ansiedade que invadia todos ante a perspectiva de uma novidade "sui generis", a première de uma revista coisa que só conhecíamos pelas notícias dos jornais do Rio ou pelos trechos que se tocam nos pianos". Claro que a data escolhida para a estréia foi proposital e às vinte e uma horas compareceram ao Teatro o General Clarindo de Queirós e o Cônsul francês, ocupando ambos o camarote oficial todo adornado para essa noite de gala. A Orquestra executou a sinfonia de Abertura, sugestivo trecho de música descritiva do nosso Antônio Rayol. Ao subir o pano inciamse os 3 atos. O ato primeiro se passava no Café Java e entre as cenas destacavamse Os Críticos e os Bemóis com música do Capitão Benévolo; Zé Povinho; Litografia, com bela valsa de Oscar Feital; Pedro Valls, onde se destacava a interpretação segura do Tenente Abílio; Peixotinho e, finalmente, Inverno, esta com música de Benévolo. O segundo ato, todo com músicas do tenor maranhense, se desenrolava na Avenida Caio Prado e entre as cenas ficaram marcadas Os Conquistadores, Os Poetas, Peri, O Hipnotizador, O Surdo e Contraferreira. No derradeiro ato, Cadete Desligado, num arranjo de Feital, Tango dos Queirós, composição de Rayol, Conde de Aguillar, O Chagas da Gaita, O Tenor Rayol e Capadoçada, essas as melhores passagens.

Com estreia feita no Teatro São Luiz, aos 14 de julho de 1891, antes do surgimento oficial da Padaria Espiritual, comprovando então que os intelectuais noticiados que frequentavam o Café Java, sendo conhecidos como a agremiação do Café Java, já possuíam em seu corpo de formação membros da própria Padaria, como Antônio Sales. Estiveram presentes no teatro o próprio General Clarindo de Queirós e o Cônsul francês, o primeiro ato se passava todo no Café Java e em seguida na Avenida Caio Prado, a Avenida foi citada mais tarde em um dos estatutos da Padaria Espiritual

como local mais útil e civilizado da cidade, podendo ser neste momento representada na peça juntamente com o Café Java como locais da intelectualidade local.

E numa homenagem apoteótica à data máxima da França, a Orquestra executou o arranjo feito pelo Maestro Rayol dos hinos nacionais brasileiro, português e francês. O Tenente Alfredo Peixoto, o poeta Peixotinho, imitado magistralmente nessa comédia pelo ator Boaventura Abreu numa das cenas do primeiro ato, amigo de Antônio Sales, colaborador do libreto, desaparecido tragicamente no naufrágio de seu navio Solimões dez meses depois, apareceu em cena e saudou a terra de Victor Hugo com “palavras vibrantes de entusiasmo e de inspiração, terminando por algumas estrofes bellssimas”. Antônio Sales não foi muito feliz com a sua peça teatral mas a recordaria com saudades: “Numa revista de ano do ano de 1892, creio escrita por Alfredo Peixoto e por mim e representada com sucesso no antigo Teatro São Luís, aparecia em cena o Café Java com o Mané Coco, que era maravilhosamente imitado por um rapaz da Escola Militar, de nome Pinheiro”. Uma experiência que se repetiria somente quarenta anos depois com outra peça, dessa vez publicada mas nunca encenada ...

Mesmo assumindo que a peça não fez o sucesso que esperava, Antônio Sales reconhece a importância que a mesma para ele e faz questão de relembrar o fato de o Café Java e Mané Coco terem aparecido representados no Teatro São Luiz, vale destacar também a execução dos hinos do Brasil, Portugal e França, dado o ano de 1891, ainda cedo pós a Proclamação da República, mas que ainda não tinha lá grandes forças pelo país, segundo Carvalho (1996).

Ainda na Revista da ACL, uma referência, especificamente sobre Mané Coco, traz novas informações sobre o proprietário do Java:

Referência nº5

Café Java, elegante quiosque da Praça do Ferreira, de propriedade do Senhor Manoel Pereira dos Santos, o Mané Coco, o também dono do Café Cascata e inaugurado a 12 de maio de 1892 na Praça José de Alencar, frente ao Edifício do Congresso. O jornal O Diário de 21 de maio desse mesmo ano registrava:

"O Mané Coco que é
o homem da novidade -
alegrou mais a cidade
fundando um novo café.
Fica na praça da Feira,
defronte do Benjamim,
à sombra da mongubeira,
cercada por um jardim.
O lugar - é pitoresco,
muito chique e de bomtom,
o jardim é muito ... fresco,
e o café é muito bom.
Portanto, convido a todos
colegas, de boa nata,
para gozar os engodos ...
do cafezinho Cascata".

No mesmo mês a ano de surgimento da Padaria Espiritual, Mané Coco havia fundado um segundo Café em seu nome, o Café Cascata, na Praça José de Alencar. Tanto a Praça quanto o Café não possuíam muita visibilidade naquele momento, ao contrário da Praça José de Alencar, não se tem notícias sobre atividades no Cascata, mas ainda assim, o jornal *O Diário* publicou um pequeno poema propagandeando o estabelecimento, não se tem notícias sobre o autor.

Outro ponto que nos chama a atenção em publicações de periódicos sobre o Café Java é a edição do *Relâmpago*, que em 1890 trazia o seguinte:

O Relâmpago

1890

- Edição 00007[1] p.1

Jornal O Relâmpago

Fortaleza, 5 de janeiro de 1890./ ANNO 2/ Número 7

“EXPEDIENTE

Escriptorio – Café Java – Praça do Ferreira

*

”O Relampago” apparecerá aos domingos e vende-se a 40 réis o numero.

*

Acceita se qualquer collaboração, sujeita a revisão da redacção.

Qualquer correspondencia para o ”O Relampago” deve ser entregue no ”Café-Java”, em envelope feichado* subscriptado ao Sr. Hortencio de J. Junior. – redactor-responsavel.

*

H. Leal. – Muito amavel sua carta e muito sensata. Desejo não nos falta, mas para augmentar formato é preciso cobres e V. *esqueceu se* de concorrer com os *cujos*.

O seu artigo *Pae.....* é muito odiento a *Gazeta* e quem escreve aquillo, deve fazel-o por conta própria.....

Suas..... *coisas*, embora tenha muita *droga* forte, publicaremos no seguinte numero.

A actualidade está bom e diganos quem é deveras para promovermos uma estatua.

Temos tanto desejo de conhecel-o....

Mas, amigo, tenha paciência.... só para o outro numero. Sim?”

A partir da publicação do *Relâmpago* temos a confirmação que a Padaria Espiritual não era a única com presença no Café Java, pela datação da publicação, este periódico veio antes da própria Padaria, tendo como redator Hortencio Junior, não se

tem mais notícias sobre o mesmo, não podendo afirmar se a sua presença coexistiu com a Padaria no Café Java, também não há como afirmar se este jornal fazia parte do que chamavam de grêmio do Café Java, sabendo que não continham ali somente intelectuais que fizeram parte da Padaria Espiritual.

Quanto aos padeiros, o último registro que encontramos trazendo alguma alusão ao Java veio por parte de Antônio Sales, quando ao sair de uma sessão cinematográfica (no Polytheama ou Majestic?), o “padeiro” notou que punham abaixo os quiosques, inclusive o seu querido Café Java, encheu-se de “uma grande tristeza e uma grande saudade”. Assim era aquela “bela e curiosa aventura”, antiga de vinte e oito anos, em que vários moços da Padaria Espiritual, um dos mais fecundos movimentos literários do Ceará, sacudiram nossa terra, ainda em provinciana (ADERALDO, 1989: 64). A reação de Antônio Sales ao observar a demolição do quiosque onde ficava instalado o Café Java, pode apontar não só para a sociabilidade intelectual no espaço, mas também a afetiva, com o quiosque e seu proprietário. A tristeza, o saudosismo e a saudade se mostram presentes ali.

Além do Java e alguns dos Cafés que apresentamos até aqui, existem relatos de outros estabelecimentos espalhados pela cidade, gostaríamos a partir do terceiro capítulo, principalmente através da imprensa local, destacar algumas descrições e atividades nestes demais espaços, mesmo terminando o nosso recorte em 1920, com a demolição dos primeiros Cafés de Fortaleza, gostaríamos de apontar brevemente um pouco da continuidade destes mecanismos pós 1920, dando a possibilidade de novas pesquisas sobre este tema.

4 SE VOCÊ FICAR LIMPANDO A MESA, NÃO ME LEVANTO NEM PAGO A DESPESA: OS CAFÉS NA IMPRENSA E OUTROS CAFÉS PELO CENTRO DE FORTALEZA.

Até aqui temos os quatro Cafés que ficavam localizados nos quiosques da Praça do Ferreira como os de maior destaque entre as publicações em jornais, revistas, memórias e crônicas que remetem ao fim do século XIX, o Café Java ganha maior visibilidade principalmente por conta da presença dos membros da Padaria Espiritual. Um destes espaços, o do Iracema, também é reconhecido como restaurante, muito pelo sucesso enquanto casa de pasto. O Java, como vimos, recebeu outros intelectuais anteriormente ao surgimento da Padaria, entre eles membros que mais tarde fizeram parte desta mesma agremiação. Já com a passagem para a segunda geração da Padaria Espiritual, o Café de Mané Coco, segundo Antônio Sales, já não recebia tantas visitas dos padeiros.

Entretanto, percebemos na imprensa, principalmente no decorrer do século XX, publicações sobre os Cafés da cidade, não somente os da Praça do Ferreira, como o segundo Café de Mané Coco na Praça José de Alencar. Passaremos então a analisar algumas destas publicações, além de alguns Cafés que receberam algum destaque em livros de memórias, como o Riche e o Café do Pedro Eugênio. Vale ressaltar também a importância do próprio produto, o café, para a economia do país, Boris Fausto (2007) aponta a produção local de café desde 1727, mas o produto passa a ganhar destaque nacional a partir de 1830, principalmente por conta do aumento de consumo na Europa. O produto ganha destaque nas publicações locais, estando diretamente ligado aos espaços de comercialização do mesmo. Os Cafés vendiam artigos diversos, mas o consumo de café, assim como na Europa, acabava ligado a estes estabelecimentos. Analisaremos neste primeiro momento algumas das publicações na imprensa.

4.1 VÁ DIZER AO CHARUTEIRO QUE ME EMPRESTE UMAS REVISTAS: OS CAFÉS NA IMPRENSA.

Uma das primeiras publicações na imprensa local sobre os Cafés foi a do jornal *O Cearense*¹⁵, que tratava de um Café alemão, o *Baner*, de Berlim, e a sua relação com a imprensa. O Café era um ponto de venda de jornais. O mesmo periódico lançou um artigo falando sobre o consumo de café na Europa:

“NOTICIARIO

[...]

O café em Vienna. (...) Em Londres e Paris havia poucos annos que se tinham aberto botequins; mas nestas cidades o café era bebida para ricos e nem todos a apreciavam. A propria Mme. de Sévigné prophetisára que a moda do café havia de passar assim com as obras de Racine. Em Vienna, porém, o café tornou-se logo a bebida favorita do povo. E quanto a Pariz, é escusado lembrar o consumo extraordinário que se faz hoje do café.” -Edição 00238[1] p.1. **Jornal O Cearense. Fortaleza, Quinta-feira - 21 de outubro 1886./ ANNOXLI/ Número 238.**

As primeiras publicações tratavam principalmente dos espaços na Europa e do consumo de café, principalmente pela questão econômica e produção do produto nacionalmente, as notícias falavam de uma bebida para os ricos e que não possuía reconhecimento unânime em alguns locais, o chá era a principal bebida de consumo em alguns países, como a Inglaterra. Mas segundo o que noticiava *O Cearense*, o café vinha ganhando espaço, principalmente em Paris, onde já havia um consumo extraordinário da bebida.

Outras publicações do *Cearense* continuam a falar do crescimento do consumo da bebida a nível internacional, em 29 de janeiro de 1887, na edição de número 24, lançam um artigo se referindo à chegada do café nos Estados Unidos. Em 28 de junho de 1887 falam da abertura de uma nova casa, o *Maison Moderne*:

-Edição 00141[1] p.1

Jornal O Cearense

Fortaleza, Terça-feira, 28 de junho de 1887./ ANNO XLI/ Número 141

“ **Maison moderne.** – Abre se hoje esta casa de propriedade dos Srs. Costa & C^a. Á praça do Ferreira n.47.

Preparada com gosto o novo café é o primeiro d’esta capital, e o mais bem collocado por ser em frente a principal parada de *bonds* Em um vasto salão pintado *à fresco* pelo habilíssimo Sr. Luiz Sá, encontra o nosso publico que

¹⁵ Ver citação na página 37.

offerecem casas similares, sendo para attrahir a concorrência as maneiras delicadas dos seus proprietários e a limpeza do serviço.
A pintura da *Maison Moderne* é feita com esmero, e a habilidade do Sr. Sá, se revela em tudo; até na disposição dos annuncios que occupam um espaço não pequeno desenhado com primor.”

O *Maison Moderne* é tratado em seu anúncio como o primeiro Café da capital, já no ano de 1887, o Café Java tem como ano de fundação 1886, provavelmente uma tática de propaganda utilizada para chamar a atenção de clientes. As demais táticas utilizadas para chamar a atenção para o estabelecimento não levam em consideração os seus produtos, mas o ambiente. Falamos das transformações ocorridas na Praça do Ferreira e que influenciaram diretamente na circulação pelos quiosques que ali existiam. A iluminação, os bondes a tração animal, o jardim, o chafariz, o alargamento da Praça propiciando o uso de mesas e cadeiras próximo aos estabelecimentos, estas mudanças davam mais vida aos Cafés. Na propaganda do *Moderne*, fala-se da localização em frente a principal parada de bondes e a pintura do local, feita por Luiz Sá. Pensando o Café enquanto um mecanismo que busca gerar lucro, o diálogo com a sua localização é fundamental, temos meios para diferenciar o local que tomam destaque na tentativa de chamar a atenção pelo seu ambiente, educação e cuidado, um espaço voltado para um público específico naquele momento.

Nas suas últimas publicações sobre o café e os estabelecimentos, *O Cearense* fala sobre um espaço aberto em Paris para a venda do café brasileiro, se chamava *Aux Cafés Du Brésil - Maison Ferro*, tendo como proprietário Dr. Ferro Cardoso, relatam a decaída das vendas no Brasil, mas a bebida, segundo a publicação, "era fundamental para todas as classes"¹⁶. O objetivo seria mostrar que o café brasileiro era o melhor a nível mundial.

Outro espaço que vendia a bebida foi anunciado no jornal *A Evolução*, em 11 de outubro de 1888, anno I, número 13, um anúncio simples que apenas propagandeava um café especial, no armazém de *Alfredo Ferreira Irmão*, na Rua Formosa, número 67. Pequenos anúncios de Cafés são comuns na imprensa local no decorrer do século XIX e início do XX, alguns, infelizmente, são pouco detalhados e não dão maiores informações sobre os estabelecimentos, seu proprietário e praticantes, mas podem trazer alguma informação complementar a outras fontes.

O jornal *O Moleque*, por exemplo, trouxe em sua edição de número 32, o testamento de um "desgraçado Judas" que havia cometido suicídio, morrendo afogado

¹⁶ Jornal O Cearense, Fortaleza, quarta-feira, 07 de setembro de 1887. ANNO XLI/ Número 200, p. 1.

no Parque da Liberdade, não podendo confirma se a morte realmente havia ocorrido ou não passava de uma sátira, ao se observar o nome do jornal, fazendo críticas a alguns tipos da cidade e as cobranças sociais, vemos uma breve descrição da cidade, além de encontrarmos o nome de Mané Coco, o dono do Café Java, citado mais uma vez, em alguns trechos temos:

O Moleque

1891

- Edição 00032[1] p.2-----*Inicia na página 01

Jornal O Moleque

Fortaleza, 3 de abril de 1891./ ANNO 1/ Número 32

“TESTAMENTO

Eis o testamento encontrado no bolso de um desgraçado Judas que em vistas do grande imposto que a Intendencia creou sobre forca, e não podendo dispor desta quantia, resolveu morrer mesmo afogado no Parque da Liberdade.

Coitado ! Podemos dizer: Afogaram o Judas..

Na ocasião de lançar-se ao lago inda proferia estas palavras:

Olha-me ó morte, a frente!

Olha-me, os olhos sem luz!

A pallidez do infortúnio

Por minhas faces transluz.

Eu sou Judas Iscariotes

Ainda sou monarchista

E fui um bom estadista

No passado.

Tendo de ser enforcado

Pelo o meu procedimento

Vou fazer meu testamento

Primeiro:

Ao povo desta cidade

Tudo que fôr meu eu deixo

Ao meu camarada Aleixo

Meu salário.

Ao meu amigo Mané

O côco do Café Java

Vou mandar-lhe plantar fava

No Cassino.

Judas Iscariotes”

No decorrer do dito testamento de um Judas Iscariotes, já em 1891, pós a proclamação da República (1889), o uso do nome Judas pode fazer referência à traição do movimento republicano, já que o suposto falecido logo afirma "ainda sou um monarchista". Entre outras partes do testamento, aparecem como herança algumas roupas, frutas e pouco dinheiro. Reclamava dos novos impostos criados pela intendência. Até citar Mané Coco, a quem deixa o pedido para que vá passar o tempo em algum cassino.

Ainda se analisando Mané Coco e seu Café, outro jornal, *O Catuaba*, do ano de 1890, lançou um enigma em sua edição de número 2, na data de seis de novembro de 1890, a quem conseguisse resolver o mesmo: "ENIGMA I: Meu todo tem cinco letras, Prima, terciã e quinta eguaês, Segunda e quarta diferentes, E não podem ser vogaes. Accentuada a terceira, Tereis bolsa de planilha, Si tirares quarta e quinta, Conceito: - boa mezinha" pedia que procurasse por Adão, no Café Java, pois era ali onde ficava a agência deste jornal. Mesmo sem muitos detalhes sobre os redatores, mais uma vez o Java se mostra enquanto local de algum jornal, não sendo o *Pão*, da Padaria, o único a circular ali.

Outro periódico a falar do Java foi *O Belecho*, com publicações em 1899, citavam o Café do lord. Barboza e em primeiro de novembro de 1899 lançaram um artigo de reclamação ao Café de Mané Coco, diziam:

- Edição 00003[1] p.2

Jornal O Belecho

Fortaleza, 1 de novembro de 1899./ ANNO I/ Número 3

“RESOLUÇÃO

Hoje ás 6 horas da manhã, grande massa popular affluiu em frente á nossa redacção pedindo que lhe defendesse seus direitos que estão sendo violados pelos proprietarios dos cafês.

Tomou a palavra o Snr. J.F. que em uma brilhante associação de idéias disse o fim que trouxe aquella massa á nossa redacção: vinha reclamar contra as papas do café Java que estão muito pequenas; não valem duzentos réis.

Nós como deffensores dos interesses do povo, não podemos deixar de dar publicidade á estas suas manifestações, que aliás achamos justas.”

Além de alguns anúncios que falavam sobre os produtos do Café Java, como os da revista *A Quinzena*, este do *Belecho* fala especificamente de um produto do estabelecimento de Mané Coco, reclamavam do preço das papas, que seriam pequenas, não condizendo com o valor cobrado por elas. Em alguns momentos, em fontes como os jornais e revistas, memórias e crônicas, a descrição sobre os Cafês é pequena, fazendo

necessário o uso das menores informações, para aos poucos se ter uma visão mais geral sobre determinado espaço.

O Java teve além de seu fundador, o Mané Coco, mais dois proprietários, segundo as memórias de Raimundo Girão e Gustavo Barroso, teriam sido eles Ovídio Leopoldino da Silva e durante algum tempo esteve sob os cuidados de Antônio Silva Lima, pai do escritor cearense Herman Lima. Mesmo não estando mais sobre os cuidados de Mané Coco, o Java ainda aparecia nas folhas de alguns jornais, o jornal *A Urtiga* lançou em 1898 um artigo sobre o Café:

A Urtiga

1898

- Edição 00010[1] p.2

Jornal A Urtiga

Fortaleza, 18 de maio de 1898./ ANNO I/ Número 10

“O JAVA

Em nosso e em nome do publico que frequenta este café, pedimos ao Ovidio, que retire aquelle grajau com uma jarra d’agua da frente do Botequim, pois, consideramos que *aquillo* é um insulto aos freguezes que o frequentam.

Um insulto dizemos nós, porque o publico deve merecer certa regalia, e no principal, alli abusa-se, pondo-se em exposição, agua quente, no meio do tempo, servindo de copo e caneco, uma lata de leite condensado com as beiras dobradas.

Ainda mesmo que haja agua especial, lá p’ros fundos, o Ovidio deve depor aquelle *troço* dalli, porque desmerece ao credito de sua casa.

Seja menos econômico, compre bilhas e copos, e bote agua fresca á disposição de todos, a jarra e a lata de leite é uma immoralidade.

Fóra a jarra!...”

Em 1898 temos as reclamações já direcionadas a Ovídio, as apresentadas pelos redatores da *Urtiga* diziam respeito ao ambiente do Café Java, mais especificamente a uma jarra com água que ficava na frente do Café, para os membros do jornal aquilo era um insulto aos fregueses que frequentavam o espaço. Achavam que o público deveria ser tratado com maior regalia, à água era servida quente e em latas de leite condensado com as beiras dobradas, mesmo havendo uma "água especial" aos fundos do estabelecimento, pediam que colocasse bilhas e copos juntamente com água fresca a disposição de todos. Essa reclamação pode vir do fato de que aquela água seria servida a qualquer um que a quisesse tomar, lembramos que existem registros de populares a beira do Java pedindo esmolas, aquele modo como à água era servida poderia atrair tipos populares não desejados ao estabelecimento por parte de redatores de jornais. Mas também não deixando de haver a possibilidade do fio estético do modo como era servida a água que ficava a frente do espaço ter um perfil muito simples e não condizer com a ideia de modernização e do próprio espaço do Café.

Um ano antes, em 1897, *O Ceará Moléque* lança em sua edição uma nota ao Café do Ovídio, onde diziam:

O Ceará Moléque

1897

- Edição 00001[1] p.2

Jornal O Ceará Moléque

Fortaleza, 2 de maio de 1897./ ANNO 1/ Número 1

“CHRONIQUETA

Meus cumprimentos, leitores!

Seis horas marca o meu relógio e a estas horas já me acho percorrendo as ruas, praças e subúrbios de nossa capital, a rir, a rir, a rir muito das tolices dessa pobre humanidade cheia de prejuízos e entusiasmos.

Minha praxe não é como a do café do Ovídio – ver, ouvir e *calar*, e sim – ver, ouvir e falar, mas falar muito, mesmo muito das poucas cousas de nossa terra.

Bem.

**

As semanas foram escassas de assumptos. Apenas

Domingo da ressurreição

Foi com chuva inaugurado,

Ou por outra, ressurgio

D'entre os borós – o mercado.

Só mesmo o nosso intendente

Faz coisa qu'espanta a gente! (...)

O Ceará Moléque pela escrita de um de seus redatores, Heráclito, fala de muito do ideário local aquela época. As andanças que alguns intelectuais (ou não) costumavam fazer a observar e julgar as ruas, praças e neste caso subúrbios da cidade, a exemplo do que fazia outro intelectual de Fortaleza, Raimundo Ramos de Paula Filho, o Ramos Cotoco, que fazia questão de andar por cada centímetro da cidade, sem deixar se levar pelo o que queria ser definido como o local do intelectual ou do cidadão comum. Ao transmitir que "ria, ria e ria" das tolices da humanidade, Heráclito parece falar dos sofrimentos cotidianos não cicatrizados com as mudanças locais e dos entusiasmos defendidos por outros muitos intelectuais em defesa das modificações por eles pretendidas, mas que se mostravam utópicas, talvez. Segundo escreve Heráclito, aqueles que frequentavam o Café do Ovídio se calavam mediante as coisas que viam acontecer, esse não seria o seu papel, mas sim "ver, ouvir e falar, mas falar muito...".

Saindo um pouco do Café Java, temos em 1899 uma publicação do jornal *O Theatro*, que falava do Café Caio Prado, no Passeio Público. O Passeio Público foi por muitos anos o ponto de encontro não só da intelectualidade local, mas de boa parcela da população, que ia a piqueniques e exibir os trajes de saída. Era ali que se chocavam os mais diversos tipos da cidade, a Praça do Ferreira, mesmo com os Cafés, demorou anos

até conseguir ter o tom de importância que era alegado ao Passeio quanto aos encontros da população.

O *Theatro* trazia o seguinte anúncio sobre o Café alojado no Passeio Público:

O Theatro

1899

- Edição 00001[1] p.3

Jornal O Theatro

Ceará - Fortaleza, 16 de março de 1899./ ANNO I/ Número 1

“ANNUNCIOS

Café Caio Prado

NO PASSEIO PÚBLICO

O mais aprasivel e pitoresco da capital.

Grande sortimento:

Cervejas, Cydras, Refrigerantes, Cognacs, Vinhos, Licores, charutos finíssimos.

DEPÓSITO

DE

INGRESSOS

PARA

OS ESPETÁCULOS

DO

Gremio Thaliense.”

Falavam de um espaço agradável com a venda de produtos que não fugiam em nada do comércio de outros Cafés, cervejas, cydras, refrigerantes, cognacs, vinhos, licores e charutos. O depósito de ingressos para os espetáculos do Gremio Thaliense dizem respeito ao órgão responsável pela publicação do *Theatro*, grêmio que teve como presidente João de Alencar Araripe, com a primeira publicação do periódico em 16 de março de 1899.

No mesmo ano, 1899, *O Baluarte* lançou um pequeno poema de Pedro de Souza Pinto, falando sobre o dia de um caixeiro de cobranças:

O Baluarte

1899

- Edição 00008[1] p.3

Jornal O Baluarte

Ceará - Fortaleza, 6 de janeiro de 1899./ ANNO II/ Número 8

“No fiado

Dez horas. Sae o caixeiro

A’ rua. Vae a cobrança:

Anda, corre, sua e cança

E não recebe dinheiro.

Ao meio-dia à um café

Vae sentar-se um bom pedaço.

Para acalmar o canção

De tanto andar a pé.

Após um bom descanso
 Sae ligeiro qual um ganço,
 Em procura do armazem.
 Chegou, tala aos patrões
 - Os devedores são ladrões,
 Não pagam nem um vintem!...
 PEDRO DE SOUZA PINTO.”

Os caixeiros eram aqueles que trabalhavam no comércio local, cargos inclusive ocupados por alguns intelectuais da época, mas nem todos eram bem vistos em todos os espaços da cidade, principalmente os ocupados por algumas agremiações, mas no poema de Pedro de Souza Pinto, vemos um pouco do dia a dia de um caixeiro fazendo as suas cobranças, o Café aqui é o local onde, cansado, ele para ao meio dia para repousar, não tendo que consumir algo, apenas passando o seu tempo.

Já em uma pequena publicação ao ano de 1892, *O Diário* em sua edição de 20 de maio de 1892, ano I, número 5, p.2 pedia que Cypriano Chaves fosse ao Café Pery buscar uma correspondência em seu nome. Esses pequenos detalhes acabam aparecendo em muitos casos que se referem aos Cafés, paradas para descanso, sentar para ler um jornal, tomar uma água, um jogo de dominó, uma conversa fiada, observar as ruas em volta, o estabelecimento tem práticas plurais, que giram em torno do comércio em alguns momentos, mas que em muitas outras, talvez as suas principais práticas, girem em torno da *sociabilidade*.

O mesmo *Diário* faz outra publicação, desta vez uma propaganda, sobre outro Café em torno da Praça do Ferreira, no ano de 1892:

- Edição 00005[2] p.4
Jornal O Diário
Fortaleza, 20 de maio de 1892./ ANNO I/ Número 5
“CAFÉ ARATANHA
A’ PRAÇA DO FERREIRA

Neste elegante KIOSQUE – encontrará o freguez um sortimento completo de charutos finos, cigarros de todas as marcas, etc. licor, champagne, cidra, cerveja, vinho, vermouth laranginha genebra, etc. assim como também uma grande quantidade de petiscos agradáveis que provocam apetite ao mais exigente e exquisito estomago.

Os preços estão em relação ao -> Cambio de 27.”

A Praça do Ferreira foi um dos palcos preferidos dos Cafés de Fortaleza, fora os quatro quiosques nas esquinas da Praça, alguns outros se alojaram ao seu redor, segundo Aderaldo (1989) o sucesso dos quiosques da Praça estava diretamente ligado à inauguração de outros estabelecimentos pela cidade, nem todos com o mesmo sucesso,

o Café Aratanha é mais um trazer em seu anúncio vários artigos comuns a estes espaços, mas afirmando que o mais exigente e esquisito estômago seria agradado ali. Mas sabendo dos diversos usos em um Café, nem todos os anúncios seguiam esta linha de propaganda, como já analisamos, alguns espaços buscavam se diferenciar baseados em seu ambiente ou até mesmo na educação de seus empregados.

Em 1897 o Jornal *A Opinião* lançou duas publicações falando sobre o jogo do bicho em Fortaleza, estes jogos de azar já foram objeto de pesquisa em algumas obras, como a de Silva (2009), em meio às modificações vividas em Fortaleza no decorrer do século XIX, houve formas de tentativa de intervenção e controle social, dentre algumas delas vimos à planta urbana da cidade, a construção de asilos e manicômios, definição do horário de funcionamento de algumas instituições como a Biblioteca Pública e o comércio local, no caso de Silva estas formas de intervenção e controle moral são trabalhadas a partir do ordenamento da cidade através da vergonha causada no sujeito pelo humor, pelo riso do outro. Seu principal documento de análise são os pasquins pilhéricos publicados entre 1850 e 1890. O autor assinala que as folhas pasquineiras e sua linguagem funcionavam como um veículo de intervenção social na realidade em que elas estavam envolvidas, como promotores de uma tentativa de sociedade civilizada.

O que apresentamos anteriormente como o *Processo civilizador* de Norbert Elias, volta aqui na tentativa de programar práticas aceitas na sociedade capitalista e outras que devem ser combatidas, como não civilizadas. No trabalho de Silva, uma destas práticas que não condiziam com os avanços cívicos e morais pretendidos para Fortaleza eram os jogos, principalmente os de azar. Estes tinham a capacidade de tirar a dignidade de um homem, assim como o namoro indecoroso, a bebida e a prostituição. O jogo lhe dava a capacidade de "subir na vida sem conhecer o trabalho", isso tiraria a moral e dignidade de um homem, além de jogar o mesmo no ócio. Tudo o que a sociedade daquele momento não necessitava, era necessária mão de obra barata e a disposição para o trabalho no comércio local.

O periódico *A Opinião* trouxe então publicações envolvendo estes jogos, no caso o do bicho, envolvendo alguns Cafés, seus praticantes e proprietários, em 1897:

A Opinião

1897

- Edição 00001[1] p.3

Jornal A Opinião

Fortaleza, 28 de agosto de 1897./ ANNO I/ Número I

“FACTOS E NOTICIAS

[...]

Digno de imitação

A propaganda levantada contra o funestissimo *jogo de bichos*, vae encontrando o acolhimento que era de esperar dos homens de bem.

E’ com summo prazer, que registramos algumas providencias que podemos diser de iniciativa particular, porque são verdadeiros protestos de sympathia e adesão á causa que defendemos, que é a do bem:

Na alfandega, importante repartição sob a administração do Sr. Manoel Alves é prohibida a venda de *bichos*.

O inteligente operário mestre geral da Fabrica de Tecidos – Pompeu & Irmão, Americo de Mattos Lima, prohibiu a entrada de vendedores de *bichos* no estabelecimento a seu cargo.

O honrado comerciante e industrial Emilio Sá, garantiu-nos que não consente a entrada de *bichentos* em seu estabelecimento.

E’ prohibida a venda de *bichos* nos seguintes estabelecimentos:

Café Iracema, Café do Commercio, Fabrica União e Trabalho, Casa comercial do Sr. Bernardino Bizerra de Hollanda (Oiteiro), dita do Sr. Raymundo de Hollanda Cavalcante (Matadouro), dita do Sr. Pedro Brito (Praia).

Consta-nos que o ilustre Dr. Piquet, que tão relevantes serviços ha prestado ao commercio e a lavoura do Ceará, já tomou medidas neste sentido.”

Sendo favorável a proibição do jogo do bicho na cidade, por motivos como os quais apresenta Silva em sua obra, os redatores do periódico defendem a imitação por parte de outras instituições que proíbam o jogo em seus estabelecimentos. Para eles um "Zé bichento" qualquer ficava por procura de seduzir um cidadão de bem e lhe tirar os poucos bens que tinham. Entre os locais que proíbem a venda do jogo podemos observar o Café Iracema e o do Comércio. O jornal lança mais uma publicação seguindo a mesma linha de pensamento:

- Edição 00002[1] p.3

Jornal A Opinião

Fortaleza, 04 de setembro de 1897./ ANNO I/ Número 2

“Exemplos dignos de imitação

Distincto cidadão acaba de nos avisar que entre os comerciantes que primeiro prohibiram a entrada dos importunos *bichentos* em seus estabelecimentos, deve figurar o nome do nosso amigo e consocio Napoleão proprietário do Café Cascata. Muito bem.

Em carta que recebemoa nos comunicam que o chefe da Empreza Telephonica, compreendendo a inconveniencia do jogo, tomou providencia para que os que trabalham sob sua direcção não continuem a jogar em *bichos*.
Perfeitamente.

A proibição de *cambistas* verdadeiros vehiculoz inconscientes do mal nas casas de commercio, vae-se alargando bastante.

E’ vedada a entrada de *bichentos* em quasi todos os armazéns, constando que diversos comerciantes em grosso receiosos, tratam de suspender o credito de negociantes a retalho que, desviando-se de seu commercio, estão se entregando á jogatina dos *bichos*.

Realmente faz medo.

Aqui temos a ligação dos redatores do jornal com o Café Cascata e seu proprietário. Mesmo com alguns estabelecimentos seguindo o que consideram ser o julgamento correto, proibindo a entrada de cambistas em seus estabelecimentos, mas existe o medo daqueles que perdem o seu crédito se entregando a jogatina. Continuam:

O distinto operario director da Fundação Cearense Snr. Raymundo Freire, tomou providencias para que não entrem cambistas nas officinas.

Pessoa de confiança nos informa que ha dous *bancos* que vendem *bichos* a creanças, cegos e aleijados!

Isto é horrível.

Em algumas casas de trabalho se tem rasgado cardenetas. E' o que se deve fazer pois, si um *Ze bichento* qualquer tem o dierito de seduzir uma creança um operario ou outra qualquer pessoa para o vicio, esta pode repelilo como entender.

Discutiremos esta questão no numero seguinte, para que fique sabido que não ha crime algum na distruição de *poules* de um jogo tão immoral, que o responsaveis com vergonha (?) não assignam.

Os comerciantes abaixos, homens de bem que prezam sua dignidade preferindo viver do trabalho a arriscar seu credito, porque não são patos, nos declararam não consentir aproximação* de cambistas – vulgo *Zé bichento* em suas casas de commercio: Antoio* Arial Souto. (Bemfica.) Francisco Moraes, (Idem,) Luiz Coelho, (Idem.) Antonio Alexandre d'Oliveira (Oiteiro) José Augusto Lopes, (Rua Municipal) Antonio Baptista de Moraes, (E, Mecejana.) Bizerra & Irmão, (Praça Ferreira.)”

Alertam então para bicheiros que tem vendido para crianças, cegos e deficientes. O bicheiro é visto como o mensageiro de algo imoral, que está ali apenas para tirar do trabalhador e roubar a população, todo aquele que se apresenta contra este jogo e a figura de um bicheiro é retratado por eles como homem de bem, de moral e boa conduta. Os Cafés aparecem enquanto espaços frequentados por bicheiros, nem todos parecem se pronunciar contra o jogo.

O que vimos até aqui na imprensa mostra uma diversidade de Cafés muito grande pela capital, não somente encontrados em torno da Praça do Ferreira. No decorrer da década de 1890 muitos estabelecimentos são inaugurados na cidade, muitos dos produtos encontrados se repetem nos Cafés, como vimos em muitos anúncios. Uma propaganda um pouco mais especializada na bebida que dá nome ao estabelecimento é encontrada em 1897, no jornal *A Rua*:

A Rua**1897****- Edição 00002[1] p.4****Jornal A Rua****Fortaleza - Sabbado 25 de dezembro de 1897./ ANNO I/ Número 2****“CAFÉ PERY****TORRAÇÃO A VAPOR****Especial Café torrado e moido na presença do freguez****VENDE-SE:**

Café moido simplesmente

Café torrado com assucar

Extrato de Café em garrafas

Creme ou Chocolate de Café

Assucar refinado e chrystalizado

O creme e o extracto de café concentrado são de grande vantagem para as pessoas que viajam por terra, nos trens, ou a bordo de navios onde o Café é sempre de má qualidade.

Prepara-se o creme ou Café concentrado, dissolvendo-se n'agua fervendo os pequenos pães e colherinhas de café, já adoçados convenientemente. Cada porção regula uma chicara do saboroso Café.

Aqui já observamos o foco em tipos variados de café, além de uma propaganda mais específica para o produto. Mas ainda assim as propagandas sobre estes espaços foram as mais variadas possíveis. Observamos mecanismo Café enquanto um reflexo da sociedade na qual ele está inserido.

Com contradições, distinções, práticas e sociabilidades, estes espaços foram utilizados das mais diversas formas, pelos mais diversos tipos presentes na população de Fortaleza. Entre estes Cafés, além dos quatro de maior destaque na Praça do Ferreira e alguns dos que apresentamos aqui através da imprensa, alguns outros estiveram presentes nas memórias de alguns intelectuais, como Gustavo Barroso e Otacílio de Azevedo, passaremos a analisá-los e trataremos do fim dos anos de 1920, com a demolição dos quatro quiosques que tanto deram impulso aos Cafés locais.

4.2 FECHER A PORTA DA DIREITA COM MUITO CUIDADO: OS CAFÉS FORA DA PRAÇA DO FERREIRA E A DEMOLIÇÃO DOS PIONEIROS.

No chegar dos anos de 1920, temos a confirmação do que já havíamos adiantado aqui, a demolição dos quatro quiosques nas esquinas da Praça do Ferreira. As construções de madeira que receberam o Café Java, Café Elegante, Café do Comércio e o Café Iracema são postas em demolição no mandato de Godofredo Maciel em nome de uma suposta modernização da Praça que os alojava.

Não há dúvidas depois do manuseio das fontes que utilizamos incluindo literatura, livros de memórias, crônicas, revistas, jornais, fotografias e relatórios comerciais que o Café Java juntamente com o seu primeiro proprietário e fundador, Mané Coco, foi o que mais recebeu destaque nestas documentações. Mesmo com a presença de outros intelectuais no Java, é a Padaria Espiritual que dá o tom desta importância, o sucesso dos Padeiros a sua época e posteriormente acabou por mergulhar também no Café Java e em Mané Coco.

Estes quatro Cafés, já comprovado que estão bem longe de serem os únicos na cidade, foram os pioneiros, com as suas táticas, utilizando seus espaços para a venda de outros produtos que não faziam parte de um Café tradicional, o que fez o Café Iracema ser tratado em alguns relatos como restaurante e não como Café, cedendo o espaço para viajantes do interior, recebendo mendigos as suas portas e claro, as agremiações e intelectuais.

Segundo algumas fontes como *A Praça*, foram estes quatro que serviram de inspiração para muitos outros surgirem, com a sua saída da Praça do Ferreira, ficava a pergunta de quem ocuparia o status de importância daqueles Cafés, mesmo com a sua existência continuando em outros locais, segundo Girão, ela já tinha mais a mesma força.

Cafés se espalharam pela cidade, para além do centro e Benfica (naquela época Bemfica), Parangaba e também pelo interior tinha-se notícias destes estabelecimentos abrindo as suas portas. Alguns outros ganharam destaque na capital, vejamos.

O Café Pery, que citamos ao fim do tópico anterior, esteve presente nas memórias de Gustavo Barroso (1989). Barroso cita o Café no espaço reservado as suas memórias de 1899. Na imprensa o Pery trazia anúncios de vários tipos de café, detalhando o modo de preparo e indicando o produto para aqueles que viajavam a pé, de

trem ou navio, já que estes iriam encarar péssimos cafês em suas viagens. Sobre o espaço, Barroso escreveu:

O café Peri

Seria grave injustiça não incluir entre essas tentações o Café Peri, situado ao lado da Praça do Ferreira, do lado da rua Major Facundo. A primeira casa de torrefação de café que se abriu em Fortaleza, fundada por um irmão de meu padrinho, Álvaro Leal de Miranda que habitava o prédio contíguo. Tinha dois filhos um pouco mais velho do que eu, com quem me dava: Narciso, que morreu muito cedo, e Raul, atual proprietário do “Pavilhão” a rua do Ouvidor. Brincava algumas vezes com este, mas admirava loucamente o gênio inventivo do outro. Jamais conheci na vida alguém com a habilidade manual de Narciso Miranda. Fabricava pequeninos motores a corda ou a vapor, com que fazia mover o que queria: casas, bonecos, bichos. Fez uma reprodução em miniatura da torrefação paterna, que eu apreciava horas e horas, embevecido. As visitas ao Narciso no Café Peri atraíam-me a gazetas ou me forçavam a chegar tarde às aulas. (BARROSO, 1989: 26).

Mesmo citando a torrefação, ato de deixar o grão de café com melhor aroma e sabor através de um "cozimento" a altas temperaturas, como um dos diferenciais do estabelecimento, que teria sido o primeiro a praticar tal feito, Barroso fala das suas principais lembranças até aqui no Café Peri pelas outras práticas que exercia quando criança no local, a afetividade e proximidade, de certa forma familiar, com o proprietário do Café faziam com que passasse algum tempo ali. Continua:

O pai de Narciso, Álvaro de Miranda, tinha a bossa da publicidade, que demonstrava diariamente, apesar do atraso na imprensa na pequena capital nordestina. Raro o dia em que não aparecessem nos jornais contos fantásticos, relatos sensacionais, descobertas estupendas, terminando sempre com a surpresa de um anúncio dum anúncio do produto. Conseguia que os melhores poetas da terra escrevessem versos sobre seu café moído. Por toda a parte estampavam um poemeto da famosa poetisa Francisca Clotilde, com este final:

Portanto é comprarem todos,
Na praça ilustre da história,
O célebre Café Peri,
Para cantar a vitória! BARROSO, 1989: 26).

Neste segundo momento, Barroso mostra dois fatores interessantes ao se tratar tanto da cidade quanto dos Cafês, o atraso, considerado por ele, da imprensa local, baseado na estruturação comum a muitos dos jornais da capital, com textos fantásticos, sensacionais, falando sobre novas descobertas, parecendo querer sempre enaltecer aquele momento, como de grande avanço nas áreas científicas e filosóficas, através de textos muitas vezes complexos, mas sem nenhum significado para a maior parte da população que estava sob as correntes do analfabetismo e da exploração. Além dos

anúncios, principalmente de lojas, produtos e espaços que iriam enaltecer as condutas morais da sociedade e melhorar a estética e desempenho físico daqueles que ali viviam. O fato do poema escrito para o Café acontece também para outros além do Peri, era comum a escrita de alguns versos para enaltecer e fazer propaganda de algum espaço que lhe tinha algum tipo de importância.

Outro Café que ganha destaque nas memórias é o Café do Pedro Eugênio, descrito por Otacílio de Azevedo (1992). Este foge um pouco a linha da Praça do Ferreira, localizado nas proximidades do Benfica:

O Café do Pedro Eugênio

O antigo Café do Pedro Eugênio ficava na segunda seção da linha do Benfica, ao lado dos números pares, tendo de ambos os lados frondosas mangueiras, à cuja sombra hospitaleira eram colocadas bancas de mármore e cadeira de ferro, desarmáveis, com assentos e encostos de madeira envernizada. Assemelhava-se ao Café Java Ovídio, na Praça do Ferreira. Era feito de talisca de madeira pintadas de verde, com labrequins brancos. O proprietário morava vizinho e, quando aparecia altas horas da noite um bando de seresteiros, levantava-se e ia abrir o estabelecimento a fim de servir com a melhor aguardente do cumbe, feita em alambique de barro, no Aracati. (AZEVEDO, 1992: 32).

Otacílio de Azevedo fala das semelhanças físicas com o Café Java, já sob administração de Ovídio, como morava vizinho ao seu estabelecimento, Pedro Eugênio abria o Café quase que a mando dos seresteiros que iam ao seu estabelecimento, segundo Azevedo, passando uma ideia de boa relação com os mesmos, já que o proprietário abria as suas portas para servir "a melhor aguardente do cumbe", feita em Aracati. Continua:

Em 1906, ao se deitar certa noite, ouviu que estavam cantando em frente ao seu quiosque, mas o seu enfado e sono eram tão grandes que não teve coragem de se levantar para abrir o café. Ferrou no melhor sono deste mundo. Manhã cedo, quando foi abrir o café, verificouse, assombrado, que a porta havia sido aberta à força. Constatou, surpreso que, sobre uma das mesas de mármore branco havia um livro de poesias e muitas quadras estavam escritas a lápis na mesa, todas assinadas com o nome dos respectivos autores: Raimundo Ramos, Fernando Weyne, Quintinho Cunha, Virgílio Brandão, Amadeu X. de Castro, Carlos Severo,, Carlos Gondim todos poetas, e os músicos Mamede Cirino, Elesbão, Abel Canuto e Pompílio. O livro de poesias era Cantares Boêmios de Raimundo Ramos, mais conhecido como Ramos Cotoco. O episódio despertou a atenção de todos e um jornalista da época escreveu sobre o fato uma reportagem que saiu publicada em O Malho, revista de grande circulação em todo o Brasil. A pedra na qual foram escritas as trovas foi conservada durante vários anos, coberta com um vidro e enviada para o Rio de Janeiro, em 1915, quando faleceu Pedro Eugênio. (AZEVEDO, 1992: 33 - 34).

Quando utilizamos aqui o conceito de *sociabilidade* viemos até este momento nos referindo a *práticas* nos espaços dos Quiosques e Cafés que rompessem com a ideia de um estabelecimento única e exclusivamente utilizado para fins comerciais e que a partir dele fossem gerados hábitos que envolvessem tanto traços de poder intelectual, mas também afetivos. Não seria um erro afirmar que quase sempre os usos intelectuais do espaço vinham ligados por uma linha afetiva, independente da ordem de desenvolvimento de ambas.

O que vimos até aqui são espaços utilizados para os mais diversos fins, para matar o cansaço do trabalho, para o divertimento do fim de tarde, para vigiar as ruas, para conversar, sobre política, sobre qualquer outro assunto e quem sabe, gastar algum dinheiro ali, mas este, nem sempre, é a prioridade. Por que não usar um estabelecimento como este para criar uma das obras mais conhecidas do intelectual Ramos Cotoco? Seria esta a afirmação que escreve Otacílio de Azevedo, ao se referir a um dos usos do Café de Pedro Eugênio, quando mesmo dormindo, Pedro teve seu estabelecimento praticamente invadido por aqueles que ali se encontravam, segundo Azevedo, este fato teria destaque nacional. Seguindo em suas memórias sobre o Café:

Aquele suave retiro espiritual, verdadeira colméia de poetas e artistas, era um oásis, um seio de Abraão, onde, de sábado a domingo, iam centenas de pessoas de todos os bairros de Fortaleza, saborear o delicioso mungunzá, a suculenta panelada com unhas de boi, os doces, as tapiocas, o pão de milho, os refrescos, arroz doce e outros quitutes. No Café do Pedro Eugênio recitavase, cantavase falavase de política. Muitas vezes a conversa esquentava e atravessava a noite inteira. Discutiam com ardor Walter Pompeu, Moésia Rolim, Moacir Caminha, Juarez Castelo Branco, José Leví, Eurico Pinto, Chammarion, Quintino Cunha, Ulisses Bezerra, Oscar Domingues e muitos outros. O café era, sobretudo, um recanto pitoresco, distante do bulício do centro da cidade e onde se podia apreciar a natureza debaixo das frondosas mangueiras, à viração constante da brisa. Pedro Eugênio, a conselho de sua mulher, que se achava cansada do trabalho que lhe davam os quitutes, vendeu o café muito contra a sua vontade e mudou-se para bem distante. (AZEVEDO, 1992: 33 - 34).

Para além das práticas intelectuais, que envolviam poetas e artistas, debatendo política e conversas sobre os mais variados assuntos, Azevedo também destaca a comida do local, algumas que já vimos em outros Cafés e outras novidades como a panelada, que não se encaixaria como um alimento comum aos Cafés tradicionais, o arroz doce e o mungunzá. Outro fator diferencial é a localidade, afastada do "bulício da cidade" e permitindo apreciar a natureza e sentir a viração constante da brisa. Pedro Eugênio, por conta do trabalho exaustivo, vendeu o Café a pedido de sua

esposa, mas contra a sua vontade, como descreve Azevedo. Por fim ele afirma em suas memórias:

Com a sua saída, o café começou a decair e a freguesia a procurar outros locais. Um dia, Tomé Mota, dono da Empresa Ferro Carril (de bondes puxados a burro) descobriu que aquela linha não estava dando lucro, o que se devia ao fraco movimento do café. Procurou o velho Eugênio e propôs recomprar o estabelecimento e entregá-lo novamente ao antigo dono. Pedro Eugênio não hesitou, pois as saudades eram muitas. E voltou, feliz, ao ninho antigo. Logo depois da instalação da nova Companhia de Bondes Elétricos, estabeleceu-se, frente ao Café, uma parada obrigatória. Pedro Eugênio residia no casarão vizinho, onde foi o Dispensário dos Pobres e, quando ouvia uma serenata, levantava-se e ia abrir o café. Com o seu transpasse, poetas, músicos, cantores, tudo debandou, retornando à Praça do Ferreira, a eterna acolhedora dos pobres, dos humildes e dos boêmios sonhadores... (AZEVEDO, 1992: 34).

Partindo das memórias de Azevedo sobre o Café de Pedro Eugênio podemos destacar mais uma vez a ligação dos Cafés com o ambiente em volta. Primeiramente, temos a afirmação de uma ligação não só com o espaço, mas também com o seu proprietário. O tratamento dado por Pedro aos boêmios que frequentavam o seu Café era diferenciado, basta o fato de ele abrir o estabelecimento quando os poetas chegavam fazendo barulho a sua porta. Podemos observar este mesmo tratamento especial por parte de Mané Coco com os Padeiros, as comemorações de aniversário, um quiosque a parte só para os membros da Padaria, atitudes que fortaleciam essa ligação afetiva não somente com o espaço físico, mas com as pessoas que ali estavam e cuidavam do Café, fator esse que pode ser confirmado se pensarmos a queda de frequentadores nos Cafés com as mudanças de proprietários, tanto no Java quanto no Café de Pedro.

Se pensarmos o Café como uma pequena indústria, ele depende e ao mesmo tempo movimenta outras ao seu redor, como vimos quanto aos Cafés da Praça do Ferreira, a eletricidade, os bondes, os cinemas, tudo estava interligado, aumentando ou diminuindo o movimento em outros estabelecimentos. Nas memórias de Azevedo temos a ligação entre a Ferro Carril e o Café de Pedro, que ao vender o seu estabelecimento, acabou indiretamente fazendo com que a empresa de transportes perdesse clientes naquela rota. Por fim, temos um fator que marcou a Praça do Ferreira por boa parte do século XX, a Praça que sempre abrigou a todos, velhos, boêmios, poetas, pobres, todos acabavam se encontrando ali, tendo nela a referência do centro da cidade.

Os dois últimos Cafés que gostaríamos de analisar aqui são o Riche e o Maison Art Nouveau. Ambos citados em *A Praça e o Povo*, por Alberto Galeno (1991). Segundo Galeno:

Uma confraria muito chegada à Praça era a dos poetas. Eles buscavam de preferência os cafés para as suas papeações luminosas, havendo estabelecimentos que lhes tocavam de perto, como o “Café Riche” e o “Maison Art Nouveau”. Era lá onde os menestréis maiores do Ceara reuniam-se para declamar seus versos de ouro, enchendo o ambiente de ritmos e de magnificência. Cruz Filho, Mario da Silveira, José Albano, Alf, de Castro, Otacílio de Azevedo, Júlio Maciel, Carolos Gondim e mais uma ou outra raridade brilhante ali nunca faltaram no decorrer dos anos 20. Constituíam eles uma plêiade de clássicos, parnasianos e simbolistas. Mas, como chamá-los? Poetas do Ceará ou poetas da Grécia, de Portugal e da França? Porque, estranhos não seriam apenas os seus modos de versejar os preciosismos estilísticos, mas, principalmente, as motivações. Em seus versos parecíamos estar na Grécia antiga, com tantos deuses e deusas. E os heróis da Guerra de Tróia? Ulisses, Helena, Aquilles e caterva? Teríamos que retroceder no tempo e no espaço para alcançá-los, tarefas que não se apresentava difícil aos senhores Alf. de Castro e Cruz Filho. Mais chegados ao nosso jeito eram, decerto, aqueles poetas que no ano de 1892, no quiosque de um certo Mané Coco, fundaram a Padaria Espiritual. Estes pelo menos tiveram o espírito crítico dos cabeças chatas, tão presente ali mesmo na Praça do Ferreira. (GALENO, 1991: 29).

Galeno reafirma o que acabamos por presenciar em outras fontes, o gosto dos intelectuais pelas Praças e pelos Cafés, mais uma vez aparecendo à figura de Otacílio de Azevedo, mas agora no centro da cidade. Aqui aparecem dois outros Cafés, o Riche e o Maison Nouveau, entretanto, Galeno critica a figura destes intelectuais que teriam pouco do Ceará e muito das terras daqui distante, como a Grécia, Portugal e França. Acaba por enaltecer a Padaria Espiritual e o quiosque de Mané Coco, pois ali teriam intelectuais que exaltam a cultura dos "cabeças chatas". Continua:

(...) Alguns dos menestréis do “Maison Art Nouveau” tiveram vida e morte parecidas com as dos personagens nos quais buscaram inspiração. Do abismo tão frequente em seus versos de ouro eles não lograram provar, visto tratar-se de bebidas menos raras, como os vinhos e conhaques, a cerveja e, em último caso, a nossa popularíssima cachaça. Seguindo o exemplo dos cavaleiros medievais, eles mataram e morreram pelas suas bem amadas. Carlos Gondim curtiu cadeia (12) nos começos da década de 20, por haver morto a um homem por questão de mulher. Anos depois seria assassinado misteriosamente quando participava de um bacanal em companhia de Sidney Neto. Na mesma época, Mário da Silveira era abatido a tiros, na Praça do Ferreira, por um cavaleiro de nome Olavo Gomes do Rêgo, na disputa de uma bela moça, a sertaneja Anita Barbosa Lima. Por sua vez, José Albano morreria louco, recitando Homero no idioma grego. Cruz Filho, este sobreviveu aos confrades do Art Nouveau. Morreu quase nonagenário, em 29 de agosto de 1974, abandonado dos deuses e das deusas, solteirão impenitente, tendo por companhia um macaco pré-histórico o pitecantropus

erectus cuja estatueta em bronze erguiase sobre a sua escrivaninha. (GALENO, 1991: 29 - 30).

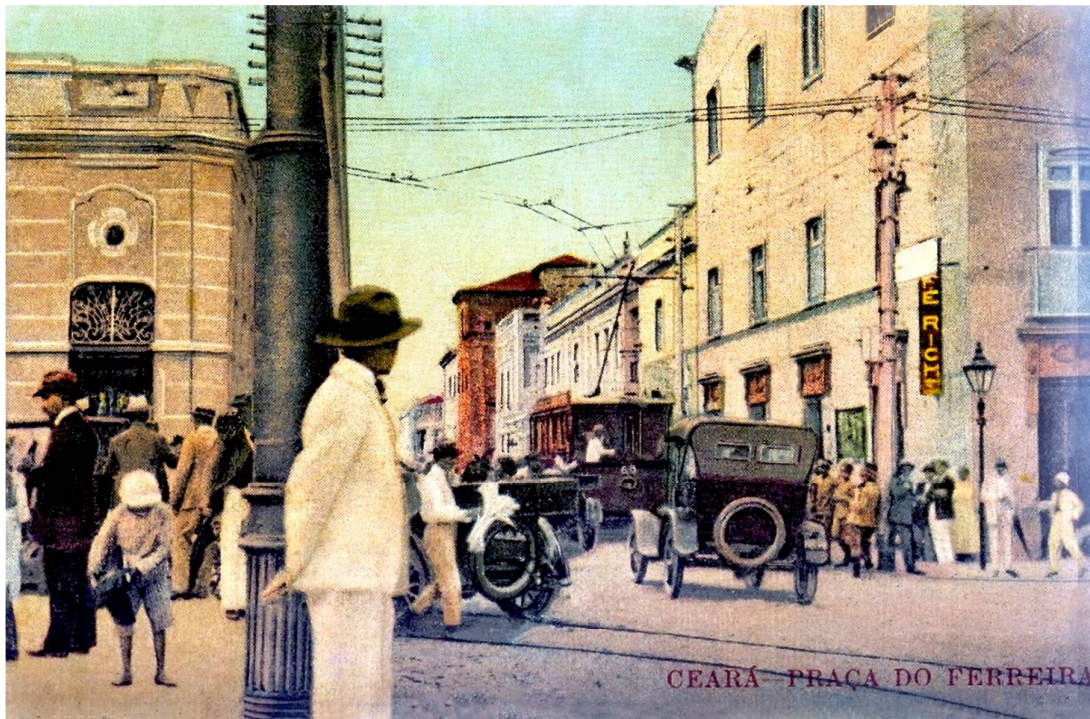
Galeno aponta para a similaridade das ações de alguns dos intelectuais que frequentavam os Cafés com as ideias que defendiam, neste caso, muitos daqueles que frequentavam o Maison e defendiam romances com visões quase que medievais, acabaram alguns por morrer em disputas amorosas, levavam estilos de vida muito ímpares, acabavam por seguir quase que ao risco muito do que escreviam. Galeno destaca o papel dos Cafés para o surgimento e encontro de agremiações locais:

Ao facilitarem as reuniões dos nossos literatos estavam os cafés da Praça do Ferreira colaborando valiosamente para o desenvolvimento cultural do Ceará. Quanta verve, quanta poesia, quanta prosa espargindo nos salões daquelas casas de pasto, para depois ganharem corpo, espalhando-se pela terra do Sol e das secas, fonte maior de inspiração! Primeiro foi Manuel Coco, sediando em seu quiosque a Padaria Espiritual. Depois foi a vez do “Café Rinche” e do “Art Nouveau”, de ninho a Parnasianos e Simbolistas. Por último o “Café Globo”. No “Globo”, aí por entre as décadas de 40 e o de 50, os maiores astros do humorismo cearense. Ali nunca faltavam Quintino, Renato Sôldon, Leonardo Mota, Padre Quinderê, o advogado R. Gomes de Matos, Silveira Marinho e Jäder de Carvalho, postos a divertirem os circunstantes com a sua verve inesgotável. Mais do que nas academias de letras de reunião secretas como as da Marçonaria havia presença, animação e criatividade nessas reuniões dos cafés da Praça do Ferreira. Ainda no “Café Globo” nasceria, no após guerra, uma sociedade integrada de jovens literatos, que recebeu o nome de “Grupo Clã”. . (GALENO, 1991: 27 - 39).

Essa facilitação destacada por Galeno pode estar diretamente ligada ao horário de funcionamento dos Cafés, que se permitiam, ao fim do horário comercial, um local de acessibilidade aos que trabalhavam no comércio, diferentemente de outros espaços que poderiam até possuir um teor mais importante naquele momento para alguns intelectuais, como a Biblioteca Pública. Como vemos muitos grupos acabam se encontrando nos Cafés, temos o exemplo do Café Globo e do grupo Clã que já estão além do nosso recorte, mas que também obtiveram destaque local por suas publicações.

Em um postal colorido dos anos 20, podemos observar um pouco da organização urbana naquele momento, além de observarmos o Café Riche ao fundo:

Figura 11 - Cartão Postal dos anos 20, no qual um observador olha da Praça do Ferreira. A direita da imagem podemos observar com alguma movimentação na calçada o Café Riche



Fonte: . Arquivo Nirez.

Pelo postal já temos em volta da Praça do Ferreira muitas mudanças, os anos 20 trazem muitas delas. O censo de 1920 consta a cidade com cerca de 77.000 habitantes, em 1913 já haviam sido substituídos os bondes a tração animal por bondes elétricos, as ruas com iluminação a gás carbônico, mas o interior das casas já contava com energia elétrica.

Muitas fábricas já chegavam à cidade desde metade do século XIX, com elas muitos estrangeiros. Todas essas mudanças afetavam as Praças e também os Cafés:

Figura 12 - Praça do Ferreira com o coreto ao centro e já sem os quiosques ao final dos anos 20.



Fonte: Arquivo Nirez.

Esse tom de modernização teria sido o motivo da retirada dos quatro quiosques com feição colonial por Godofredo Maciel. Os Cafés da Praça do Ferreira tentaram sobreviver fora dela, sem muito êxito.

Os Cafés continuam após os anos de 1920, mas sem a presença de muitas agremiações que marcaram época na transição do XIX para o XX, mas a presença ou não de um intelectual não delimita a sociabilidade, esta existe e independe de classe ou capital financeiro e intelectual. A sociabilidade continua nos Cafés, nas Praças, nos Parques, com as transformações que vieram com ainda mais força durante a década de 1960, os bares e botecos também passam a receber indivíduos que buscam um lugar para cantar, declamar e jogar conversa fora, sem se preocupar com preços.

Em 1945 temos Marciano Lopes trazendo alguns relatos desses espaços que teimam em sobreviver:

Nos idos de 45, quase todas as esquinas do centro comercial de Fortaleza tinham um café, sem contar uns poucos de meio de quarteirão. Esses cafés, redutos de bucolismo romântico, que nos anos mais tarde seriam substituídos pelos inexpressivos cafés expressos, tinham um pouco do charme aristocrático do início do Século e um doce toque parisiense. (LOPES, 1996: 55)

Marciano também afirma que:

Nos cafés, que eram reduto exclusivo dos homens – moça e senhora de respeito não freqüentavam cafés – discutia-se política e a ditadura de Vargas, o charuto de Churchill. O talento infantil de Shirley Temple, o suicídio de Hitler e a guerra recém-terminada, a Europa dilacerada e a sua reconstrução, a última charge do “O malho”, a exuberância de Cyres Braga. Comentavam sobre o barulho dos bondes da Ceará Light, reclamavam da carestia, do calor, da morosidade na construção do Cine São Luiz. Dividiram-se nos comentários sobre as “Coca-Colas”, uns contra, muitos a favor. (LOPES, 1996: 56).

Já em 45, Marciano Lopes fala dos Cafés, apesar de muitos, com um tom de atraso, como se tivessem parado no tempo e remetessem a algo que já havia sido deixado para trás. Ainda neste ano algumas características permanecem, como os debates políticos e a ausência feminina nestes espaços, uma das poucas que se tem notícias é Raquel de Queiroz, em 1930, nas mesas da Confeitaria Glória, onde teria apresentado pela primeira vez o seu romance, *O Quinze*.

Temos então a sociabilidade ainda permanecendo em novos espaços que vão surgindo, com novas características, novos atores, novos cenários, mas com muitos hábitos e práticas que observamos aqui, seja para a entrega de um postal ou uma carta, para um descanso, observar a natureza ou as pessoas, escrever uma música ou um poema, uma reunião de amigos ou parentes, debater os mais diversos assuntos... Os usos de um espaço não se limitam as ordens que lhe geraram, mas aos modos como estes são apropriados por nós, agentes do cotidiano e praticantes da sociabilidade.

5 CONCLUSÃO

Busquemos, neste último tópico, sintetizar o que analisamos até aqui. Não tomamos estas considerações finais como um ponto definitivo, um ponto final. A ideia que buscamos transmitir no último capítulo foi a de que a sociabilidade continua existindo, mesmo com as mudanças nos Cafés e demais espaços que nos deparamos no decorrer desta pesquisa, as práticas que geram uma sociabilidade independem de um espaço específico para que elas ocorram.

O trabalho com as fontes se mostrou um grande desafio, em alguns momentos eram mínimas as informações sobre os Cafés, seja em jornais, revistas, memórias, crônicas e na literatura, em alguns momentos um único parágrafo destinado a falar das relações que ocorriam nestes locais. Mas com o cruzamento de informações, aos poucos se tornava possível representar os espaços, dos Cafés e da cidade.

Não só os Cafés se mostravam importantes, mas muito dos espaços ao seu redor, as Praças que ficavam próximas, os avanços tecnológicos, como a eletricidade, os bondes, os Cafés dialogavam com tudo a sua volta, interferindo em seu funcionamento, como vimos no caso do Café de Pedro Eugênio e as linhas de bonde que perderam clientes quando o seu estabelecimento fechou e também sofriam interferência como vimos nos casos dos Quiosques da Praça do Ferreira que tiveram o seu funcionamento modificado com as reformas da Praça.

Com o manuseio das fontes que aqui utilizamos, podemos afirmar sem medo algum que a história dos intelectuais dos séculos XIX e XX passa diretamente pela história dos Cafés. É notável a sua presença em quase todos os estabelecimentos da cidade.

Já os Cafés se mostraram muito mais do que espaços comerciais, os usos que observamos aqui foram os mais diversos possíveis. Local para entrega de cartas, espaço de descanso para os caixeiros cansados, escritório de agremiações, ponto de observação da cidade e de seus habitantes. São muitas as práticas possíveis em um Café.

Os quatro Quiosques demolidos da Praça do Ferreira transmitem um pouco da tristeza de quem lida com a dificuldade da preservação de qualquer patrimônio, foram retirados dali como muitos outros espaços demolidos em nome de uma modernização vã.

O uso da memória retratou outro grande desafio, em muitos momentos parece perceptível à tentativa de deixar registrado um legado avançado, um exemplo de

sociedade que não condizia com as realidades sociais relatadas em outros documentos. Em alguns memorialistas e jornais da época que falavam das exaltações de Fortaleza aquele período, como um centro cultural, de grandes mentes, vemos estas informações muito distantes das representações exibidas nos relatórios de Província e em alguns outros jornais.

Observamos em cada capítulo um desafio, mas também um acréscimo aos olhares sobre estes espaços. Pudemos analisar e afirmar que os Cafés não são os espaços fundadores de uma sociabilidade local, mas que passam a ganhar muito destaque e terreno, principalmente com os intelectuais. O seu crescimento não foi linear, passando por altos e baixos mediante as modificações ao seu redor. A sua utilização não foi imediata e a definição enquanto Café não traduz totalmente os seus usos.

Em um segundo momento, vimos às transformações no Java, o pioneiro dos Cafés em Fortaleza. A relação não era mantida apenas com o Café, dada a importância de Mané Coco para os Padeiros, pudemos observar que a Padaria Espiritual teve seu nome ligado diretamente ao Java, mas não foram eles os primeiros intelectuais a se reunirem ali. A sociabilidade se mostrou forte entre os Padeiros, Mané Coco e o Java, não somente enquanto uma sociabilidade intelectual, mas a afetividade nas ações se mostraram quase sempre presentes.

Em um terceiro momento pudemos analisar a diversidade de espaços e outros intelectuais que circulavam por Fortaleza, eram os mais variados tipos, Cafés espalhados por toda a cidade, centro, Benfica, Parangaba. Para além da Praça do Ferreira e suas proximidades, a sociabilidade nos Cafés foi se espalhando por várias localidades em Fortaleza.

Por fim, esperamos de alguma maneira ter contribuído para a historiografia local, mesmo que minimamente, ajudando a preencher uma lacuna, que não pode ser fechada dadas as tantas reviravoltas da História e a sua eterna continuidade, mas apontamos para a possibilidade de novas pesquisas que envolvam tanto os Cafés quanto novos espaços que vão surgindo e sendo praticados gerando novas sociabilidades.

REFERÊNCIAS

ABREU, Berenice. **Intrépidos Romeiros do Progresso: maçons cearenses no Império.** Fortaleza: Museu do Ceará, 2009.

AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. **Correspondência Cordial: Capistrano de Abreu e Guilherme Studart.** Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura, 2003.

AMED, Fernando. **As Cartas de Capistrano de Abreu: Sociabilidade e vida literária na *belle époque* carioca.** São Paulo: Alameda, 2006.

AZEVEDO, Sânzio. **Grêmios Literários do Ceará.** In: SOUZA, Simone de. (Org.) **História do Ceará.** Fortaleza: UFC, Fundação Demócrito Rocha, 1989.

BARROS, Roque Spencer M. “Vida Religiosa. / A Questão Religiosa.” In: **HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org.) História Geral da Civilização Brasileira.** Tomo II, 2 ed. v. 4, São Paulo: DIFEL, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.** São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL, Thomaz Pompeu de Souza. **Rápida Notícia Sobre o Ceará destinada a exposição de Chicago.** Fortaleza : Typ. D'A Republica, 1893.

BURKE, Peter. **História e teoria social.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Capistrano de Abreu (tentativa bibliográfica).** Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil.** São Paulo: Contexto/EDUSP, 2. ed., 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e Indústria.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, **Ronaldo. (Org.) Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____. (org.) e MALERBA, Jurandir. (org.). **Representações: Contribuição a um debate Transdisciplinar.** São Paulo: Papirus Editora, 2000.

CARDOSO, Gleudson Passos. Literatura, imprensa e política. In: **SOUZA, Simone de e NEVES, Frederico de Castro (orgs.).** Intelectuais. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

_____. **Padaria espiritual.** Biscoito fino e travoso. 1.ed. Fortaleza: secretaria de cultura e desporto do ceará, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem:** a elite política imperial / O teatro das sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ / Relume Dumará, 1996.

_____. **A Formação das Almas.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano.** Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, , Tradução: Ephraim Ferreira Alves, 1994.

_____. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. (). **“The world as representation (1989)”.** In: REVEL, J. e HUNT, L. (orgs.) *Histories. French constructions of the past.* Trad. De Arthur Goldhammer. Nova York: The New Press, 1995.

CORDEIRO, Celeste. **Antigos e Modernos:** progressismo e reação tradicionalista no ceará provincial. São Paulo: Annablume, 1997.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República:** Momentos Decisivos. 7 Ed. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: Sul-Americana, v. 3, 1968.

ELIAS, N. **O processo civilizador:** Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

FAUSTO. Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Ed. USP, 1995.

FERNANDES, Ana Carla S. **A Imprensa em Pauta:** entre as contendas e as paixões partidárias dos jornais: Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX. Fortaleza: Dissertação de Mestrado em História Social defendida na Universidade Federal do Ceará, 2004.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense, 1986.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). **História geral da Civilização Brasileira.** Tomo II: O Brasil Monárquico. v.5. “Do Império à República”. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1942.

LINS, Ivan. **História do Positivismo no Brasil.** São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1964.

MARTINS, José de Souza. **O Poder do Atraso**: Ensaios de Sociologia da História Lenta. 2. ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1999.

MELO, Josemir Camilo de. “**Ceará**: Abolição Precoce ou Crise Econômica.” In: MONTENEGRO, João Alfredo de S. et alli. **Abolição da Escravatura no Ceará**: uma abordagem crítica. Fortaleza: NUDOC/UFC, s.d. 1995.

MENEZES, Djacir. “Prefácio” a ROCHA LIMA, ROCHA LIMA, R. A. da. **Crítica e Literatura**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1968.

MOTA, Carlos Guilherme. **Idéia de Revolução no Brasil (1789-1801)** – Estudos das formas de pensamento. Petrópolis: Vozes, 1979.

PINHEIRO, Francisco José. **O Processo de Romanização no Ceará**. In: SOUZA, Simone de. (Org.) **História do Ceará**. Fortaleza: UFC, Fundação Demócrito Rocha, 1989.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**. Fortaleza: FDR/Multigraf, 1993.

PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil**. Brasiliense: São Paulo, 1945.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1.ed. 1956.

SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor as Batatas**. Formas Literárias e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro. São Paulo, 1977.

SILVA, M. A. F. **Humor, Vergonha e Decoro na Cidade de Fortaleza (1850-1890)**. 1. ed. Fortaleza: Museu do Ceará - SECULT, 2009.

SMITH, Adam. **Uma Investigação Sobre a Natureza e Causas da Riqueza das Nações**. São Paulo: Hemus Editora, Trad. Norberto de Paula Lima, 1981.

SOUZA, Simone de (org). **Uma Nova História do Ceará**. - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

_____. (Coord.) **História do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

ACERVOS CONSULTADOS E FONTES

ACERVOS CONSULTADOS

Biblioteca da Universidade Estadual do Ceará – Fortaleza

Biblioteca da Universidade Federal do Ceará – Fortaleza

Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Fortaleza

Acervo da Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro

Acervo Nirez - Fortaleza

Sebo O Geraldo - Fortaleza.

FONTES

LIVROS DE MEMÓRIA E CRÔNICAS:

ADERALDO, Mozart Soriano. A Praça. Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tipogresso, 1989.

ALENCAR, Edigar de. Fortaleza de ontem e anteontem. Fortaleza: UFC, 1980.

AZEVEDO, Otacílio de. Fortaleza descalça. Fortaleza: UFC, 1992.

CAMPOS, Eduardo. O retrato da praça. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2002.

MENEZES, Raimundo de. Coisas que o tempo levou. Fortaleza: Edésio Editor, 1938.

MONTENEGRO, Abelardo. A Praça do Ferreira. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1959.

MOTA, Leonardo. A Padaria Espiritual. 2. ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar – UFC, 1995.

NOGUEIRA, João. Cidade de Fortaleza. In: Revista do Instituto do Ceará. 1942.

_____. Fortaleza Velha. 2. Ed. Fortaleza: Ed. UFC, 1981.

OLIVEIRA, João Perdigão de. In: A Jangada, nº 25. Fortaleza: Dezembro de 1912.

SALES, Antônio. Novos Retratos & Lembranças. Fortaleza: Casa de José de Alencar – UFC, 1995.

TEÓFILO, Rodolfo. Scenas & typos. Fortaleza: Assis Bezerra, 1919.

LOPES, Marciano. Royal Briar: A Fortaleza dos ano 40. Fortaleza: 1988.

GALENO, Alberto S. A praça e o povo: homens e acontecimentos que fizeram a história da Praça do Ferreira. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

JORNAIS E REVISTAS:

A Quinzena (1887 – 1888).

Iracema – Revista do Centro Literário (1895 – 1896).

O Pão... Da Padaria Espiritual (1892; 1895 – 1896).

Revista da Academia Cearense (1895 – 1920).

Revista do Instituto do Ceará (1888 – 1924).